

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

Fernanda Santos de Abreu

**LAZER, GÊNERO E PANDEMIA: Percepções e experiências de  
professores e professoras de Educação Física da rede pública de  
ensino de Sete Lagoas/MG**

Belo Horizonte  
2022

Fernanda Santos de Abreu

**LAZER, GÊNERO E PANDEMIA: Percepções e experiências de  
professores e professoras de Educação Física da rede pública de  
ensino de Sete Lagoas/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Identidade, sociabilidades e práticas de lazer.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisângela Chaves

Belo Horizonte

2022

A1621 Abreu, Fernanda Santos de  
2022 Lazer, gênero e pandemia: percepções e experiências de professores e professoras de educação física da rede pública de ensino de Sete Lagoas/MG / [manuscrito].  
Fernanda Santos de Abreu – 2022.  
159 f.: il.

Orientadora: Elisângela Chaves

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 135-147

1. Lazer – Teses. 2. Lazer – Aspectos sociais – Teses. 3. Professores de educação física – Teses. 4. Relações de gênero – Teses. I. Chaves, Elisângela. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 378.8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

### ATA DA 179ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

#### FERNANDA SANTOS DE ABREU

Às 14h00min do dia 23 de novembro de 2022 reuniu-se no Auditório Maria Lúcia Paixão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho “LAZER, GÊNERO E PANDEMIA: percepções e experiências de professores e professoras de Educação Física da rede pública de ensino de Sete Lagoas/MG”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestra em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Elisangela Chaves, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profa. Dra. Elisangela Chaves (Orientadora)	X	
Profa. Dra. Marcilia de Sousa Silva (UFV)	X	

Profa. Dra. Tania Mara Vieira Sampaio (UFMG)	X	
--	---	--

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 23 de novembro de 2022.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Elisangela Chaves, Professora do Magistério Superior**, em 01/12/2022, às 07:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tânia Mara Vieira Sampaio, Usuária Externa**, em 01/12/2022, às 19:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcília de Sousa Silva, Usuária Externa**, em 29/12/2022, às 15:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1873550** e o código CRC **FD196E16**.

“Todas as vitórias ocultam uma  
abdicação”

Simone de Beauvoir.

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus, que me permitiu realizar esse sonho, me dando força e serenidade para encarar as dificuldades que fazem parte. Afinal, quem foi que disse que seria fácil? A dificuldade engrandece a conquista.

Agradeço aos meus pais o senhor Adão de Abreu e Silva e a senhora Nilce Santos de Oliveira Silva, duas pessoas de origem humilde, que não tiveram tantas oportunidades de estudo e que estudaram somente até a 4ª série. Pai, o senhor, com suas palavras duras e sua cobrança pelo estudo, me fizeram criar uma consciência de que somente através da educação poderíamos mudar a nossa realidade para melhor.

Mãe, a senhora é o meu maior exemplo de vida, sua fé, sua esperança, sua perseverança, sua resiliência me tornaram uma pessoa melhor mais consciente e batalhadora. E eu tenho muito orgulho de ser sua filha.

Minhas irmãs, as gêmeas Gleide e Gleidiâne... vocês me demonstram a cada dia que nós mulheres podemos construir nossa própria história cada uma do seu jeitinho. Com vocês, aprendo a cada dia a importância da esperança em dias melhores, tendo a certeza que a nossa fé é o alimento da nossa vida – e que sim acreditamos em milagres.

Arthur, meu sobrinho, faz 17 anos que você mudou a nossa família e a cada dia a gente aprende com a sua inocência, o quanto o amor é puro, genuíno e capaz de transformar as nossas vidas. Obrigada pela paciência com a tia às vezes ausente – a tia que, quando o notebook estraga, precisa usar o seu computador por horas e horas. Obrigada, “Zé”.

Tenho muito orgulho da minha família e dos meus familiares paternos e maternos. Família, eu amo a cada um e tudo isso é por vocês.

Esse sonho começou em 2015, quando, ainda na graduação em Licenciatura em Educação Física, tive a disciplina: Fundamentos do Lazer, com a professora Carla Augusta Nogueira Lima e Santos.

Professora Carla, você e a sua disciplina foram o ponto inicial do meu sonho, me encantei por suas aulas e pelo quanto o lazer pode se

tornar uma importante ferramenta de análise humana e social. E ali eu me encontrei, não atoa colegas de turma me apelidaram de “Marcellina”.

Isso se refletiu na escolha do meu tema para o trabalho de conclusão de curso da graduação, quando entra em cena uma outra professora: Cristiane Oliveira Pisani Martini.

Professora Cristiane, todas as nossas conversas e a sua visão de mundo me formaram para além da especificidade da EF. Você me mostrou o quão humana a nossa profissão nos faz. E você me orientou com o tema lazer e juventude, tendo como público alunos de uma escola estadual de Sete Lagoas, sendo, que coincidentemente, em 2017 me tornei professora efetiva de EF.

Carla e Cristiane, vocês marcaram a minha história e foram grandes incentivadoras durante toda essa trajetória do Mestrado. Obrigada por tudo, sem vocês nada disso seria possível.

Agradeço também a todos os professores e professoras que participaram do meu processo de formação, da Escola Municipal Lucas Rodrigo, da Escola Estadual Professora Elza Moreira Lopes e, já na graduação e especialização, aos docentes do Centro Universitário de Sete Lagoas (UNIFEMM) e da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Essa pesquisa não poderia ter um público diferente. Professores e professoras marcaram minha trajetória e a educação mudou a realidade da minha família. Portanto, deixo o meu agradecimento a cada professor e professora que aceitou participar deste estudo. Sem a contribuição de vocês a realização desse sonho não seria possível. A vocês, todo o meu respeito e admiração.

Essa trajetória só se tornou mais leve porque tenho comigo amigas que me enriquecem enquanto pessoa: Clara, Isabella, Aline, Ana C., Joyce, Grazi, Tatiane, Clarisse e Túlio, obrigada pela paciência, pelo incentivo e por me ajudarem da maneira que conseguiam mesmo distante. Nessa trajetória também, muita terapia fez parte do processo. Então, minha psicóloga, Bruna, obrigada por me ajudar a caminhar esse percurso.

Agradeço aos colegas de turma do mestrado, em especial, a Keila, com quem compartilhei angústias, alegrias e com quem também produzi para eventos. Obrigada pela parceria. Agradeço também ao Danilo,

secretário do programa, que é uma pessoa iluminada. Você é diferenciado.

Aos professores e professoras que tive a oportunidade de conhecer nas disciplinas que cursei: Luciano Pereira, Hélder Isayama, Flávia Santos, Cristiane Miryam. A vocês, toda minha admiração, respeito e gratidão.

Não poderia deixar de agradecer ao grupo de pesquisa Oricolé – Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer. Participar das reuniões e dos debates me enriqueceram enquanto mestranda e também como pessoa. Gratidão por tudo!

Em especial agradeço a Doiara por todo companheirismo, amor, dedicação, respeito e paciência durante essa jornada. Ter você comigo nesse caminho mudou tudo, e não existiriam palavras suficientes para tentar descrever a minha gratidão por tudo que você me proporciona. Obrigada por enriquecer a minha história, por compartilhar comigo toda a sua sabedoria. Você é uma mulher, professora, filha...incrível e inspiradora.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, à Universidade Federal de Minas Gerais por essa oportunidade. É uma honra ser estudante dessa instituição. Em especial, agradeço à professora Elisângela Chaves, orientadora desse estudo e parceira nesse caminho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus alunos e alunas da Escola Estadual Doutor Olinto Sátyro Alvim, que diversas vezes notaram o meu cansaço, em alguns momentos, o meu abatimento, a minha fragilidade, mas sempre demonstraram interesse pelas minhas aulas, projetos, passeios e, assim, abraçaram as minhas ideias. Sentir o carinho, o respeito e a gratidão de vocês me transformam a cada dia e é por isso que estou continuamente buscando uma formação melhor. Saibam que tenho muito orgulho de ser professora de uma escola estadual periférica. Orgulho em ser a professora de cada um de vocês. E como sempre digo a vocês: “Vocês são o meu time e a educação pública é a nossa bandeira”.

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”

Paulo Freire.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar as relações entre gênero e as experiências de lazer de professores e professoras de Educação Física (EF) das escolas públicas de Sete Lagoas durante a pandemia. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa basearam-se no uso de um questionário semiaberto via *Google Forms* e na realização da entrevista semiestruturada. Os resultados apontaram que o gênero se configurou enquanto um elemento de diferença de oportunidade e usufruto do tempo, espaço e experiências de lazer. Observou-se em especial o caso das professoras que se identificaram como do sexo feminino, mulheres cis e heterossexuais e dos professores que autodeclararam gays, do sexo masculino e homens cis. No que se refere às práticas de lazer dessas pessoas, constataram-se a prevalência de atividades relacionadas ao interesse virtual, como, por exemplo, o uso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *TikTok*, bem como a utilização de plataformas digitais como *Netflix* e *Prime Video*. Além disso, para a maioria dos participantes da pesquisa, a pandemia ressignificou positivamente a importância do lazer em suas vidas. Apurou-se também que o lazer enquanto componente curricular fez parte do processo de formação da maior parte desses professores e professoras de EF, ganhando notoriedade quando, para a maioria desse grupo, a especificidade da sua formação em relação ao campo do lazer lhes permite ter mais esclarecimentos e possibilidades de vivenciá-lo. Em relação ao fato de ser professor e professora, averiguou-se que, com o período pandêmico e a inserção do ensino online, a carga horária de trabalho dessas pessoas ampliou-se expressivamente, impactando diretamente a organização do tempo para a vivência do lazer. Assim, concluiu-se que este estudo contribui para um maior enriquecimento do campo de estudos sobre lazer e gênero, atestando-se mediante as percepções e experiências dos professores e professoras de EF que questões de gênero podem se configurar enquanto um marcador de diferença de oportunidades.

**Palavras-chave:** Gênero. Lazer. Pandemia. Percepções. Professores e Professoras.

## RESUMEN

El objetivo de esta investigación es analizar las relaciones entre el género y las experiencias de ocio de los profesores de Educación Física (EF) de las escuelas públicas de Sete Lagoas durante la pandemia. Los procedimientos metodológicos utilizados en esta investigación se basaron en el uso del cuestionario semiabierto vía *Google Forms* y en la entrevista semiestructurada. Los resultados mostraron que el género se configuró como un elemento de diferencia en la oportunidad y el disfrute del tiempo, el espacio y las experiencias de ocio, especialmente para los docentes que se identificaron como mujeres, cis y mujeres heterosexuales, y para los docentes que se autodeclararon homosexuales, hombres. y hombres cis. En cuanto a las prácticas de ocio de estas personas, hubo un predominio de actividades relacionadas con el interés virtual, como el uso de redes sociales como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* y *TikTok*, así como el uso de plataformas digitales como *Netflix* y *Prime*. El video, por ejemplo, y además, para la mayoría de los encuestados, la pandemia ha resignificado positivamente la importancia del ocio en sus vidas. También se constató que el ocio como componente curricular formó parte del proceso de formación de la mayoría de estos profesores de EF, cobrando notoriedad cuando para la mayoría de este grupo la especificidad de su formación en relación al campo del ocio les permite tener más aclaraciones. y posibilidades de experimentarlo. En cuanto al hecho de ser docente, se constató que con el período de pandemia y la inserción de la enseñanza en línea, la carga de trabajo de estas personas se ha ampliado significativamente, impactando directamente en la organización del tiempo para la experiencia del ocio. Así, se concluye que este estudio contribuye a un mayor enriquecimiento del campo de estudios sobre ocio y género, atestiguando a través de las percepciones y experiencias de los docentes de EF que las cuestiones de género pueden configurarse como un marcador de diferencia de oportunidades.

**Palabras clave:** Género. Ocio. Pandemia. percepciones Maestros y Maestras.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escola, quantidade, tipo de vínculo e sexo dos professores e professoras da rede estadual de Sete Lagoas/MG .....	55
Tabela 2 - Quantidade, tipo de vínculo e sexo de professores e professoras da rede municipal de Sete Lagoas/MG .....	57
Tabela 3 - Ano de nascimento, tipo de vínculo de professores e professoras da rede municipal de Sete Lagoas/MG .....	59
Tabela 4 - Ano de nascimento, tipo de vínculo de professores e professoras da rede municipal de Sete Lagoas/MG .....	61

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Identificação em relação a sua raça/cor .....	69
Gráfico 2 - Orientação sexual.....	69
Gráfico 3 - Atividades consideradas lazer e sua frequência.....	84
Gráfico 4 - Lazer de interesse físico/esportivo e sua frequência .....	87
Gráfico 5 - Cuidados domésticos frequência entre os sexos.....	93
Gráfico 6 - Impedimentos para o lazer? .....	98
Gráfico 7 - Pandemia e o tempo para o lazer.....	99

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Responsabilidade no cuidado do trabalho doméstico e/ou cuidado com filhos (as)? .....	72
Quadro 2 - O que é lazer? .....	74-75
Quadro 3 - Professores e professoras de educação física têm mais esclarecimento sobre o lazer e suas possibilidades? .....	80-81
Quadro 4 - Professores e professoras de educação física têm mais esclarecimento sobre o lazer e suas possibilidades? .....	82
Quadro 5 - Como você identifica o seu gênero? .....	104
Quadro 6 - Questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos e/ou privados de lazer na pandemia – GRUPO I .....	115
Quadro 7 - Questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer na pandemia – GRUPO II .....	116-117
Quadro 8 - Questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer na pandemia – GRUPO III .....	118

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

CNE – Conselho Nacional de Educação (CNE).

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa (COEP)

COVID-19 – Coronavírus

EF – Educação Física

EJA – Educação para Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituições de Ensino Superior

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexual, Assexuados e Mais que corresponde as outras inúmeras possibilidades de gênero.

MEC - Ministério da Educação

MG – Minas Gerais

MS – Ministério da Saúde do Brasil

OMS – Organização Mundial de Saúde

PAE – Programa de Auxílio Emergencial

PELC – Programa Esporte e Lazer da Cidade

PET – Plano de Estudo Tutorado

PST – Programa Segundo Tempo

REANP – Regime Especial de Atividades Não Presenciais

SEE – Secretaria de Estado de Educação

SISAP – Sistema Integrado de Administração de Pessoal

SRE – Superintendência Regional de Ensino

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 GÊNERO, LAZER E PANDEMIA: OS PORQUÊS DESSA PROBLEMATIZAÇÃO</b> .....	19
2.1 Problematizando as relações entre docência e gênero.....	26
2.2 Relações entre a educação física, lazer e docência .....	30
2.3 Contextualizando lazer e gênero .....	32
2.4 A pandemia e seus impactos sociais .....	38
2.5 Impactos da pandemia no lazer .....	42
2.6 Impactos da pandemia na vida de professores e professoras .....	46
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	52
3.1 O contexto da pesquisa.....	52
3.2 Sobre as professoras e professores participantes da pesquisa .....	53
3.3 O processo e instrumentos de coleta de dados .....	62
3.4 A análise dos dados .....	64
<b>4 PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE LAZER E GÊNERO NA PANDEMIA</b> .....	65
4.1 Os professores e professoras de EF da rede pública de Sete Lagoas .....	65
4.2 E o lazer? Identificando as percepções dos professores e professoras.....	73
4.3 Lazer e pandemia: Conhecendo as práticas de lazer dos professores e professoras de EF no período de março de 2020 à março de 2021. ....	83
4.4 Gênero: Uma questão difícil de se responder? .....	103
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	131
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	135
<b>ANEXOS</b> .....	148
<b>APÊNDICES</b> .....	151

## 1. INTRODUÇÃO

Os debates acadêmicos sobre a temática lazer e gênero, no decorrer das últimas décadas, vêm se ampliando em diferentes campos de pesquisas, contemplando variados espaços, tempos e públicos (GOELLNER *et al.*, 2010; ALMEIDA *et al.*, 2012; BARBOSA; LIECHTY; PEDERCINI, 2013). Nesse aspecto, embora o binômio lazer e educação seja objeto de investigação multidisciplinar (MARCELLINO, 2012; GOMES, 2008), ao abordar esses temas, relacionando-os, em específico, com sentidos, significados e vivências de professores e professoras de Educação Física (EF) escolar, encontramos uma lacuna a ser explorada, com a qual este estudo pretende contribuir.

Assim, esta pesquisa problematiza o lazer e as questões relacionadas a gênero, mediante possíveis diferenças de apropriação, percepção e de vivências de lazer experienciadas por professores e professoras de EF no contexto da pandemia do coronavírus (Covid-19), que foi anunciada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020 (WHO, 2022).

O período de referência para a realização desse estudo é de março de 2020 a março de 2021. Esse recorte leva em consideração o fato de que a realidade pandêmica alterou de forma concreta o cotidiano social e, conseqüentemente, a relação das pessoas com o seu trabalho, com o lazer, dentre outras esferas da vida. É diante desse cenário que o presente estudo tematiza lazer e gênero nas práticas, experiências e acesso ao lazer de professores e professoras de EF, bem como suas percepções e apropriações do tema.

Em perspectiva, esse estudo demarca a compreensão de gênero como uma categoria cultural e analítica, cuja constituição enquanto um marcador social está implicado em outros processos de subjetivação que se articulam, tais como raça e/ou etnia, religiosidade, nacionalidade, condições socioeconômicas, dentre outros. Dessa forma, essa pesquisa toma como perspectiva o gênero no âmbito da discussão pós-estruturalista<sup>1</sup>, ou seja, compreendendo essa categoria enquanto uma construção plural, que sofre

---

<sup>1</sup> Esta apropriação epistemológica está explicitada ao longo do trabalho, a partir do Capítulo 2 e 4.4, mediante a apropriação de obras como a de Farah (2004), Louro (2014), Butler (2020).

implicações de instituições sociais e reverbera em práticas sociais, como o lazer.

O interesse por tal temática situa-se na minha história pessoal, pois tenho memórias que derivam da minha infância e se atravessam a essas questões. Enquanto criança, passei por diversas situações: eu acreditava que não poderia realizar algumas práticas por ser menina, em especial, o futsal. Além disso, havia, durante essa fase uma orientação para que a menina ficasse em casa, auxiliando nos serviços domésticos – o que correspondia ao meu próprio panorama familiar.

Outras instituições sociais somaram-se a esse cenário. Na escola, durante a minha adolescência, participei de equipes esportivas na modalidade futsal. A organização dessas equipes, muitas vezes, passava por mim, que conversava com colegas tentando “convencê-las” de que poderíamos jogar. Por diversos momentos, questões relacionadas ao gênero eram explicitadas, no sentido de a prática do futsal ser considerada masculina e muitas meninas sentirem vergonha de jogar, de expor seu corpo, ou ter a sua sexualidade pejorativamente questionada.

Esses aspectos faziam parte de uma conjuntura social e cultural que influenciou meu tempo, minha vivência e minhas oportunidades limitadas de educação para o lazer<sup>2</sup> no início desse século, momento em que a própria discussão acadêmica sobre lazer e gênero se encontrava incipiente (GOELLNER *et al.*, 2010).

Essa realidade se estendeu durante todo o meu processo de escolarização nas aulas de EF, quando os meninos iam para a quadra jogar futsal enquanto as meninas ficavam na arquibancada conversando, mesmo que algumas (como eu), quisessem participar, afinal, sentiam-se inibidas. Decerto, essas experiências são, também, retratos paradigmáticos das limitações e dificuldades da instituição escola e das perspectivas teórico-metodológicas sobre a EF como componente curricular quanto a questões de gênero, bem como da operacionalização da educação para o lazer, etc. (DORNELLES; FRAGA, 2009; UCHOGA; ALTMANN, 2016).

---

<sup>2</sup> Educação para o lazer como processo sistemático de intervenção pedagógica para a formação das pessoas de forma abrangente em relação à ampliação do repertório de suas experiências para o lazer, conforme Melo e Alves Junior (2012).

Já na perspectiva adulta, o conteúdo do lazer esteve presente no decorrer do meu processo de formação na Licenciatura em EF, como um ponto marcante na minha trajetória enquanto acadêmica. Nesse processo pude compreender e reconhecer o campo do lazer e suas dimensões, que me despertaram um grande interesse pela área. Foi possível perceber, através de literatura específica sobre o lazer, que o mesmo pode se apresentar como um valioso elemento de observação, análise e intervenção social, diante das suas variadas manifestações (DUMAZEDIER, 1994; MARCELLINO, 2006; GOMES, 2014).

Essa minha relação com o lazer também se configurou como um espaço da minha atuação profissional, visto que realizei trabalhos em colônias de férias, cerimoniais de festas, além de ter participado de programas específicos de políticas públicas de esporte e lazer. No âmbito municipal, com os projetos da Prefeitura de Sete Lagoas “Caravana do Lazer”<sup>3</sup> e “Mexa-se”<sup>4</sup>. Na esfera Federal, com o Programa Segundo Tempo (PST) e o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC)<sup>5</sup>.

Nos contextos da minha atuação profissional em projetos e programas relacionados a esporte e lazer, as questões de gênero emergiram de forma contundente. Para além da generificação<sup>6</sup> das atividades desenvolvidas naqueles espaços, constatava-se uma menor participação ou quase nula das mulheres nos programas e projetos, especialmente em modalidades esportivas como futsal e voleibol. Já nas atividades relacionadas a dança (ritmos, balé e jazz), percebia-se uma presença maior do público feminino de diferentes idades e de mulheres acompanhadas de suas filhas especialmente.

---

<sup>3</sup> A Caravana foi uma iniciativa da Prefeitura de Sete Lagoas, em parceria com a Secretaria de Esporte e Lazer, que foi assegurado por meio da Lei 8.416 em março de 2015. O projeto teve, dentre os seus objetivos, desenvolver atividades recreativas e de lazer em bairros em situação de vulnerabilidade social (PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, 2015).

<sup>4</sup> O Mexa-se foi criado pela Prefeitura Municipal de Sete Lagoas/MG como política pública de saúde e de lazer, com o principal objetivo de promover e estimular hábitos de vida saudável ao cidadão de Sete Lagoas (SILVA; MENDES; COUTO, 2019).

<sup>5</sup> O PST o PELC (criados em 2003), são atualmente desenvolvidos por intermédio da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social. Enquanto o PST visa “democratizar o acesso à prática esportiva no país” (BRASIL, 2021), o PELC visa “proporcionar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer que envolvem todas as faixas etárias e as pessoas portadoras de deficiência” (BRASIL, 2021).

<sup>6</sup> O termo generificação será abordado posteriormente neste trabalho, conforme apropriação de Goellner (2010), sobre representações de gênero em ações, práticas e discursos sociais.

É importante situar que, embora a elaboração, planejamento e operacionalização de programas e projetos como estes revelassem um cenário de visibilidade política, social e científica do lazer como um direito social (LOPES; AMARAL; CALDAS, 2008; BONALUME, 2011; GONÇALVES; RECHIA, 2015), os debates no campo científico acerca dos tensionamentos entre lazer e gênero apresentavam lacunas (GOELLNER *et al.*, 2010).

As atuações nesses programas e projetos me permitiram estabelecer contato com crianças, adolescentes, adultos e idosos, em que os aspectos relacionados a gênero estiveram presentes de diferentes maneiras como, por exemplo, no imaginário de que tal brincadeira ou jogo era de menina, e que outra era de menino.

Somando-se a essas experiências, ao tornar-me docente efetiva da rede pública estadual de Minas Gerais (MG), novamente as questões de gênero se mostram muito presentes. Como professora na educação básica, percebo continuamente no cotidiano a reprodução de questões de gênero nas práticas sociais e culturais que implicam o lazer, não só diante dos alunos e alunas, mas também de professores e professoras.

Em diversos momentos, a partir de conversas informais com professores e professoras de EF, percebi que continuam a emergir e se perpetuar diferenças de percepção e possibilidades relacionadas a desigualdades de gênero em sua articulação com o lazer, além de um descontentamento com o tempo e as oportunidades de vivência do lazer entre docentes.

De fato, diante de uma categoria profissional heterogênea, o recorte de gênero apresenta potencial analítico enquanto marcador social de diferença das possibilidades de acesso, vivência e significação do lazer para professores e professoras (SILVESTRE; AMARAL, 2017).

E, nesse cenário, é essencial demarcar que o início dessa pesquisa foi acometido pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19), que foi anunciada no dia 11 de março de 2020, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Revelando ao mundo que um novo capítulo na história da humanidade estava começando e que a rotina familiar, social e profissional das pessoas sofreria grandes transformações a partir desse momento. Cabe destacar que a pandemia trouxe um forte impacto no cotidiano social, familiar

e profissional das pessoas, influenciando todas as esferas sociais, bem como os mais variados espaços, tendo em vista a necessidade do distanciamento social enquanto medida de proteção e contenção da pandemia, interferindo também nos espaços e tempo de lazer de forma geral (ESTRELA, 2020).

Dessa forma, a partir da inquietação diante da realidade exposta até aqui, alguns questionamentos surgiram e foram consideradas como norteadoras para esta pesquisa, a saber: De que maneira as professoras e os professores de EF de Sete Lagoas vivenciaram o lazer na pandemia? As práticas de lazer dessas pessoas são influenciadas por questões de gênero? De que forma as professoras e os professores percebem, se apropriam/experimentam de questões de gênero em sua relação com o lazer? Esses questionamentos serviram como motivação para a realização deste estudo.

As tensões acerca desse tema nos possibilitam ponderar sobre hipóteses que emergem de tal cenário, como, por exemplo, a significação peculiar que professores e professoras de EF podem atribuir ao que é o lazer, tendo em vista a tradição histórica no Brasil desse tema, implicada na formação da área (currículos, projetos e programas e coletivos profissionais relacionados ao lazer). Outra hipótese é de um repertório de práticas de lazer limitado a esse público no período em questão, revelando uma relação direta entre a carga horária de trabalho do docente com a precarização de seu tempo de lazer na pandemia. Neste sentido, o gênero pode ser percebido e experienciado como um fator condicionante e/ou determinante em suas experiências e tempo disponível para usufruírem o seu lazer.

Portanto, o presente estudo objetiva analisar as relações entre gênero e as experiências de lazer de professores e professoras das escolas públicas de Sete Lagoas durante a pandemia. Como objetivos específicos, busca-se: identificar e analisar as práticas de lazer de professores e professoras de EF no contexto da pandemia; discutir percepções e apropriações de professores e professoras de Educação Física sobre questões de gênero nas experiências de lazer que refletem aspectos de diferenciação de oportunidades, condições e usufruto em suas relações com a vida cotidiana, e com o fato de ser professora e professor de EF.

Espera-se, diante dos objetivos propostos, ampliar perspectivas de

conhecimento dentro desta temática, agregando ao *corpus* epistemológico da área, especialmente diante deste contexto histórico peculiar que é a pandemia Covid-19, que exacerbou várias questões sociais. Assim, este estudo soma-se aos esforços de avanço acadêmico-científico tendo em vista a urgência e a demanda de investimentos em estudos e pesquisas que contemplem a docência em EF e os estudos gênero e lazer.

A presente pesquisa aborda, a partir dos Estudos do Lazer, as questões de gênero como marcador na percepção, apropriação e vivência de práticas de lazer de professoras e professores de EF na cidade de Sete Lagoas durante a pandemia. Nesse sentido, o desenho da pesquisa incluiu referenciais teóricos que articulam reflexões sobre gênero; lazer; docência; lazer e gênero; docência e gênero; docência em EF e o lazer; lazer na pandemia; como eixos temáticos e, metodologicamente, pauta as experiências e percepções das pessoas que aceitaram participar do estudo.

Esta dissertação está organizada em 3 capítulos. Logo após a introdução, têm-se o capítulo intitulado: Gênero, lazer e pandemia: os porquês dessa problematização, que tematiza esses tópicos buscando elucidar o contexto abrangente da pesquisa, mediante um acervo teórico que contemplará as discussões centrais deste estudo. O capítulo seguinte: Procedimentos Metodológicos, que dedica-se a explicar o desenvolvimento sistemático deste estudo. E, por fim, o capítulo: Percepções e experiências de lazer e gênero na pandemia, que realiza o tratamento dos dados obtidos nesta pesquisa, dando luz as compreensões e práticas dos professores e professoras participantes deste estudo.

## 2. GÊNERO, LAZER E PANDEMIA: OS PORQUÊS DESSA PROBLEMATIZAÇÃO

O gênero como temática vem se constituindo como uma questão social de destaque, estabelecendo-se como objeto de estudos e intervenções e sendo alvo de atenção, portanto, de diversos debates, de maneira a se configurar como uma área de fundamental em desenvolvimento e expansão. Como campo de estudo, o gênero “[...] consolidou-se no Brasil no final dos anos 1970, concomitantemente ao fortalecimento do movimento feminista no país” (FARAH, 2004, p. 47).

As questões de gênero perpassam representações, mediante construções histórico sociais da sociedade e que permeiam diversos contextos em que se relacionam os tempos, espaços, públicos e demais esferas sociais. Por isso, nesse tópico, busca-se situar o cenário epistemológico diante destas construções.

A emergência da temática no campo político, por exemplo, é apontada por Veiga e Pedro (2019, p. 330) em perspectiva temporal:

O conceito gênero, no sentido político que se conhece na atualidade, surgiu com força na segunda metade dos anos 1980, tendo sido construído coletivamente e de modo desafiador, pela colaboração de algumas teóricas do feminismo, que percebiam a vulnerabilidade dos termos mulher ou mulheres, ao trazerem em seu bojo uma força de legitimação apoiada no corpo biológico desses sujeitos.

Seguindo esse traçado histórico, Meira (2014), reitera em seu estudo que o gênero foi, de fato, se tornando uma categoria de análise que, em seu primeiro momento, procurava o desenvolvimento de um campo de debates, afirmação e consolidação dos direitos da mulher, tendo um início relacionado, portanto, a um contexto de luta e militância feminista.

O gênero e suas representações, portanto, adquiriram centralidade em consonância com debates sociopolíticos a partir de movimentos relacionados ao feminismo e suas ondas, ganhando força assim enquanto área de visibilidade mediante esse movimento, levando a uma problematização acerca do conceito de gênero entre estudiosos, estudiosas, militantes, críticos e críticas do tema (LOURO, 2014).

Scott (1995, p. 72) pondera que:

Na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade.

Nessa relação entre gênero e o movimento feminista, o primeiro adquiriu duas características marcantes, sendo a primeira o aspecto normatizador do gênero, ao se relacionar com o estabelecimento de papéis sociais definidos de acordo com o sexo. A segunda característica refere-se à sua questão relacional, ao tratar dos papéis sociais em consonância com a perspectiva de poder neste âmbito (MEIRA, 2014).

Assim, faz-se necessário compreender que nesse cenário inicial sobre a compreensão do que é o gênero, surge uma relação imediata com a sexualidade, o sexo, fazendo com que o entendimento sobre a conceituação de gênero estivesse relacionado com o sexo biológico de homens e mulheres (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013).

Butler (2020 p. 25-26), nesta relação entre sexo e gênero salienta que:

a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.

Essa compreensão se constitui a partir da ideia de que o gênero é construído “sugere certo determinismo de significados de gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável” (BUTLER, 2020, p. 28).

Em relação a esses aspectos e sua construção social, em seu estudo, Curiel (2018, p. 223) acrescenta que:

O facto de o género se basear na diferença sexual permite que se continue a considerar, como um dado adquirido, que o sexo é natural. Esta relação entre sexo e género aparece como duas

categorias que dependem uma da outra. A segunda é analisada com a construção social da primeira (o gênero) e a primeira (o sexo) assume-se como um facto preexistente (CURIEL, 2018, p.223).

Não obstante, Butler (2020, p. 27), ressalta em seu entendimento que “gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”.

Essas percepções acerca do gênero, nos remetem a uma lógica social de reprodução de rótulos identitários que fazem parte da construção histórico/social que permeiam a sociedade, perpassando por aspectos culturais, biológicos, sociais dentre outros. Assim, nesse entrelaçamento entre gênero e suas instâncias culturais, sociais, biológicas, que criam paradigmas históricos/sociais, é salientado na esfera pós-estruturalista, a importância de se:

rejeitar e problematizar noções biologicistas, essencialistas e universais de mulher e de homem, e de feminilidade e masculinidade, para argumentar que, no interior de diferentes processos culturais, os indivíduos e seus corpos são transformados em – e aprendem a reconhecer-se como – sujeitos e corpos generificados (MEYER; SILVA, 2020, p. 487).

De fato, as discussões no campo epistemológico têm ampliado as perspectivas sobre gênero. No cotidiano das relações, atitudes e valores, ou seja, nas práticas sociais e culturais, as experiências das pessoas são permeadas por marcadores relacionados aos aspectos biológicos, que podem se constituir como mecanismo de opressão.

Scott (1995) elucida que o gênero é uma categoria de análise histórica, política e cultural, que também expressa relações de poder e interlocução com outras categorias como raça, classe ou etnia.

Percebe-se, portanto, que as pesquisas intercedidas pela categoria gênero demonstram que os processos normativos de constituição do saber e do imaginário cultural dirigem-se para relações sociais de poder e, dessa forma, é necessário e fundamental refletir sobre esse cenário (SAMPAIO, 2011).

Dessa maneira, nesse desenvolvimento emergencial do conceito e

concepção do gênero, esse marcador social<sup>7</sup>, foi se entrelaçando com movimentos, com tempos, espaços, cultura, política, ganhando dessa forma novas percepções e compreensões sobre sua representação na sociedade.

Essas percepções, evidenciam a ligação que o gênero apresentou com duas categorias: o feminino e o masculino e, assim, ao se ponderar sobre os aspectos relacionados ao gênero, conseqüentemente fala-se nas diferenças entre essas duas categorias mencionadas (CONNELL, 2016).

Nessas compreensões, de acordo com Escosteguy (2016, p. 70), o gênero em uma categoria de construção social “se associa à ideia de que as identidades se definem de modo relacional e, a partir de determinado momento, não mais exclusivamente via o par feminino-masculino.” Elucidando os dizeres de Escosteguy (2016), percebe-se uma intencionalidade de se afirmar a pluralidade humana, rompendo o binarismo feminino / masculino.

Nessas variadas representações, gênero buscaria, então, “dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social” (VEIGA; PEDRO 2019, p. 330).

Assim, é possível perceber que o entendimento sobre gênero influencia e é influenciado por diversos contextos que se misturam e se alteram de acordo com as mais diversas realidades humanas e suas peculiaridades em sua construção na sociedade. Portanto, a partir de tais ponderações, nota-se que a percepção relacionada ao gênero foi se estabelecendo mediante a construção da noção dos papéis sociais (DELPHY, 2018).

Farah (2004, p. 48) pondera, neste sentido, que:

O conceito de gênero, ao enfatizar as relações sociais entre os sexos, permite a apreensão de desigualdades entre homens e mulheres, que envolvem como um de seus componentes centrais desigualdades de poder. Nas sociedades ocidentais, marcada também por outros ‘sistemas de desigualdade’, como apontado pela abordagem pós-estruturalista, é possível constatar, no entanto, que o padrão dominante nas identidades de gênero de adultos envolve uma situação de subordinação e de dominação das

---

<sup>7</sup> Segundo Brah (2006), um marcador social refere-se a hierarquias e desigualdades historicamente e socialmente instituídas de acordo com processos econômicos, políticos, culturais e ideológicos, que se articulam.

mulheres, tanto na esfera pública como na privada (FARAH, 2004, p. 48).

É válido destacar que, ao se distanciar da conceituação de gênero da perspectiva biológica ampliando, assim, sua compreensão para um contexto mais crítico e reflexivo, é importante ainda, que se reconheça que o gênero se constitui sobre e também com os corpos sexuados (LOURO, 2014).

E, nesse sentido, gênero então, contempla um entendimento que aponta para a noção de que, “ao longo da vida, através das mais diversas instituições e prática sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico, e que também nunca está finalizado ou completo” (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013, p.18).

Observamos assim que o gênero não se concretiza de maneira isolada, guardada, separada em uma esfera própria, mas se configura e se materializa nas estruturas de poder, econômicas, nos movimentos sociais, nos sistemas educacionais, dentre outros contextos da vida humana, e que assim todos esses variados cenários emergem em espaços influenciadores na constituição do gênero (CONNELL, 2016).

Essa compreensão também destaca que como vivemos e nascemos em lugares, espaços, tempos e circunstâncias específicas. Assim, conseqüentemente, existem diferentes e conflituosas formas de viver e definir a feminilidade e a masculinidade (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013).

É, portanto, importante destacar que o gênero assume uma estrutura de padrão das relações sociais, envolvendo homens e mulheres, na qual as capacidades e identidades desses corpos humanos, são colocados em uma construção histórica e social, perpassando por elementos de privilégios para homens e do aspecto de subordinação para as mulheres, mediante o contexto patriarcal (CONNELL, 2016).

Meira (2014, p. 215), pondera que “talvez a maior importância dos estudos de gênero resida no fato de entender as diferenças entre as pessoas como parte da complexa construção cultural de uma sociedade”.

Cabe assinalar, portanto, que essas representações sobre a conceituação de gênero, presumem uma perspectiva de um corpo plural e conflitante que se constrói e se desconstrói mediante sua constituição

cultural, histórica, social, política e que também irá se relacionar com outros marcadores sociais como sexualidade, nacionalidade, raça e/ou etnia, religião e demais esferas da sociedade.

Assim, pode- perceber que:

as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas não somente “fabricam” os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero (LOURO, 2014, p. 92).

Nessas definições sobre gênero, destaca-se a presença do seu caráter relacional com um cenário interseccional, que produz e reproduz nesse espaço seus elementos constituintes, tendo como base uma configuração normativa dessa construção do gênero e seus aspectos a partir de uma construção histórica.

Em resumo, essa constituição temporal do gênero, segundo Meira (2014, p. 218) “começou como parte do movimento feminista, ampliou-se para incluir todas as minorias com base na ideia da heterogeneidade das possibilidades sexuais e de gênero, tendo como premissa a noção das construções históricas e culturais sobrepondo-se ao biológico”.

Dessa forma, a partir dessas perspectivas, faz-se necessário, portanto, pensar numa conceituação de gênero tendo como ponto de partida um pensamento plural, observando as variadas representações sobre homens e mulheres, entendendo que a compreensão do gênero, conseqüentemente, será diversificada, da mesma forma que se diferem em diferentes constituições e seus grupos sociais (LOURO, 2014).

Em relação aos aspectos acerca da constituição do gênero, Butler (2020 p. 21) ressalta em seu estudo que o gênero nem sempre se “constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”.

Dentro desse cenário de constituição e construção do gênero, Barreto (2014, p. 7) enfatiza em seus dizeres que “falar de gênero não é apenas falar de mulheres e homens ou de diferença sexual, mas também de identidades que são construídas fora de uma lógica heteronormativa, como a de travestis, transexuais e transgêneros”.

Heteronormatividade, que é:

uma padronização de sexualidade e regula o modo como a sociedade contemporânea está organizada, segundo um padrão de normalidade heterossexual, prescrevendo como os sujeitos devem viver seus desejos e expressar suas sexualidades, e além de tudo, como devem habitar seus corpos.

O termo parte de definições dicotômicas dos sexos biológicos (vagina/pênis) para determinar representações de gênero (feminino/masculino) e em subsequência, as orientações sexuais(heterossexual/homossexual). (REIS; TEIXEIRA, 2017, p. 2)

Decorrente dessa heteronormatividade, diversas implicações são notadas tendo em vista sua perpetuação de um modelo social, que conseqüentemente regula os modos de como as pessoas devem se relacionar, regulando dessa forma a organização social humana. Nisso, a heteronormatividade aparece também como um elemento influenciador nas perspectivas e conflitos de gênero.

Dentro deste panorama, um outro elemento presente no âmbito do gênero é o movimento LGBTQIA+<sup>8</sup>, que contempla categorias de identidade de gênero e orientação sexual (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexual, assexuados e mais que corresponde as outras inúmeras possibilidades de gênero).

De forma geral, portanto,

compreender as discussões das relações de gênero significa não apenas compreender as diferenças entre homens e mulheres e não permitir que elas sejam desiguais, mas sim, observar como a educação, as relações familiares a mídia a indústria cultural, o mercado capitalista e as próprias atividades de Lazer tentam camuflar as construções histórico-culturais das diferenças para justificar diversas desigualdades como algo “natural” (SAMPAIO, 2011, p. 33).

A partir de todos esses pontos explicitados, é importante, (re)pensar conhecimentos e ideais sobre o gênero e seus contextos e instâncias culturais que permeiam a sociedade de forma geral estabelecendo estruturações nas relações do cotidiano, da educação, do trabalho e demais

---

<sup>8</sup> A sigla LGBTQIA+, ao longo da sua constituição passou por mudanças na sua compreensão, tendo a existência de outras siglas como LGBTQ, LGBTQI, LGBT+, LGBTI, que também são utilizadas de forma ampla. Neste estudo optou-se pela utilização da sigla mais recente LGBTQIA+.

esferas. Além da complexidade que é a sua constituição na coletividade, perpassando por diversas questões, o que reforça a importância de se debater sobre essa temática e ampliar desta forma a rede de conhecimentos que contempla este conjunto.

Dessa forma, em especial nesse estudo, que tem como participantes da pesquisa professores e professoras de EF, torna-se relevante dar luz e compreender as relações entre a construção profissional da docência e o gênero, o que será melhor explanado no tópico seguinte.

## 2.1 Problematizando as relações entre docência e gênero

O trabalho docente faz parte da construção histórica da sociedade, perpassando por uma constituição na qual a identidade do trabalhador e trabalhadora docente sofreu influências culturais, sociais, econômicas, etc. (CAETANO; NEVES, 2009).

Nesse sentido, Vianna (2002, p. 83) disserta que, no decorrer do século XX, à docência foi “assumindo um caráter eminentemente feminino, hoje, em especial na Educação Básica (composta da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio), é grande a presença de mulheres no exercício do magistério”.

Em relação ao percurso histórico da relação entre o gênero e o trabalho docente, é necessário destacar que:

Com a Constituição de 1891, a União passou a criar e controlar a instrução superior, secundária, primária e profissionalizante, contrariando a elite brasileira que queria que o povo continuasse iletrado e omissos. Em todas as Províncias os homens foram abandonando a docência e as mulheres, que aceitavam os baixos rendimentos, as precárias condições de trabalho e o aumento da formação do magistério de 3 para 4 anos, bem como as que queriam sair da esfera doméstica, foram assumindo esse espaço. Com o ideal de professora que leve mais cuidados maternos que intelectuais para a sala de aula e o aumento da procura de mulheres por essa profissão, foram criadas as condições para a feminização do magistério (CAETANO; NEVES, 2009, p. 254).

É possível perceber, portanto, que no contexto histórico entre gênero e trabalho docente, temos no decorrer dos tempos, uma predominância das mulheres nesse ofício, a partir das particularidades que influenciaram a

constituição da escola e seu contexto (LOURO, 2014). No contexto brasileiro,

a docência feminina nasce no final do século XIX relacionada, especialmente, com a expansão do ensino público primário. Nos últimos anos do Império, sobretudo a partir de 1860, mulheres assumem a função de professoras, fazendo parte do quadro de funcionárias públicas em várias províncias. Em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro a presença feminina no magistério público primário ganhou destaque. No estado de Minas Gerais, elas representam 50% do corpo docente já no final do século XIX. [...] Assim, desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral (VIANNA, 2002, p.84-85).

Entretanto, é importante destacar que no cenário brasileiro, a instituição escolar surge, inicialmente, com os jesuítas, ou seja, fundamentada na religião e com atuação masculina, focada na catequização e na formação primordial de meninos e jovens brancos das esferas dominantes (LOURO, 2014). Sendo assim, essas primeiras instituições tem um traço social marcadamente masculino, tendo como base uma formação cristã, permanecendo durante um extenso tempo essa configuração escolar. E, nesse sentido, é enfatizado por Louro (2014, p. 93), que mesmo percebendo-se essa presença predominante do público feminino na atuação docente, a “escola é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento – e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens”.

Assim, é possível notar que a instituição escola e, conseqüentemente, a educação é atravessada pelas diferenças de gêneros, sendo, portanto, impossível pensar sobre essa esfera sem discorrer sobre as construções sociais e culturais que influenciam a sua constituição.

Nesse desenvolvimento que se marca a feminização do trabalho docente, ponderam Prá e Cegatti (2016, p. 224), que,

tal fato carrega uma carga histórica, situando no momento das revoluções burguesas a intensificação das denúncias feministas em relação a desigualdades de oportunidades entre os sexos. Tais denúncias expressaram reivindicações em favor da extensão da cidadania feminina, incluindo o direito à educação e à participação

das mulheres na esfera pública. Essas reivindicações exerceram um importante papel na conquista das mulheres à sua presença nos espaços públicos no mundo todo. (PRÁ; CEGATTI, 2016 p. 224).

Nesse panorama de feminização da carreira docente, Louro (2014) destaca que o processo teve como base uma ressignificação da carreira docente, tendo, dessa forma, a representação de um novo modo de atuação em consonância com o desenvolvimento da urbanização, com a presença de variados grupos sociais, imigrantes, e, portanto, uma nova constituição da escola. Sendo que, nessa nova perspectiva, além de permitida, a função do ensino era indicada para as mulheres e, assim, temos o avanço da feminização do ensino.

Cabe assinalar, que, mediante esse advento da predominância do público feminino no magistério, tem uma ligação (in)direta entre a educação com a perspectiva da mulher e sua relação com a maternidade, o cuidado, sensibilidade, interrelacionado à profissão e as representações sociais das mulheres nessa temporalidade.

Todo esse traçado histórico em relação as mulheres e à docência estimularam (e ainda estimula) uma normatização do imaginário social acerca dos discursos de gênero em relação à carreira docente. Portanto, esse percurso histórico social entre a carreira docente e as questões de gênero ocorre de maneira sistematizada em sua constituição, apresentando, nesse âmbito, questões sociais, culturais, biológicas, dentre outras esferas, que se inter-relacionam e levam a esse predomínio do público feminino na carreira docente.

E, nesse sentido, tendo como base o gênero e suas questões socioculturais que perpassam por sua construção, esse campo também surge como pano de fundo quando se pensa na fragmentação em relação ao cenário do mercado profissional. Essa perspectiva nos revela desigualdades nas relações de gênero, criando conseqüentemente grupos profissionais nos quais, por exemplo, a profissão docente constituiu-se de forma feminina, mal remunerada e marcada por um contexto de precariedade em suas condições de trabalho, acompanhado de um crescente desprestígio social (CAETANO; NEVES 2009).

Nessa conjuntura entre gênero e o trabalho docente, é possível perceber de forma direta que este cenário perpassa, portanto, o processo histórico que nutriu (e ainda nutre) uma construção à baila das diferenças sociais de gênero, que refletem de forma direta e indireta na sua constituição na sociedade nos mais variados tempos, espaços e pessoas (VIANNA, 2002).

Avançando esse traçado entre docência e gênero no âmbito do ensino superior, Barreto (2014, p. 7) disserta em seu estudo que:

Atualmente, no caso brasileiro, após a implementação das chamadas políticas universalistas de inclusão, é possível observar um lento processo de mudança nesse cenário. Um indicador é o incremento da presença de mulheres no ensino superior, por muitos anos considerado um privilégio masculino. Ainda que seu impacto na transformação do campo educacional e científico demande análises e problematizações, é inegável que a presença feminina nesse nível de ensino tem aumentado significativamente no Brasil.

É destacado por Borsoi e Pereira (2011) que nesse contexto de ensino superior temos uma maior presença dos homens nos cursos voltados para tecnologia, economia e ciências exatas, já as mulheres estão mais presentes nas ciências aplicadas mais relacionadas ao cunho social.

A partir desse entendimento histórico, é importante se destacar também a relação entre o tempo de trabalho de professores e professoras e o gênero. Na análise das jornadas e ritmos do trabalho docente, Alvarenga e Vianna (2012, p. 13) ponderam que é “importante a problematização das relações sociais, que não são neutras. Necessariamente conflituosas, remetem a relações de poder e, certamente, uma de suas dimensões é a relação de gênero”.

Outros apontamentos nessa tangente se apresentam ao modo que o tempo social “é distribuído em torno de determinados papéis sociais tradicionais desempenhados por homens e mulheres na sociedade. No mundo laboral e no mundo doméstico, o masculino e o feminino delimitam os espaços e os usos do tempo cotidiano de maneira distinta” (BORSOI; PEREIRA, 2011, p. 127).

Alguns atravessamentos se entrelaçam a essa relação ente docência e gênero, como, por exemplo, no estudo de Borsoi e Pereira (2011) que

tematizou essa perspectiva no ensino superior, constatando que os problemas que afetam a saúde desse público são mais frequentes entre as mulheres do que entre os homens, apresentando queixas, principalmente, relacionadas a ansiedade, depressão, fadiga, insônia, dores no corpo, cansaço e estresse. Dessa forma, para além do aspecto temporal da constituição da docência em relação ao gênero, esse contexto é implicado por outros aspectos, revelando-se uma fonte rica de observação social, aproximando realidades diversas a vida de professores e professoras e demais esferas humanas e sociais.

Por fim, cabe assinalar, que os variados componentes curriculares presentes no âmbito escolar, possuem suas especificidades em seu trabalho docente, tendo neste estudo em especial a EF, como campo disciplinar, que historicamente contempla a cultura corporal do movimento em seu contexto de formação profissional no âmbito escolar. Apresentando, assim, especificidades em relação ao seu espaço de atuação, os conteúdos e metodologias de ensino-aprendizagem que intervêm sobre os corpos e práticas corporais das pessoas e, conseqüentemente, também lida incisivamente com as perspectivas e conflitos de gênero, além de manter uma aproximação com o campo do lazer, o que será abordado no tópico a seguir.

## 2.2 Relações entre a educação física, lazer e docência

No decorrer da construção histórica da EF e do lazer, é possível perceber uma relação entre eles, conforme Silva e Silva (2012, p. 20) descrevem que, no Brasil, a “história da educação física e a do lazer caminham juntas; não é por acaso que o profissional de educação física foi considerado o mais apto a atuar no campo do lazer”. Todavia, é relevante destacar que o campo do lazer é interdisciplinar, sendo, portanto, um campo de atuação vasto constituído por pluralidade e diversidade, que inclui a atuação profissional de variadas áreas de conhecimento. e suas especificidades.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a “Educação Física vem prestando expressivas contribuições ao incremento da produção científica,

pedagógica, técnica e cultural específica sobre o lazer no Brasil” (ISAYAMA, 2009, p. 407). Os Estudos do Lazer nos revelam uma outra peculiaridade que se faz presente no contexto da EF: sua relação com o lazer se dá tanto na esfera escolar, quanto como campo de possibilidade de atuação profissional em outros espaços socioculturais.

Assim, em resumo, Marcellino (2012, p. 10) destaca que nessa relação entre lazer e EF dá-se:

considerando o seu profissional não como mercador, vendo o lazer como mais uma disponibilidade no mercado de consumo, mas, sim, como educador, vendo o lazer como um direito a ser assegurado a todos os cidadãos, a partir de seu duplo aspecto educativo, contribuindo para o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social, inclusive como fator de inclusão e de cidadania (MARCELLINO, 2012, p. 10).

Dessa maneira, lazer e EF nos revelam possibilidades amplas de aproximação, sendo que no âmbito escolar tem-se uma perspectiva a qual coloca como função da EF escolar a responsabilidade da educação pelo lazer e da iniciação do desenvolvimento de atividades físicas e esportivas do lazer (SILVA, 2011).

Essa percepção reduz o entendimento de lazer e limita suas possibilidades de apropriação. Além disso, Silva (2011, p. 14) destaca que:

A associação do lazer às disciplinas de Artes e Educação Física é algo muito presente no cotidiano escolar ainda. Tal associação parte de uma ligação do lazer agregado a atividades “inúteis” na lógica da produtividade e competitividade no âmbito da escola e da própria sociedade. E assim, está agregado a disciplinas tidas, muitas vezes, como dispensáveis dentro dessa lógica, ou que servem apenas para descansar os alunos, ou ajudá-los a conviver bem com as pressões cotidianas enfrentadas na série de afazeres indispensáveis das outras áreas “úteis” do conhecimento.

Ao tentar compreender esses atravessamentos entre docência em EF com o lazer Souza e Silva (2019, p. 31) em seu estudo perceberam que:

as representações e os discursos, por parte dos professores de EF, sobre a interface educação/lazer ainda é frágil, insuficiente para fomentar uma mudança na sua atuação dentro da escola sobre o lazer. Ela ainda é pautada pela influência da mídia ou do senso comum, não ficou claro uma fundamentação teórica que subsidie o professor no seu cotidiano pedagógico. O lazer é considerado na

visão dos professores, de forma restrita, como uma função social e, portanto, não como um fenômeno social e conhecimento a serem tratados na escola.

Todavia, ressalta-se que neste estudo, apesar de termos como foco professores e professoras de EF que atuam no contexto escolar a ideia é compreender como estes professores e estas professoras, cuja formação e intervenção pressupõem, historicamente, uma aproximação com o campo do lazer, vivenciam e se apropriam em sua realidade o seu tempo e experiências de lazer. Para isso, é necessário identificar qual o entendimento desse público sobre o que é o lazer, e, como as questões de gênero se desenvolvem neste cenário, enquanto um fator influenciador neste contexto.

As peculiaridades do trabalho de professores e professoras de EF podem apresentar-se como fatores influenciadores no tempo de lazer desse público, mediante a sua relação com o tempo de trabalho, bem como com os fatores de gênero que possivelmente se apresentam nesse cenário, mediante suas ligações com o tempo, com os espaços, com as práticas de lazer, dentre outros.

Nesse sentido, os elementos de como os professores e professoras reconhecem e reagem aos aspectos relacionados a gênero no seu tempo de lazer, se arrolam com a sua singularidade em seu processo de subjetivação, dando (re)significados as suas perspectivas de gênero neste panorama. Assim, nessa pesquisa, faz-se necessário visibilizar e compreender as relações entre lazer e gênero, o que será melhor descrito no tópico seguinte.

### 2.3 Contextualizando lazer e gênero

A partir do final da década de 1960 e no decorrer dos anos 1970, as discussões relacionadas ao lazer ampliaram-se e tornaram-se mais frequentes, tanto nas instituições acadêmicas quanto no âmbito das organizações governamentais. O assunto começa a ser considerado um fenômeno social de grande importância e um direito social como qualquer outro (MELO; ALVES JUNIOR, 2012).

Dessa forma, a partir das variadas perspectivas históricas e contextuais de compreensão acerca do lazer (DUMAZEDIER, 1994,

MARCELLINO 2006, CAMARGO, 2003), esse estudo tem como base o entendimento do lazer como prática cultural, ou seja, como produção de cultura, que está em constante transformação de acordo com os interesses sociais e que, portanto, está relacionando com uma necessidade humana. Nesse sentido, Gomes (2014, p. 9) aponta que:

[...] a compreensão de lazer como necessidade humana e dimensão da cultura é incipiente na produção sistematizada sobre a temática. Seguindo essa perspectiva de compreensão e análise, o que é geralmente designado como “lazer” enraíza-se na ludicidade e constitui uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais situadas em cada contexto (GOMES, 2014 p. 9).

Assim, o lazer está ligado às diversas dimensões da sociedade, continuamente, criando, recriando e produzindo cultura de acordo com as necessidades humanas e sociais que forem aparecendo – estando presente no cotidiano das pessoas, nos mais diversos espaços, tempos, lugares e conjunturas. Sendo assim, nota-se que o lazer engloba diversos contextos que envolvem o ser humano, constituindo-se como parte integrante da formação humana.

Marcellino (2006, p. 8) observa a importância de se analisar o lazer a partir de dois aspectos: tempo e atitude. O primeiro termo em geral, “ligado ao lazer considera as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no “tempo livre”, não só das obrigações profissionais, mas também dos familiares, sociais, religiosas dentre outros. Já no segundo, o lazer será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade.

Melo e Alves Junior (2012, p. 32), sobre o lazer, observam que “as atividades de lazer são observáveis no tempo livre das obrigações, sejam elas profissionais, religiosas, domésticas ou decorrentes das necessidades fisiológicas”.

Como se vê, as práticas de lazer nos abrem a possibilidade de escolha, de flexibilizar e se ajustar ao cotidiano social oferecendo, assim, um caráter de obrigação menos incisivo em sua realização, diferentemente de outras esferas sociais, para as quais a educação para o lazer pode promover movimentos contra hegemônicos (MELO; ALVES JUNIOR, 2012).

Observa-se que o lazer é um elemento importante para formação humana em todas as esferas de sua vida, mas o que, no entanto, fica em evidência é a sua pouca valorização pela sociedade, colocando-o em segundo plano em suas atividades sociais culturais, como ressalta Melo e Alves Junior (2012, p. 31):

O lazer, numa suposta escala hierárquica de necessidades humanas, seria menos importante que a educação, a saúde e outras urgências sociais. Com certeza todas essas dimensões são fundamentais, mas por que seria o lazer menos importante? Além disso, existem relações diretas entre o lazer e a saúde, o lazer e a educação, o lazer e a qualidade de vida, as quais não podem ser negligenciadas. (MELO; ALVES JUNIOR, 2012 p. 31)

Nessa tangente, é preciso salientar que a inclusão do lazer e a sua agregação na vida dos cidadãos, com o decorrer do tempo, se materializou no âmbito político como um direito social. Apesar das dificuldades de compreensão do lazer dos atores políticos envolvidos no processo constituinte (SANTOS, 2014), ele foi legitimado e asseverado pela Constituição, embasado no seu artigo 6º:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988).

O fato de o lazer ser considerado como direito social, juntamente com outras esferas como a educação, saúde, alimentação dentre outros, colaborou para uma maior visibilidade e reconhecimento de sua necessidade na vida das pessoas.

Nesse contexto, é relevante destacar que uma série de fatores inibem e dificultam a vivência do lazer, fazendo com que ela se constitua em privilégio. Como é salientado por Marcellino (2006), marcadores sociais como nível de escolaridade, idade, classe econômica, sexo, violência, raça e etnia, dentre outros fatores, necessitam de considerações específicas e contextualizadas para serem analisadas enquanto barreiras para o usufruto do lazer.

Dentre as conjunturas que influenciam as barreiras no âmbito do lazer, optamos pela problematização das relações de gênero as quais fazem parte

de um processo de construção histórico social da sociedade e de impacto para compreensão da contemporaneidade. “[...] O lazer, como dimensão configurativa da cultura, não pode ser pensado fora da sociedade. Trata-se de um fazer social que necessita aprofundar a reflexão em torno das relações de gênero [...]” (LEIRO, 2002, p. 4).

Nesse sentido, destaca-se que “os papéis e os comportamentos sexuais são forjados social e historicamente e as relações de gênero, também presentes no lazer, sofrem influências culturais” (LEIRO, 2002, p. 5).

Barbosa, Liechty e Pedercini (2013) enfatizam que o cenário envolvendo a relação entre o lazer e gênero sofrem interferências que se ligam com as expectativas sociais direcionadas ao gênero de cada um, o que conseqüentemente acarreta em oportunidades limitadas nas práticas de lazer.

A produção científica investida sobre a relação lazer e gênero opera, com frequência, com a expressão desta categoria a partir do binômio homem-mulher. O estudo de Tejera, Sousa e Sampaio (2013) quanto às atividades de lazer vividas por mulheres e homens trabalhadores de cooperativas, por exemplo, aponta que o “[...] aspecto relativo à diferenciação na escolha das atividades praticadas por homens e mulheres tende a estar marcada por fatores culturais e sociais” (TEJERA; SOUSA; SAMPAIO, 2013, p. 4).

Essa mesma operacionalização da categoria é realizada no estudo de Goellner *et al.* (2010) em que se observou uma lacuna na análise e interpretação direcionadas aos vieses que influenciam na vivência de homens e mulheres nas práticas de lazer.

Além disso, Almeida *et al.* (2012) destacam em seu estudo que, apesar de termos pesquisas que relacionam o lazer e o gênero, essas, em sua maioria, tratam o tema mediante uma análise voltada a considerar a diferença de prevalência entre o homem e a mulher a partir de aspectos estatísticos, sendo que poucos estudos nesse contexto buscam explicações para tais dados.

Sampaio (2008) enfatiza que as análises de gênero se constituem como elementos fundamentais para descortinar o acesso diferenciado que homens e mulheres vivenciam nas suas experiências de lazer.

É importante destacar a constatação de que o gênero “interfere na

adesão e permanência de homens e mulheres nas atividades de lazer” (GOELLNER *et al.*, 2010, p. 3). Sendo que:

na literatura específica de programas de promoção do lazer e da atividade física tem sido destacado que o índice de sedentarismo entre as mulheres é bastante significativo, o que demandaria estratégias de intervenção voltadas para o público feminino (GOELLNER *et al.*, 2010, p. 3).

Mediante tais ponderações, percebe-se a necessidade e a possibilidade de se investigar questões acerca da relação lazer e gênero, analisando-se de forma crítica e trazendo reflexões que ampliem a compreensão da temática. Dentro dessa esfera, é válido destacar que:

Para explicar essas diferenças, os autores têm evidenciado que as distintas atribuições nas responsabilidades familiares, bem como na função ocupacional desempenhada por homens e mulheres, além da existência de diferentes padrões sociais e culturais na adesão à prática de esporte podem ser fatores que explicam o menor engajamento das mulheres nas atividades físicas no tempo destinado ao lazer. (SÁ-SILVA; YOKOO; SALLES-COSTA, 2013, p. 635).

Nesse cenário em que a mulher aparece em um contexto de menor apropriação, vivência e permanência nas atividades de lazer, tornando dessa forma a sua inserção nesse âmbito como um espaço de empoderamento e resistência, visto também o cenário de violência que a mulher encontra em sua realidade, evidenciando, portanto, que a mulher carrega em sua identidade social uma objetificação e inferiorização do seu papel na sociedade e nos seus espaços de ocupação.

E assim, Leiro (2002, p. 6) pondera que a partir desses cenários de práticas e atribuições as mulheres, “reforçam o estigma da submissão e da subtração de oportunidades da mulher brasileira, em especial, quando o corpo é convidado a movimentar-se”.

Tais percepções reforçam uma construção identitária da mulher com uma representação normalizada do público feminino, correlacionando-se com os estigmas e identidades que em sua construção histórica as mulheres encontram em seu percurso.

A partir disso, mediante a relação entre o lazer e gênero, tal espaço de

lazer é “generificado e generificador, pois nele produzem-se e reproduzem-se comportamentos, ações, discursos e práticas diferenciadas para homens e mulheres, que reafirmam representações hegemônicas de masculinidades e feminilidades” (GOELLNER *et al.*, 2010, p. 18).

Portanto, esses entremeados pertencentes a essa relação nos levam a um universo de significações que produz e reproduz as questões relacionadas ao corpo, ao gênero, a sexualidade, tornando-se dessa maneira, um todo articulado de discursos, ações e práticas generificados e generificadores. Dessa forma,

O lazer, como espaço temporal de vivências educativas, pode dar mais uma contribuição para, de modo próprio, ajudar na superação de valores sexistas presentes nos gestos, movimentos corporais/esportivos que são componentes do grande quebra-cabeça da pedagogia da submissão feminina e da dominação masculina (LEIRO, 2002, p. 10).

Assim, faz-se necessário explorar de maneira crítica e reflexiva essas instâncias culturais, sociais e pedagógicas, que permeiam essa conjuntura do lazer e gênero e seus aspectos, visto que esses contextos que se relacionam com marcadores identitários que, por consequente,

interfere na adesão e permanência de homens e mulheres de formas distintas e desiguais. Por certos outros fatores também reforçam estas e outras desigualdades. No entanto, não podemos negar que as relações de gênero configuram espaços diferenciados para eles e para elas (GOELLNER *et al.*, 2010, p. 18)

Essa diferenciação está condicionada para além dos espaços de forma geral, visto que, como Goellner *et al.* (2010, p. 13) disserta nesse sentido:

Os homens raramente comparecem em atividades em que predominam as mulheres, assim como mulheres na sua grande maioria não frequentam atividades em que predominam os homens. No curso da história, homens e mulheres foram educados praticando exercícios diferentes; o que era aconselhado para os homens não correspondia ao que as mulheres deveriam realizar. Esta separação, baseada na biologia dos corpos, terminou por engendrar-se na cultura brasileira determinando o que é masculino e o que é feminino (GOELLNER *et al.*, 2010, p.13).

Portanto, fica em evidência que os entrelaces entre o lazer e o gênero perpassam por dimensões que se baseiam em diversos aspectos que vão ao

encontro com a percepção social, cultural e histórica da sociedade, sendo um espaço portanto de (re)produção de instâncias que generifica corpos, pessoas e identidades sociais, sendo que, como já percebido, nesse sentido, a mulher encontra-se em um espaço de menor ocupação e valorização mediante tais entremeados.

Em relação a estes contextos do lazer e gênero já explicitados no decorrer desse estudo, ao aproximar o cenário com o público de professores e professoras a análise de Silvestre e Amaral (2017, p. 84) sinaliza que:

Ao cotejarmos o fenômeno do lazer entre os professores, foi evidente que, além da menor parcela de tempo, as atividades de lazer relatadas pelo gênero feminino ocorrem prioritariamente no tempo e espaço do ambiente privado, enquanto o lazer do gênero masculino é vivenciado com maior regularidade em espaços externos ao ambiente doméstico (SILVESTRE; AMARAL, 2017, p.84).

Portanto, nota-se que as questões relacionadas ao lazer e gênero na conjuntura dos professores e professoras se faz presente e já é alvo de estudos, tornando-se um campo de exploração contemporânea. Mas há de se ressaltar que ainda carecemos de mais investimentos de estudos e pesquisas para ampliar nossa compreensão, possibilitando conseqüentemente, avanço de conhecimentos neste contexto, mediante as particularidades socioculturais.

Importante destacar que essas relações entre lazer e gênero podem encontrar no cenário pandêmico um mecanismo de potencialização das questões de gênero no lazer e também na docência, portanto, é imprescindível compreender e tornar visível os impactos da pandemia no cotidiano social, no contexto do lazer e na vida de professores e professoras, o que será contemplado a seguir.

#### 2.4 A pandemia e seus impactos sociais

A doença por Covid-19 é uma enfermidade infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2 (WHO, 2022). De acordo com Ministério da Saúde do Brasil (MS), a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda, potencialmente grave e de elevada transmissibilidade e de distribuição global (MINISTÉRIO

DA SAÚDE, 2022).

O descobrimento dessa doença ocorreu em dezembro de 2019, mediante o surgimento de vários casos de pneumonia viral na cidade de Wuhan, localizada na China (WHO, 2022). Rapidamente, o novo coronavírus se espalhou pelo mundo, atingindo milhares de pessoas e tornou-se o principal assunto jornalístico, incluindo-se as configurações sociopolíticas diante do cenário epidemiológico.

Desde então, após mais de dois anos de pandemia decretada, atualmente<sup>9</sup>, de acordo com os dados da OMS, temos o total mundial de 613.942.561 de casos confirmados, e uma somativa de 6.520.263 de óbitos (WHO, 2022). No cenário brasileiro<sup>10</sup>, somam-se um total de 34.646.577 casos confirmados, tendo 685.881 óbitos, notificados à OMS dentre 3/01/2020 a 30/09/2022 (WHO, 2022).

No Brasil, de acordo com o site do MS (2022) no período de 27/03/2020 a 30/09/2022 temos o total de 34.654.190 de casos confirmados e 685.927 de óbitos. Percebe-se uma divergência entre os dados disponibilizados pela OMS e os dados ofertados pelo MS, e também uma diferença temporal entre esses consolidados, o que pode influenciar nesse descordo entre as informações.

É válido destacar que, nesse momento de pandemia, o brasileiro teve e ainda enfrenta um cenário político de incertezas, que trouxe à tona o governo atual do Presidente Jair Messias Bolsonaro, que tem disseminado informações inverídicas relacionadas a Covid-19, bem como apresenta condutas questionáveis relacionadas ao enfrentamento, vacinação e tratamento do coronavírus (TAVARES; OLIVEIRA JÚNIOR; MAGALHÃES, 2020).

As tramas sociopolíticas presentes no Brasil durante esse período de crise sanitária refletiram de maneira direta e indireta no desenvolvimento de medidas de combate ao vírus, causando insegurança econômica, social e política. Haja vista que os mecanismos mais eficazes para frear a disseminação da doença (e conseqüentemente diminuir o número de óbitos) com medidas como: distanciamento social, uso de máscaras e mais

---

<sup>9</sup> Dados extraídos em 30/09/2022

<sup>10</sup> Dados extraídos em 30/09/2022

recentemente a vacinação encontra resistência por parte do Presidente e sua equipe, o que pode ser percebido em seus variados discursos (TAVARES; OLIVEIRA JÚNIOR; MAGALHÃES, 2020).

A literatura produzida sobre a crise sanitária durante estes anos aponta para sucessivas falhas e ineficiência na elaboração e execução de intervenções para o enfrentamento da pandemia, o que acarretou, conseqüentemente, em uma triste conjuntura social, com um crescente número de mortes e contaminações pelo coronavírus (MAYOR; SILVA; LOPES, 2020).

Ao aproximar o quantitativo de casos e mortes a realidade do estado de Minas Gerais (MG), tendo em vista que a amostra da pesquisa é de professores e professoras da referida localidade, têm-se, de acordo o boletim epidemiológico estadual<sup>11</sup>, o total de 3.880.533 de casos confirmados e 63.780 óbitos confirmados.

No tocante à cidade de Sete Lagoas, temos os seguintes dados também disponibilizados pelo boletim epidemiológico de MG<sup>12</sup>: casos confirmados 41.623, com 688 mortes constatadas até a data de extração dos dados.

Os dados do Governo Estadual de Minas Gerais divergem dos disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (MG) em seu boletim epidemiológico<sup>13</sup> no qual consta: 42.299 contaminações confirmadas e 699 óbitos. A partir desses dados é possível perceber desencontros de informações no tocante ao cenário federal, estadual e municipal relacionados ao covid-19.

A pandemia, para além dos dados quantitativos, reconfigurou a vida social, familiar e profissional das pessoas, sendo que neste sentido, portanto, o lazer e suas possibilidades também foram influenciados neste período, em específico neste estudo têm-se o recorte temporal de março de 2020 a março de 2021.

A partir do anúncio da pandemia diversas mudanças impactaram a vida social das pessoas, e neste aspecto, constatou-se a importância do

---

<sup>11</sup> Dados extraídos em 30/09/2022

<sup>12</sup> Dados extraídos em 30/09/2022

<sup>13</sup> Dados extraídos em 30/09/2022

distanciamento social como medida preventiva para a diminuição do número de infectados e mortos (ESTRELA, 2020), sendo que essa restrição de contato interfere de forma abrupta no cotidiano da população.

No momento de elaboração de medidas restritivas para diminuir a disseminação do vírus, destaca-se que as primeiras orientações para o distanciamento social “implementadas no Brasil ocorreram no Distrito Federal, no dia 11 de março de 2020. Nas demais UF, a maioria das medidas foi implementada na segunda quinzena de março, no período de 13 a 28 de março de 2020” (SILVA *et al.*, 2020, p. 5).

A partir da necessidade da diminuição do convívio social, a suspensão da realização de eventos (públicos, privados, culturais, esportivos, religiosos, lazer etc...) e/ou a quarentena dos grupos de risco se destacaram entre as principais intervenções sociais realizadas pelos Estados (SILVA *et al.*, 2020). É importante destacar que frente ao cenário de incerteza política referido anteriormente,

No Brasil, o Supremo Tribunal Federal atribuiu aos estados, Distrito Federal e municípios a competência por decidir implementar as medidas de distanciamento social para mitigação e supressão da COVID-19<sup>22</sup>. Nesse sentido, foram poucas as medidas implementadas no nível federal, limitando-se à restrição da entrada de estrangeiros no país e à determinação para que pessoas com mais de sessenta anos de idade observem o distanciamento social, restringindo seus deslocamentos para a realização de atividades estritamente necessárias. Além dessas medidas, o Ministério da Saúde publicou um plano de ação no dia 14 de março de 2020 recomendando que as Secretarias de Saúde dos municípios, estados e Distrito Federal avaliassem a adoção de medidas não farmacológicas para o controle da COVID-19, de acordo com as fases de transmissão da doença (SILVA *et al.*, 2020, p. 7).

Portanto, em decorrência dessa configuração social, grandes impactos ocorreram de forma súbita em diversas dimensões humanas e sociais influenciando de maneira direta o cotidiano da população em geral, salientando que a maioria da população brasileira apoiou e aderiu ao movimento de distanciamento social (BEZERRA *et al.*, 2020).

Outros aspectos se evidenciaram nesse contexto tendo em vista que essa restrição de contato, somada às

imensas desigualdades sociais e regionais, as 66 milhões de pessoas pobres e extremamente pobres, e os apenas 40% da

população ocupada formalmente exigem medidas econômicas urgentes para a garantia de renda mínima aos mais vulneráveis e de proteção ao trabalho dos assalariados, de modo a garantir a adesão de uma relevante parcela da população às medidas de distanciamento social (AQUINO *et al.*, 2020, p. 2424).

Assim, os impactos econômicos suscetibilizaram a vida de uma grande parcela da população brasileira ao risco, causando incerteza profissional, alimentícia e familiar, atingindo principalmente as camadas mais vulneráveis. Nota-se a importância de uma política de proteção social prestando assistência a esse grupo mais vulnerável, garantindo dessa maneira a sobrevivência dessas pessoas (CARVALHO *et al.*, 2020).

Exemplificando essa política de proteção social, destaca-se o Programa de Auxílio Emergencial (PAE) estabelecido pela Lei n.13.982, de 2 de abril de 2020, que inicialmente objetivou atender, com 3 parcelas iguais de R\$600,00, sendo R\$ 1.200,00 para mulheres chefes de família. Para ser contemplado com esse benefício, era necessário atender os seguintes critérios: beneficiários do Bolsa Família; Usuários do Cadastro Único, que não sejam contemplados pelo Bolsa Família; Pessoas sem vínculo empregatício, ou que se enquadrem em situação de vulnerabilidade. Posteriormente, ocorreu uma extensão auxílio emergencial para mais R\$1.200,00 em 2 parcelas de R\$600,00 para os meses de julho e agosto de 2020, através do Decreto 10.412 em junho de 2020 (COSTA; FREIRE, 2021).

O cenário mapeado acima buscou sinalizar de maneira panorâmica as diversas influências que a pandemia e suas particularidades causaram no cotidiano da população brasileira. Cabe reconhecer a complexidade desse quadro que se refletiu nos diversos segmentos da sociedade, seja em relação a aspectos econômicos, racial/etnia, sexo, escolaridade, condições de habitação, gênero, etc. (BEZERRA *et al.*, 2020).

## 2.5 Impactos da pandemia no lazer

Esse entremeado de circunstâncias relacionados à pandemia também influenciou de maneira direta no tempo, espaço, apropriação e vivência do lazer pela sociedade, evidenciando-se e acentuando-se as desigualdades sociais, em um momento de incerteza social, econômica, política,

profissional, o que impactou de maneira concreta no lazer, sobretudo, de grupos sociais em condição de vulnerabilidade (ESTRELA, 2020).

Dessa maneira, nesse cenário, o lazer parece ter adquirido maior atenção no todo social, constituindo-se como uma esfera cuja importância vem se tornando cada vez mais reconhecida pela sociedade. E, assim, lazer tem permeado o debate público enquanto uma necessidade humana e um direito social, que contempla múltiplas vivências (RIBEIRO *et al.*, 2020).

De fato, as “manifestações de lazer têm se provado um elemento essencial para aqueles que conseguem seguir as recomendações de isolamento social” (CHEIBUB; FREITAS, 2020, p. 451). Observando essa relação entre pandemia, lazer e seus impactos, destaca-se que o distanciamento social:

transformou e adaptou muitas vivências de lazer, restringiu as escolhas das pessoas agora limitadas ao ambiente doméstico e tornou algumas barreiras socioculturais mais evidentes, principalmente ligadas a questões econômicas, ao grau de instrução, a restrição de acesso a espaços e equipamentos de lazer e ao reordenamento do tempo e do espaço de lazer e de trabalho. Podem ser identificadas também barreiras como a limitação de acesso à internet ou mesmo a carência de habilidades para seu uso otimizado, crítico e criativo (CLEMENTE; STOPPA, 2020, p. 462).

Os aspectos acima revelam uma nova constituição do lazer e suas práticas, destacando-se que, além das questões supracitadas, os prismas de análise sobre o lazer na sua configuração atual urgem a observância de diversos marcadores sociais como raça/etnia, faixa etária, classe, gênero, etc.

Entendendo o lazer como uma necessidade humana, fica evidente o seu papel enquanto uma esfera fundamental do todo social, se estabelecendo de maneira transversal com outras dimensões sociais humanas e se configurando como um tempo e espaço de várias experimentações.

Diante de mudanças súbitas nas esferas humanas e sociais, é possível empreender análises sobre processos de (re)construção da vida social para compreendê-las e intervir sobre as mesmas. Segundo Mayor (2020), no desenvolvimento dessa resignificação das esferas sociais, o

próprio entendimento do que se denomina lazer pode, também, no decorrer desse contexto, sofrer alterações de modo significativo.

Portanto, tendo a presença do distanciamento social “as vivências de lazer tendem a sofrer maiores impactos nos espaços que não são domiciliares, especialmente em ambientes fechados ou que requerem deslocamento em transporte coletivo” (MAYOR; SILVA; LOPES, 2020, p. 179).

Os lares, de fato, tornaram-se significativos espaços de lazer, apresentando-se praticamente como a única possibilidade de vivência neste período, apesar de ainda termos uma parcela significativa da população que não cumpre ou não pode cumprir medidas de isolamento social (CLEMENTE; STOPPA, 2020).

Esses percalços entre lazer e pandemia demonstram implicações efetivas no cotidiano das pessoas e na sua possibilidade de vivência do lazer. Nesse contexto, constata-se também uma intensificação da apropriação de atividades artísticas por meio da internet, bem como por shows de músicas realizados nas plataformas digitais (RIBEIRO *et al.*, 2020).

Nesse traçado, o estudo de Montenegro, Queiroz e Dias (2020) aponta impactos no lazer de universitários. Percebeu-se, na conjuntura do distanciamento social, o aumento da busca de vivências como: leitura, cozinhar, atividades manipulativas como a jardinagem, atividades com música, etc.

Observa-se, assim, que, durante a pandemia, os “modos de morar e trabalhar se entrelaçaram num mesmo espaço que também é o de estudar, exercitar, descansar, distrair etc. [...] unindo espaço público-particular, repouso-trabalho-divertimento e tempo de trabalho e tempo de lazer” (CONCEIÇÃO, 2021, p. 493).

Tal contexto também é destacado por Cembranel *et al.* (2021, p. 39), ao reforçar que os “hábitos de lazer foram alterados devido a pandemia. As pessoas têm menos tempo livre para usufruir das opções que possuem. Isso ocorre pois, as atividades cotidianas e o trabalho estão imbricados e dificultam a dedicação ao lazer desde o início do período de isolamento social”.

Tal realidade, conseqüentemente, trouxe alterações bruscas na

dinâmica da vida da população, que precisou de maneira inesperada reinventar e reorganizar suas vivências, tempos e espaços de lazer. Outro fator ocasional dos impactos da pandemia no lazer é o aspecto econômico.

Esse aspecto impõe diferenças sociais no cotidiano das pessoas durante o distanciamento social, tendo em vista a configuração do ambiente doméstico enquanto espaço de lazer, quando analisado aspectos como: acesso à internet, tv paga, etc. (COUTO; REZENDE; MEDINA, 2020).

Outro fator importante nessa relação pandemia e lazer é o tempo. De acordo com Teodoro *et al.* (2020, p. 156), ao analisar a dimensão tempo na organização das experiências de lazer no contexto pandêmico, foi possível “constatar dificuldades em dimensionar esse tempo a ser conquistado para as experiências de lazer. A (re)organização da vida durante a pandemia reforçou essas dificuldades”.

Por outro lado, mais implicações se fizeram presentes, tornando-se importante frisar que

A capacidade das pessoas de reinventarem vivências de lazer foi positiva em diversos países do mundo. Isso mostra que a sociedade tem a capacidade de mudar, de ser crítica e criativa e de transformar a ordem social vigente a partir de um processo longo e de boa vontade. É possível ver isso nos concertos na janela, nas lives dos artistas, das ações de gastronomia, nas leituras gratuitas, nos eventos para discutir temas de interesse comum, nas doações para pessoas mais impactadas pela pandemia [...] (CLEMENTE; STOPPA, 2020, p. 480).

Como se vê, os impactos da pandemia no lazer foram variados, porém, por ora, faz-se necessário salientar que as práticas de lazer foram e ainda serão por um longo período (in)diretamente influenciadas pelas intervenções decorrentes da pandemia da covid-19, tendo em vista que as pessoas passaram a viver a vida estabelecendo uma nova “normalidade”, ressignificando os espaços e o seu uso quer seja para o trabalho, para o lazer, ou simplesmente para viver (COUTO; REZENDE; MEDINA, 2020).

Assim, “as formas de lazer foram modificadas, porém, o lazer em si foi retomado progressivamente em meio ao sentimento de medo e a adoção de protocolos de segurança” (CEMBRANEL, *et al.*, 2021, p. 43). O contexto de retorno às atividades variadas de lazer oportuniza, portanto, um retorno a uma maior diversificação do tempo/espaço/vivência do lazer para além do

ambiente domiciliar e digital.

Além dos impactos no lazer apresentados, o mercado de trabalho também sofreu mudanças frente a demandas do momento, tendo a partir disso a migração de diversos trabalhadores para o teletrabalho, o que também modificou a jornada de exercício profissional e trouxe novos desafios em relação à organização da vida social, profissional, familiar e, conseqüentemente, também exerceu influência no tempo de lazer das pessoas.

Em específico, nessa pesquisa, que tem como interlocutores professores e professoras, é importante situar estas pessoas como parte dessa parcela da população que teve sua rotina profissional alterada, juntamente com outros impactos da pandemia, o que será melhor observado no próximo tópico.

## 2.6 Impactos da pandemia na vida de professores e professoras

Dentre as diversas dimensões da vida modificadas pela pandemia, salienta-se que variadas áreas profissionais tiveram que se adaptar a essa nova realidade que se instaurou, sendo constatado nesta ocasião uma massificação do teletrabalho (*Home office*), utilizando diferentes tecnologias para o seu desenvolvimento (CONCEIÇÃO, 2021).

Em especial, nesse estudo, tendo como amostra de pesquisa professores e professoras de EF da cidade de Sete Lagoas (MG), faz-se necessário portanto compreender quais os impactos da pandemia na vida dessas pessoas.

Nesse cenário pandêmico, de acordo com Ribeiro e Clímaco (2020, p. 98), em todo o mundo, os sistemas educativos “têm seus serviços suspensos, as creches e escolas foram fechadas e, assim, emerge a necessidade de se repensar a escola e os processos de aprendizagem digitais que parecem ser urgentes para o momento”. Ressalta-se que essa suspensão atingiu a esfera pública e privada, além setor educacional de ensino superior (SILVA *et al.*, 2020).

Mediante a pandemia, o mecanismo para dar continuidade ao trabalho pedagógico constitui-se com o ensino remoto, que trouxe implicações diretas

relacionadas à condição de realização do trabalho de professores e professoras, bem como ativou uma sobrecarga para essas pessoas e também apresentou um aumento da autorresponsabilização pelo processo educativo (MEDEIROS, 2021).

Salienta-se que, antecedendo essa constituição do ensino remoto, professores e professoras de todo o Brasil, sofreram com o início de suspensão das aulas sem respostas de como iriam prosseguir o ano letivo (MONTEIRO, 2020). Em Minas Gerais, por exemplo, no dia 22 de março de 2020, ocorreu a suspensão das aulas em todas as instituições da Rede Pública Estadual de ensino de maneira indefinida – essas medidas aplicaram-se também às instituições privadas e às redes municipais de ensino (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Em meio a esse novo modelo pedagógico remoto, professores e professoras sofreram com essa mudança inesperada, surgindo diversas inquietações para o seu trabalho, preocupando-se por exemplo com a situação de diversos alunos e alunas que não possuem acesso aos canais digitais para se apropriarem do ensino remoto (VENTURELLI, 2020).

Assim,

O professor sofreu algumas pressões (aprender sobre as plataformas utilizadas, adaptar seus conteúdos presenciais para o sistema remoto, reestruturar o seu ensino para o contato com os alunos por uma tela etc.) para que o seu trabalho pudesse ser desempenhado, garantindo ao aluno o acesso aos conteúdos, durante o horário de aula. No entanto, o trabalho docente não se restringe ao tempo/momento de aula [...] para a produção de uma aula, muitas horas são despendidas em pesquisa, leitura, organização e produção do material e isso é realizado fora do tempo de trabalho, do horário de aula (CONCEIÇÃO, 2021, p. 493).

Todo esse artefato de mudanças, conseqüentemente, impactou de maneira significativa o cotidiano de professores e professoras por todo Brasil. Sendo que, a partir dessas mudanças nesse momento de pandemia, foi desenvolvido um parecer com diretrizes para a educação básica e superior pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Nesse parecer, instituiu-se a autorização para que os sistemas de ensino computassem o desenvolvimento das atividades não presenciais para

cumprimento de carga horária de acordo com as especificidades de cada ensino (MEC, 2020). O CNE a partir do CNE/CP nº5/2020 listou diversas configurações de atividades não presenciais que poderiam ser utilizadas pelo sistema de ensino nesse cenário pandêmico, como por exemplo: uso de canais digitais, videoaulas, plataformas virtuais, redes sociais, programas de televisão ou rádio e material didático impresso, sendo este último entregue aos estudantes pelos mais diversos meios (MENDES, 2021).

É necessário destacar que:

Para que o ensino remoto fosse liberado, foi promulgada a medida provisória nº 934, que trata da flexibilização do calendário letivo na Educação Básica e do cumprimento de 200 dias letivos, exigindo apenas o cumprimento de 800 horas de aula ao ano. Essa medida entrou em vigor e foi convertida em Lei (nº 14.040, de 18 de agosto de 2020) [...] A partir dessa lei, o governo de cada estado poderia definir seu posicionamento em relação às aulas on-line com o objetivo de que todo o material pedagógico oferecido para aulas por meios digitais pudesse ser considerado atividade curricular (MENDES, 2021, p. 394).

Em Minas Gerais, o governo do estado, por intermédio da sua secretaria de educação (SEE), publicou em 22 de abril de 2020, a resolução oficial nº4310/2020, a qual regulamentou, no âmbito das escolas estaduais de ensino, diretrizes para a oferta do regime especial de atividades não presenciais (REANP) durante o período de emergência e de implementação das medidas de prevenção e enfrentamento da pandemia (SEE, 2020).

Oliveira *et al.* (2021, p. 89), ao analisar a implementação da educação remota em tempos de pandemia no estado de MG, destaca em sua crítica que:

as Secretarias de Educação não estavam preparadas para tal situação, consideramos que a formulação dessas ações emergenciais se deu em um período bastante reduzido, aumentando os níveis de incerteza e ambiguidade dos programas desenhados. Como não houve tempo para se construir estratégias que vinculassem e articulassem os profissionais da educação que atuam na linha de frente – os burocratas de rua, entendemos que a adesão desses atores é bastante heterogênea. Ao implementar um programa de educação ancorado no uso das tecnologias, as Secretarias potencializam a discricionariedade desses atores, além de induzir níveis distintos de comprometimento e motivação, muito dependentes da ação individual desses atores, profissionais que, também, estão expostos às dificuldades que a pandemia impõe (OLIVEIRA *et al.*, 2021, p.89).

Esse cenário, traz em sua conjuntura uma reconfiguração da atuação profissional de professores e professoras, que assim como todas as outras pessoas da sociedade, também sofreram e sofrem com os impactos sociais, familiares, financeiros, etc., que a pandemia acarretou.

No estado de MG, a implementação do REANP para a educação básica, trouxe três ferramentas de aprendizagem sendo elas: o Plano de Estudo Tutorado (PET), o aplicativo Conexão Escola, além do programa de vídeo aula na TV “Se Liga na Educação”, exibido pela Rede Minas (SILVA; OLIVEIRA; PEREIRA, 2021).

No âmbito municipal, na cidade de Sete Lagoas (MG), por meio da Secretaria Municipal de Educação, a Prefeitura também estabeleceu o seu programa de ensino remoto. De acordo com a notícia publicada em seu site oficial, as atividades eram enviadas por meio de *Whatsapp*, e-mail, Skype e outras plataformas digitais, a partir das particularidades de cada escola. Os alunos e alunas com dificuldade de acesso aos canais digitais teriam direito ao material impresso (PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, 2020).

Para além dos impactos relacionados a atuação profissional de professores e professoras, é importante salientar outras implicações na vida desse público, haja visto que toda essa mudança diretamente ligada a pandemia coexiste conjuntamente com outros fatores da vida social desse público.

Considerando a pandemia e sua repercussão na qualidade de vida de professores e professoras, Alvarenga *et al.* (2020), em sua pesquisa sobre a percepção da qualidade de vida de professores das redes públicas e privadas frente à pandemia, constatou que esse público sofreu impactos significativos relacionados à sua qualidade de vida e que os aspectos ambientais e sociais se estabeleceram enquanto implicadores nesse conjunto.

Já em relação aos impactos no âmbito financeiro, Lima *et al.* (2020) em seu estudo sobre a renda familiar dos professores e professoras da educação básica de MG na pandemia, averiguou que cerca de 40,9% dessas pessoas relataram redução na renda familiar durante esse período de crise sanitária. Além disso, destaca-se que:

Os maiores percentuais de redução de renda familiar foram

observados em professores mais jovens, com companheiro(a), cor de pele preta ou amarela, que possuíam filhos, com vínculo empregatício precário (contratos), menor tempo de trabalho e menor carga de trabalho semanal (LIMA *et al.*, 2020, p. 5).

Observando esse contexto, nota-se um atravessamento circunstancial que se soma a realidade pandêmica mediante, uma integração com outros marcadores sociais de diferença. Além disso, essa redução na renda familiar também apresentou associação com episódios de tristeza, ansiedade, insônia, e dessa forma professores e professoras sofreram impactos na sua qualidade de vida de forma geral (LIMA, *et al.* 2020).

Ao compreender as variadas implicações que a pandemia acarretou na vida de professores e professoras percebe-se a necessidade de se pensar em políticas públicas voltadas para a promoção de saúde e qualidade de vida dessas pessoas, proporcionando dessa forma uma intervenção que assegure melhores condições de viver, o que poderá refletir em sua atuação profissional.

Tal perspectiva é reforçada,

Considerando o professorado, que é a segunda classe trabalhista mais acometida por transtornos psíquicos devido ao estresse e às demandas laborais, e todos os impactos provocados pelos diferentes aspectos impostos pela COVID-19, deve-se priorizar a saúde em geral, em especial no que tange os direitos humanos. [...] É necessário direcionar atenção, recursos e políticas públicas e educacionais para desenvolvimento de estratégias de mitigação dos impactos negativos nas dimensões social e mental do bem-estar provocados e impostos pela pandemia de COVID-19 (MARRA; GONÇALVES; CONCEIÇÃO, p. 118, 2021).

Inserido nessa perspectiva de bem-estar, o lazer de professores e professoras sofreram com impactos no tempo/espaço/vivência nesse período. Nesse sentido, ressalta-se o imbricamento entre ambiente doméstico, trabalho e medidas preventivas no cotidiano de professores e professoras. Nos achados do estudo, que analisou o lazer de professores universitários durante a pandemia, por exemplo, constatou-se, na opinião desse público, a percepção da diminuição do seu tempo de lazer neste período (MARRA; GONÇALVES; CONCEIÇÃO, 2021).

Essa diminuição pode estar relacionada também com a sobrecarga de trabalho já referida anteriormente, que se intensificou com o ensino remoto

em consonância com a nova configuração social e familiar das pessoas. Além disso, espaços públicos específicos de lazer tiveram seu acesso restrito como forma de intensificar o distanciamento social (COUTO; REZENDE; MEDINA, 2020).

No que tange à realidade da cidade de Sete Lagoas (MG), os professores e professoras dessa localidade contam com variados espaços públicos destinados ao lazer como: complexos esportivos ao ar livre, museus, serra, gruta para visitação, além de diversas lagoas que se tornam local de encontro e festividades.

Todavia, o acesso a esses locais pelas pessoas também sofreu impactos a partir de decretos municipais que restringiam o acesso da população a esses recintos, e assim limitava-se o espaço/vivência de lazer das pessoas, incluindo os professores e professoras de EF da cidade que são públicos desse estudo.

Sendo assim, como se nota, professores e professoras foram acometidos por variados impactos relacionados a pandemia em seu cotidiano, a partir do estreitamento entre as diversas mudanças em sua vida, ocasionando um entrelaçamento entre as esferas profissionais, familiares, sociais, de lazer, dentre outros, fazendo assim uma reconfiguração da vida dessas pessoas.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa, descritiva e de caráter exploratório. Pesquisas com esta natureza e abordagem consideram o nível subjetivo e relacional das realidades sociais, tratando-as em sua historicidade, sentidos, significados, bem como dedicando-se à análise dos motivos, atitudes, valores e crenças dos sujeitos implicados (MINAYO, 2012).

A qualidade descritiva de uma pesquisa visa evitar sugestões normativas na tarefa analítica, sistematizando-se características e dados objetivos, que podem amparar inferências e interpretações. Segundo Richardson (2007, p. 71), “estudos de natureza descritiva propõem-se investigar ‘o que é’, ou seja, a descobrir características de um fenômeno como tal.”

O caráter exploratório, por sua vez, exige uma mobilização do entendimento de um dado contexto e seus atores sociais, conhecendo peculiaridades, potencializando a compreensão abrangente sobre um certo fenômeno, buscando interlocução e familiaridade com os sujeitos, suas práticas e experiências e representações sociais singulares (RICHARDSON, 2007).

Neste sentido, apresentam-se nas seções a seguir: o contexto de realização da pesquisa; informações sobre o universo das pessoas participantes; as etapas empreendidas para a composição amostral; o processo e os instrumentos de coleta de dados; e, por fim, as técnicas de análise mobilizadas para empreender as interpretações de resultados.

#### 3.1 O contexto da pesquisa

Sete Lagoas é uma cidade que fica a aproximadamente 70 km de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, e é parte da denominada Região Metropolitana. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, conta com uma população de estimada de 243.950 habitantes, com uma área da unidade territorial de 536,928km<sup>2</sup>, cuja

principal característica da economia está ligada ao setor industrial e usinas, dentre as quais as de cerâmica, têxtil, de agricultura, de calcinação e autopeças (BRASIL IBGE, 2021).

Sete Lagoas possui 78 estabelecimentos de ensino fundamental e 42 para o ensino médio, tendo um total de 1.417 docentes no ensino fundamental e 714 no ensino médio, entre a esfera pública e privada.

De acordo com dados prévios obtidos por meio de contato inicial com o funcionário da SRE (Analista Educacional) de Sete Lagoas, via WhatsApp, atualmente, a SRE de Sete Lagoas conta com cerca de 31 escolas da rede estadual de ensino, atendendo alunos do ensino fundamental anos iniciais, finais, ensino médio e EJA (educação para jovens e adultos), contemplando cidades como Araçá, Baldim, Cachoeira da Prata, Caetanópolis, Capim Branco, Cordisburgo, Fortuna de Minas, Funilândia, Inhaúma, Jequitibá, Maravilhas, Matozinhos, Papagaios, Paraopeba, Pompéu, Prudente de Moraes, Santana de Pirapama e Sete Lagoas cidade foco deste estudo.

Destaca-se que a escolha por esse contexto da pesquisa, relaciona-se intimamente com o fato de ser professora de EF da rede pública estadual de Sete Lagoas, MG.

### 3.2 Sobre as professoras e professores participantes da pesquisa

A composição do grupo de sujeitos incluídos na pesquisa foi intencional. Foram convidados a participarem deste estudo, voluntariamente, professoras e professores de EF da rede pública de ensino (municipal e estadual) em atuação na cidade de Sete Lagoas- MG.

Mediante o panorama de incertezas e mudanças na configuração da vida humana e das instituições sociais em razão da pandemia, inicialmente, foi realizado o contato com funcionários da Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Sete Lagoas via *WhatsApp* para solicitação de dados prévios sobre características do universo de professores da rede estadual. A saber: quantos são efetivos, quantos têm contrato temporário, faixa etária, quantos são homens e quantas são mulheres. Também se realizou contato via e-mail com a Gestão de Pessoal da SRE realizado no mês de abril de 2021, solicitando acesso a estes dados e informações sobre os professores e

as professoras de EF daquela rede.

Apesar do sistema da SRE estar informatizado, segundo o setor responsável, não foi possível compilar o montante consolidado dos dados solicitados sobre esse público. Ainda no mês de abril de 2021, após essa primeira tentativa sem êxito, foi realizado o acesso ao site da Secretaria de Educação de Minas Gerais e, a partir do “Fale Conosco”, foi aberto um protocolo de solicitação de dados prévios no dia 08/04/2021, do qual foi obtido retorno no dia 12/04/2021. Todavia, a resposta informava dados referentes a dezembro de 2020.

No dia 12/04/2021, foi realizada novamente uma abertura de protocolos via “Fale Conosco” solicitando dados mais atualizados. O retorno foi dado no dia 15/04/2021, com dados atualizados referentes a março de 2021. Nesse período, foi realizado também, contato via e-mail com a Subsecretaria de Gestão de Recursos Humanos, obtendo-se os mesmos dados no dia 19/04/2021 que foram catalogados para este estudo.<sup>14</sup>

Assim, os dados prévios obtidos referente a março de 2021 (Fonte: Sistema Integrado de Administração de Pessoal - SISAP) sobre o número de professores e professoras de EF e seu vínculo empregatício com o estado, observa-se abaixo:

---

<sup>14</sup> É válido destacar, que neste contexto, esses dados obtidos podem sofrer alterações, tendo em vista, que em algumas escolas, ainda estava ocorrendo o processo de contratação de professores, bem como se tem as questões relacionadas a licença para tratamento de saúde, afastamento funcional, aposentadoria, o que leva de certa maneira a uma “flexibilização” desses dados, mediante realidades diversas, além da possibilidade desses professores e professoras atuarem em mais de uma escola, e com vínculos diferentes. Buscaremos apresentar os dados mais atualizados possíveis dentro dos limites do cronograma de realização desta pesquisa.

Tabela 1 – Escola, quantidade, tipo de vínculo e sexo dos professores e professoras da rede estadual de Sete Lagoas/MG.

Unidade Exercício	Efetivo		Designado	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
E.E. BERNARDO VALADARES DE VASCONCELLOS	3	1		
EE ANTONIO FRANCISCO DE OLIVEIRA	2	1		
EE APIO SOLON CARDOSO		2		
EE CAPITAO JOAO LUCIO DO CARMO				1
EE DE ENSINO MEDIO		1	1	
EE DEP RENATO AZEREDO	4			
EE DR AFONSO VIANA	2			
EE DR ALONSO MARQUES FERREIRA	1	1		1
EE DR ARTHUR BERNARDES	1	4		
EE DR AVELAR	2		1	
EE DR OLINTO SATYRO ALVIM	2			
EE DR ULISSES VASCONCELOS	3		1	
EE EDITE FURST	1	3		
EE EMILIO DE VASCONCELOS COSTA	2	1		
EE EPONINA SOARES DOS SANTOS	3	1		1
EE GOV JUSCELINO	1			
EE JOSE EVANGELISTA FRANCA	2			
EE JULIO CESAR REIS OLIVEIRA	2	1		
EE MARIA AMANCIO	3			
EE MAURILO DE JESUS PEIXOTO	2	2		
EE MAURO FACCIO GONCALVES	2	2		
EE MODESTINO ANDRADE SOBRINHO	1		1	
EE PREF ZICO PAIVA	1	3	1	
EE PROF CANDIDO AZEREDO	3	1		
EE PROF JOAO FERNANDINO JUNIOR	3	1		
EE PROF ROUSSET	1	3		
EE PROFA ELZA MOREIRA LOPES	2	1		
EE RUTH BRANDAO DE AZEREDO	1			
EE SANTOS AZEREDO		1		
EE SINHA ANDRADE		1	1	
EE VENCESLAU BRAS			1	
<b>Total Geral</b>	<b>50</b>	<b>31</b>	<b>7</b>	<b>3</b>

Nota-se nestes dados, um quantitativo de professoras maior que de

professores, tanto ocupando o cargo efetivo<sup>15</sup> ou designado<sup>16</sup>, sendo que nesse cenário, o tipo de vínculo efetivo foi predominante em ambos os sexos.

Em relação à obtenção de dados prévios referentes ao universo de professores da rede municipal, estabeleceu-se contato via e-mail com a Secretaria de Educação e Fazenda do Município, sendo que esta última, faz a solicitação junto à esfera da educação, da qual ocorreu o retorno no dia 24/06/2021, tabulados abaixo<sup>17</sup>: (FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS).

---

<sup>15</sup> Professores aprovados em concurso público que ingressaram na carreira docente (AMORIM; SALEJ; BARREIROS, 2018).

<sup>16</sup> Designado, refere-se ao tipo de contrato de trabalho sendo constituído o vínculo temporário, ou seja, contratado por um período determinado (AMORIM; SALEJ; BARREIROS, 2018).

<sup>17</sup> É válido destacar que, nesse contexto, os dados obtidos podem sofrer alterações, tendo em vista que, em algumas escolas, ainda estava ocorrendo o processo de contratação de professores, bem como se tem as questões relacionadas a licença para tratamento de saúde, afastamento funcional, aposentadoria, o que leva de certa maneira a uma “flexibilização” desses dados, mediante realidades diversas, além da possibilidade desses professores e professoras atuarem em mais de uma escola, e com vínculos diferentes. Buscaremos apresentar os dados mais atualizados possíveis dentro dos limites do cronograma de realização desta pesquisa.

Tabela 2 – Quantidade, tipo de vínculo e sexo de professores e professoras da rede municipal de Sete Lagoas/MG.

Unidade Exercício	Efetivo		Designado	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
EM DOUTOR MÁRCIO PAULINO		2		2
EM MARILZA FLEURY		2	2	2
EM AURETE PONTES FONSECA	1			2
EM PADRE TEODORO	1			2
EM PROFESSOR GALVÃO	1	1	1	3
EM NÁDIA LÚCIA FERREIRA ALVES	1		1	
EM PROF. MARCOS VALENTINO		1		1
EM DALVA FERREIRA DINIZ		1	1	
EM HILÁRIO PEREIRA DA FONSECA		1		1
EM ALÍPIO MACIEL DE OLIVEIRA	1			1
EM FRANCISCA FERREIRA DE AVELAR	2			1
EM MONSENHOR MESSIAS	1		1	
EM JOSÉ JACINTO MARTINS GODOY (PROFESSOR GODOY)		1	1	
EM LUCAS RODRIGO			3	
EM JUCA DIAS			3	
EM RAYMUNDO GRAVITO (PROFESSOR GRAVITO)			1	2
EM CLARINDO CASSIMIRO			1	
EM REGINA VITALINO BOTELHO				1
EM RENATO TEIXEIRA GUIMARÃES				1
EM PROFESSOR EDSON ABREU			1	1
EM PROFESSOR VASCO DAMIÃO			2	1
EM ADÉLIA FIGUEIREDO			1	
EM VIRGÍLIO PACHECO			1	
EM DOUTOR ENÍZIO ANTÔNIO VIANA				1
EM JOVELINO LANZA			1	
EM PEDRO CHAVES				1
<b>Total Geral</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>21</b>	<b>23</b>

Os dados obtidos no âmbito municipal, apresentam uma predominância do vínculo designado em ambos os sexos. O número de professores e professoras de EF é próximo comparando-se com os dados da esfera estadual. Ressalta-se que deste número, alguns professores e professoras efetivos e designados exercem cargos em mais de uma escola, o que, portanto, pode implicar em representação duplicada na tabela acima.

Na situação explicitada acima encontra-se um total de 3 professores

efetivos que dividem seu cargo em duas escolas e duas professoras efetivas. Já em relação aos designados, notou-se três professoras e cinco professores no mesmo cenário de divisão de aulas em duas escolas diferentes.

Nota-se, dessa maneira, que a docência em EF no ensino básico de Sete Lagoas (MG) é exercida por um grupo majoritário de mulheres, seja no caráter efetivo ou temporário, em especial na rede pública estadual, o que vai ao encontro com os referenciais teóricos sobre a feminilização do magistério apresentado anteriormente neste estudo.

Além disso, esse cenário de um alto índice de pessoas designadas, nos revela uma realidade de instabilidade e rotatividade de profissionais com uma constante troca de professores, o que dificulta o desenvolvimento de projetos educacionais, bem como um maior envolvimento dos professores e professoras com a escola e sua comunidade.

Outro aspecto levantado no do perfil dos professores e professoras de EF são dados prévios referentes a março de 2021 (Fonte: SISAP) sobre a idade desse público, segue abaixo:

Tabela 3 – Ano de Nascimento, tipo de vínculo de professores e professoras da rede estadual de Sete Lagoas/MG.

Ano	Efetivo		Designado	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
1957		1		
1960	1			
1961	2	1		
1963		2		
1964			1	
1965	2			
1966	1			
1967	1			
1968		1		
1970	1			
1971	4	1		
1973		2		
1974	3			1
1975	2			
1976			2	
1977		1		
1978		2		1
1980	2	4	1	
1981		1		
1982	3	2	1	
1983	2	2	1	
1984	2	1		
1985	3	3		
1986	2			
1987	6			
1988	4		1	
1989	4	1		
1990	3	3		
1991	1	1		
1992		1		
1994	1			1
1995		1		

Identificamos um total de 91 professores e professoras de EF da rede estadual de ensino de Sete Lagoas, sendo que, desse número, o quantitativo maior percebido foi o de professoras, tanto com o vínculo efetivo quanto designado. A faixa etária das professoras varia de 27 aos 61 anos de idade, e a dos professores dos 26 aos 64 anos, entre efetivos e designados

Em relação a aquisição desses dados de maneira geral,

no que diz respeito à transparência da informação, ainda temos um longo caminho a percorrer, em Minas Gerais e no Brasil. Dados referentes aos vínculos de trabalho dos professores de uma rede de ensino pública, naquilo que faz referência a cargos, entre outros, deveriam ser facilmente acessíveis no sítio do órgão público responsável pela gestão da rede de ensino (AMORIM; SALEJ; BARREIROS, 2018, p. 20).

Em relação ao ano de nascimento desses professores e professoras na rede municipal de Sete Lagoas (MG), observa-se os seguintes resultados, abaixo:

Tabela 4 – Ano de nascimento, tipo de vínculo de professores e professoras da rede municipal de Sete Lagoas/MG.

Ano	Efetivo		Designado	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
1959			1	
1960			2	
1962				1
1964				1
1965			1	1
1964				
1967	1			
1968				1
1969			1	
1970			1	
1971	1			1
1972			1	
1973		1		1
1975			2	1
1976				1
1977			1	
1978		1	1	
1980				1
1982	1	3		1
1983	1			
1984	1			
1985	1		2	2
1987				1
1988			2	
1989		1		
1992			2	
1993			1	
1995				3

Diante destes dados, nota-se uma diferença entre o tipo de vínculo predominante entre a esfera estadual e municipal, bem como em relação ao quantitativo de professores e professoras de EF atuantes nas redes de ensino estadual e municipal em Sete Lagoas (MG).

Ressalto que a escolha por este grupo de professores e professoras tem ligação direta com a minha atuação profissional, por ser professora de EF na rede pública estadual na cidade de Sete Lagoas. Além disso, pode-se perceber a relação deste público com uma possível intervenção profissional

no âmbito do lazer, inclusive como temática que perpassa o processo de formação acadêmica desses professores e professoras de EF, todavia compreendendo também que o campo de atuação e as condições materiais da vida influencia nessa construção de saberes sobre o lazer.

### 3.3 O processo e instrumentos de coleta de dados

O convite para a participação nesta pesquisa foi enviado para professores e professoras de Sete Lagoas a partir de redes de contatos, incluindo-se grupos de *whatsapp* e listas de e-mails, entre os meses de abril a junho de 2022. É válido destacar que a página inicial deste *link* apresentava os objetivos do estudo, bem como as garantias previstas para a ética em pesquisa com seres humanos, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO I), a ser assinado de forma online. A coleta de dados foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEPE – UFMG), sob o número do parecer 5.341.232, na data de 08/04/2022.

Para a obtenção dos dados relativos às percepções de professores sobre o tema central desta pesquisa, utilizou-se de dois instrumentos: questionário semiaberto (APÊNDICE I) e entrevista semi-estruturada (APÊNDICE II). O questionário contemplou perguntas abertas e fechadas por meio de plataforma *online* (*Google Forms*). As questões abrangeram: formação acadêmica, tempo de atuação, tipo de vínculo empregatício, renda, carga horária de trabalho, raça/cor, gênero e sexualidade, identificação e relato de vivências de lazer na pandemia.

No que tange a um dos temas centrais deste trabalho, é importante pontuar que, o questionário apresentou uma questão sobre “sexo”, outra questão sobre “orientação sexual” e outra sobre “gênero”, com alternativas que perpassavam “prefiro não informar” ou “outro”. Esta foi uma estratégia para a construção do instrumento considerando que a apropriação destes termos/conceitos, na experiência e mundo prático/cotidiano de cada participante pode ter sentidos mais ou menos definidos nas narrativas e usos terminológicos que circulam sobre o tema na vida social.

Do ponto de vista analítico, com estas questões do instrumento, buscou-se construir uma base para alcançar operacionalidade para os dados

que se pretendeu mapear, a fim de identificar representações dos respondentes sobre o tema. Aliás, compreender gênero como categoria analítica demanda acessar as construções dos sujeitos, o que pressupõe buscar a materialidade dessas representações em suas possibilidades amplas, uma vez que estas são relacionais e dinâmicas na ordem social.

Assim, para aprofundar as questões presentes no questionário, os professores e professoras respondentes foram, também, convidados a participarem opcionalmente de uma entrevista semiestruturada sobre suas percepções e experiências sobre lazer e gênero. Uma entrevista do tipo semiestruturada que consiste em uma série de perguntas abertas realizadas oralmente, com uma sequência prevista em roteiro, mas que permite que a entrevistadora possa acrescentar mais perguntas na dinâmica da interação (LAVILLE; DIONNE, 1999).

O roteiro contemplou percepções, compreensões e perspectivas sobre: gênero e lazer, possibilidades e dificuldades de vivências do lazer na pandemia, influências do gênero nas experiências e oportunidades de lazer. As entrevistas ocorreram em formato *online* no decorrer de todo o mês de julho de 2022. A escolha pela entrevista de forma virtual partiu dos próprios participantes, dando ênfase na rotina de trabalho, optando por realizarem no período de recesso escolar previsto no calendário acadêmico municipal e estadual.

Salienta-se que esse processo de coleta de dados resultou num total de 33 respondentes (15 do sexo masculino e 18 do sexo feminino) do questionário, sendo que destes 20 participantes manifestaram o interesse e disponibilidade para participarem da entrevista. Todavia, alguns destes respondentes não retornaram ao contato da pesquisadora para a realização da entrevista, outros não assinalaram telefone para contato e/ou e-mail para sua identificação no campo solicitado para estas informações, portanto, não sendo possível contactar os mesmos. Dessa forma, ao final 11 participantes (7 do sexo masculino e 4 do sexo feminino) responderam ao contato da pesquisadora e foram entrevistados através da plataforma *Google Meet* em julho de 2022, mediante disponibilidade do participante e pesquisadora.

### 3.4 A análise dos dados

Os dados obtidos a partir dos questionários foram apresentados de forma descritiva. Não se pretendeu operar estatisticamente as variáveis obtidas no questionário, posto que os objetivos do estudo não estão vinculados a questões dessa natureza. As entrevistas, por sua vez, foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo (AC).

Segundo Bardin (2006), a AC consiste em um conjunto de técnicas que envolvem três etapas para inferir sobre a significação de dados, a saber: 1) pré-análise, que envolve desde o contato à organização do material a ser analisado; 2) exploração do material, que consiste em definição de categoriais analíticas; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, que se refere às interpretações e inferências sobre os dados em forma de análise crítica e reflexiva.

Esta técnica não obedece a uma linearidade na sequência dos dados da entrevista, mas, consiste em um agrupamento de temas que possuem uma ligação entre si e constituem um foco temático de interesse da investigação. As categorias analíticas são formuladas com base nos objetivos do estudo e, para formulá-las, demandam mobilizar o repertório teórico-metodológico que orienta as interpretações. Os conteúdos do material analisado emergem da(s) questão(ões) da investigação em margens explícitas de significação (BARDIN, 2006).

De acordo com Bauer (2007, p. 194), a AC “pode reconstruir ‘mapas de conhecimento’ à medida que eles estão corporificados em textos. As pessoas usam a linguagem para representar o mundo como conhecimento e autoconhecimento”. No caso desse estudo, o próprio momento de interlocução entre a pesquisadora e participantes, somando-se às transcrições das entrevistas configuram a fase de pré-análise. À medida que o texto transcrito é apreciado quanto ao conteúdo das falas e temas que se articulam, independentemente da ordem das perguntas, procede-se a fase de categorizar, ou seja, codificar agrupamentos temáticos para a análise, esta que é a fase de inferência de resultados, amparada no repertório e perspectiva teóricos que fundamentam no olhar sobre o tema da pesquisa.

#### **4. PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE LAZER E GÊNERO NA PANDEMIA**

Em análise aos dados obtidos nos questionários e entrevistas, buscou-se articular a análise descritiva com as categorias analíticas geradas a partir da AC, apresentando-as em tópicos “descritivo-analíticos” nos quais as técnicas são integradas e interagem, a fim de potencializar as inferências e interpretações sobre a realidade das pessoas pesquisadas.

Neste sentido, o próximo tópico apresentará as características e identificações das professoras e professores de EF da rede pública da cidade de Sete Lagoas, buscando compreender melhor o contexto de vida e da profissão dos mesmos. Posteriormente, foram definidas 3 categorias de análise, sendo elas: compreensão profissional do lazer; práticas, vivências, tempo e importância do lazer na pandemia; percepções e compreensões sobre gênero.

Essas categorias em consonância aos dados descritivos deste estudo, busca esclarecer e contextualizar de maneira reflexiva e crítica pontos cruciais para os objetivos da presente pesquisa oportunizando consequentemente o enriquecimento e aprofundamento de uma aproximação com a realidade a ser explorada.

##### **4.1 Os professores e professoras de EF da rede pública de Sete Lagoas**

Todas pessoas participantes se identificaram em relação ao sexo. Nenhum dos respondentes utilizou a opção “prefiro não informar”, o que pode sinalizar que este termo serve de referência no mundo cotidiano e prático da construção subjetiva dos respondentes, que se manifesta em identificação com masculino ou feminino.

Na primeira etapa de desenvolvimento metodológico desse estudo, foi possível obter um total de 33 respondentes do questionário, sendo que 54,5% auto reportaram-se como sendo do sexo feminino e 45,5% do sexo masculino. Nesse primeiro momento, dados relacionados ao perfil profissional, acadêmico e socioeconômico desses professores e professoras

serão detalhados segundo a perspectiva descritiva, amparando-se na terminologia masculino/feminino, meramente como opção operacional para esta descrição. Reconhece-se e reforça-se que as construções de homem/mulher são plurais e não se esgotam num determinismo biológico, conforme pautado no referencial teórico mobilizado para o entendimento destes termos (BUTLER, 2020).

A faixa etária predominante dos participantes foi o grupo de 29 a 39 anos com 51,5%, seguido por 21,2% de 18 a 28 anos, 15,2% entre 40 e 50 anos, 9,1% de 51 a 61 anos e 3% entre 62 a 72 anos. Contemplou-se assim, um grupo heterogêneo quanto à faixa etária. Relacionando esses dados com o sexo dos respondentes, foi possível observar o seguinte cenário: o sexo masculino com a variação de idade entre 29 a 50 anos, já o sexo feminino apresentou um público mais jovem, com maioria entre 29 a 39 anos.

Quanto à formação acadêmica desses professores e professoras 54,5% possui a Licenciatura em EF. 42,4% tem a graduação em Licenciatura e Bacharelado em EF. Apenas uma respondente sinalizou a opção “outro” e indicou a Especialização em Atividade Física e Exercícios para pessoas com Deficiência como sua formação.

No que se refere ao nível de ensino em que atuam, é importante sinalizar que os respondentes poderiam marcar mais de um ciclo de atuação. Em sua maioria, esses professores e professoras atuam lecionando para o Ensino Fundamental II Anos Finais 69,7%. Já o Ensino Fundamental I Anos Iniciais e o Ensino Médio, foram ambos apontados por 57,6% respondentes. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi assinalada por 6,15% dos participantes deste estudo. Houve respostas apontando a opção “outro”. Uma professora incluiu a atuação no Ensino Superior, e um professor inseriu a Educação Integral (embora não tenha especificado o nível de ensino).

Os participantes da pesquisa atuavam, em sua maioria, no âmbito da educação pública estadual de Sete Lagoas (87,9%) e 10 (30,3%) lecionam na rede municipal de ensino. No que se refere às instituições privadas, 5 participantes (15,2%), indicaram trabalhar nessa esfera. Trata-se de um cenário no qual um mesmo professor ou professora pode atuar em redes de ensino diferentes, ocupando cargos com encargos diferentes.

Tal aspecto pode refletir também no tipo de vínculo empregatício

desses respondentes. No estudo, observou-se que 63,6% dos professores e professoras atuavam em caráter efetivo, já 42,4% têm como situação de contrato de trabalho o vínculo temporário (contratado por um período determinado). Ressalta-se, portanto, que um mesmo respondente pode atuar nessas duas esferas empregatícias, em redes de ensino.

Em relação ao tempo de atuação lecionando aulas de EF, 66,7% dos participantes apontaram o período de 1 a 10 anos, já 24,2% indicaram o ciclo de 11 a 20 anos e, por fim, apenas 9,1% caracterizou seu tempo de atuação entre 21 a 30 anos. Metade dos respondentes exercem atividade remunerada em outro espaço. Destes, 7 participantes atuam em academia/personal trainer, 3 indicaram atuar na área de recreação. Além disso, há profissionais que atuam em escola de esportes, coordenação de projetos esportivos e sociais específicos, bem como no setor de vendas (não especificado). Destes respondentes, 56% indicaram ser do sexo feminino e 44% do sexo masculino, sendo que desses respondentes 83% apontaram trabalhar aos finais de semana.

Outro questionamento realizado no estudo relaciona-se com a carga horária semanal de trabalho desses professores e professoras, 30,3% dos participantes tem uma jornada de trabalho semanal superior a 40 horas, 24,2% indicaram um período de serviço de 31 a 40 horas durante a semana, 21,2% apontaram ter uma carga horária de trabalho de 21 a 30 horas semanais, o tempo de 11 a 20 horas semanais é presente para 18,2% desses professores e professoras e apenas 6,1% assinalaram o menor tempo de serviço semanal de até 10 horas semanais.

Esse período de trabalho extenso para a maioria dos respondentes pode também se relacionar com outra indagação da pesquisa, que teve como interesse entender se esses professores e professoras costumam trabalhar aos finais de semana na escola ou em outro espaço, sendo que 72,7% assinalaram positivamente para essa indagação – observando ainda que a maioria apontou trabalhar entre 31 a 40 ou mais horas semanais. 27,3% respondentes indicaram não trabalhar aos finais de semana.

Esse cenário visibilizado pelos dados obtidos, revelam que o grupo dessa pesquisa possui uma jornada de trabalho exaustiva estendendo-se aos finais de semana e também a necessidade de atuar de forma remunerada em

outras áreas para além da educação. E isso vem se refletindo nas pautas de reivindicações da área educacional em uma constante luta pela sua valorização.

Destaca-se que desse grupo de professores e professoras participantes do estudo 97% indicaram morar em Sete Lagoas e apenas 3% moram em outra cidade, sendo que 87,9% lecionam em escolas apenas da cidade referida anteriormente e 12,1% atuam também em outras cidades como: Santana de Pirapama, Prudente de Moraes e Baldim, tais localidades ficam nas proximidades do município de Sete Lagoas.

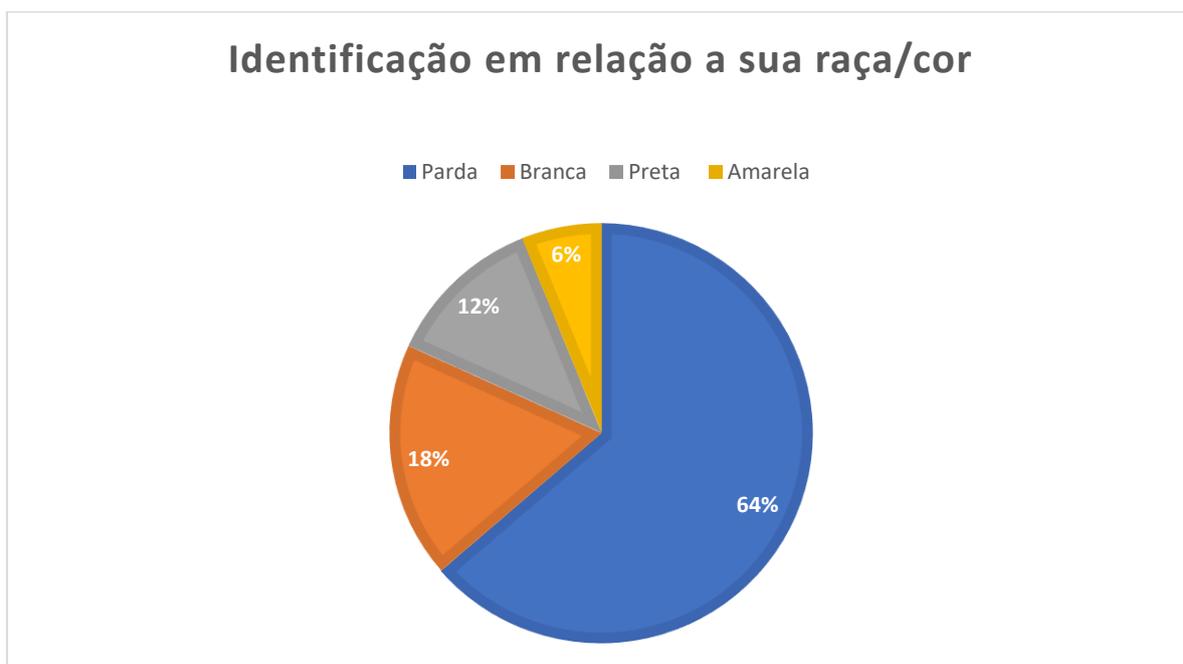
Em relação ao meio de transporte para o trabalho, 81,8% sinalizaram a condução a partir de veículo próprio, 18,2% indicaram ir a pé para o serviço, 12,1% apontaram respectivamente utilizarem de carona compartilhada e aplicativo de transporte. O transporte coletivo foi assinalado por 9,1% e apenas um respondente utiliza a bicicleta como meio de transporte para o trabalho.

Esses professores e professoras ao serem questionados sobre como se identificam em relação a sua cor/raça<sup>18</sup>, se identificaram como:

---

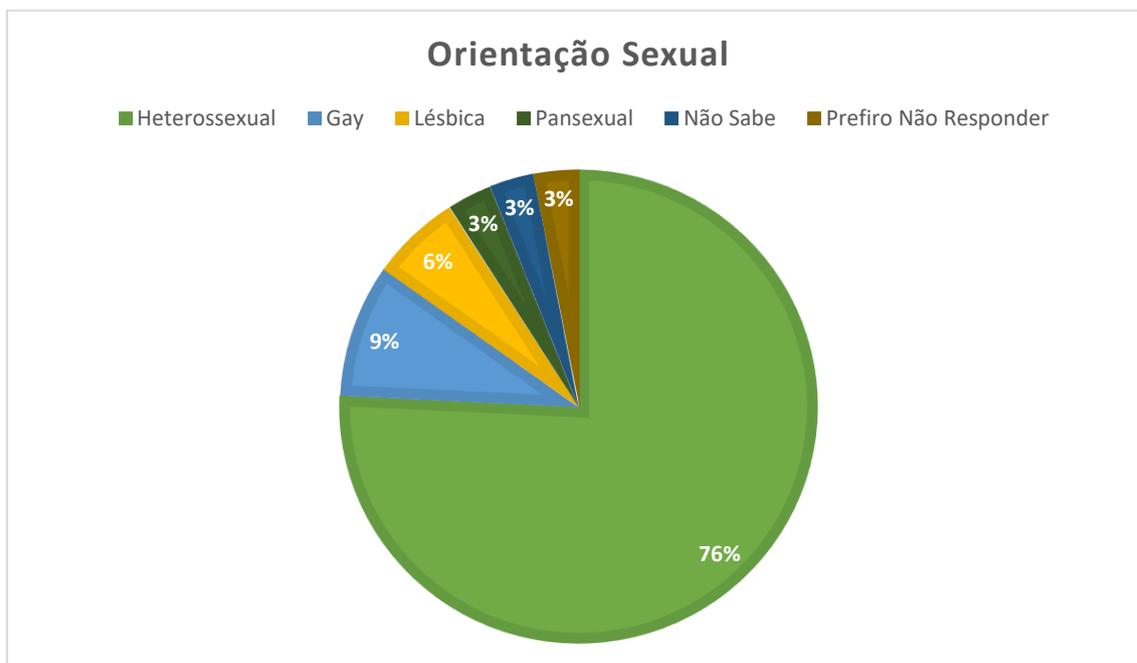
<sup>18</sup> Classificação utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Gráfico 1 – Identificação em relação a sua raça/cor



Percebe-se que o grupo desta pesquisa é composto predominantemente por pessoas pardas, pretas e brancas. No que se refere a orientação sexual, nota-se os seguintes dados abaixo:

Gráfico 2 – Orientação sexual



Importante destacar neste sentido, que os debates acerca da

diversidade sexual em consonância com o gênero já se fazem presente nas pautas de variados grupos sociais, entretanto barreiras como a dificuldade em promover ações específicas são encontradas, o que conseqüentemente influencia na visibilidade da temática, na apropriação da população em geral dos termos e significados referentes a essa diversidade sexual (DIAS; BRAZÃO, 2021).

Das pessoas deste estudo, 14 participantes no período da pesquisa encontram-se solteiros e solteiras, já 9 estão casados e casadas, 7 possuem algum tipo de cônjuge, companheiro (a), namorado (a). Apenas 2 professoras indicaram ser viúvas e 1 professor apontou estar separado.

Desse grupo de professores e professoras, a maioria (60,6%) sinalizou não ter filhos, enquanto 39,4% indicou ter filhos, sendo predominante o quantitativo de um filho, aparecendo também o número de dois e três filhos. Seguindo esse traçado socioeconômico dos respondentes, em relação a renda individual mensal 36,4% apontaram um faturamento entre R\$ 2.200,00 e R\$ 3.200,00. Já 30,3% indicaram o recebimento entre R\$ 1.100,00 e R\$ 2.200,00, e 18,2% assinalou o provento entre R\$ 3.200,00 e R\$ 4.200,00. Apenas 6,1% sinalizaram receber entre R\$ 4.200,00 e R\$ 5.200,00 e 9,1% apresentaram um rendimento superior a R\$5.200,00.

A soma da renda mensal desses professores e professoras com as pessoas que moram com esses respondentes, foi apontado por 27,3% que o provento familiar está entre R\$ 3.200,00 e R\$ 4.200,00 e também acima de R\$ 5.200,00. Já 15,2% indicou uma renda entre R\$ 4.200,00 e R\$ 5.200,00, 12,1% apresentaram um provento entre R\$ 2.200,00 e R\$ 3.200,00. É importante salientar que 9,1% responderam não saber a soma da renda mensal. Dos professores e professoras 6,1% assinalaram o recebimento entre R\$ 1.100,00 e R\$ 2.200,00, e 3% responderam receber menos de R\$ 1.100,00.

Essa renda mensal familiar está relacionada com o número de moradores com quem esses professores e professoras moram, sendo possível destacar que 42,4% assinalaram morar com pais/mãe/e ou irmãos, 36,4% residem com esposo (a); companheiro (a); cônjuge/ namorado (a) já 24,2% indicaram habitar com seus filhos (as), salienta-se a possibilidade de se marcar mais de uma opção.

Outro questionamento, direcionado à dinâmica dos lares dos participantes, buscou mapear de quem é a principal responsabilidade no cuidado do trabalho doméstico e/ou cuidado com filhos (as), sendo uma pergunta aberta, cujas respostas podem ser observadas no quadro<sup>19</sup> abaixo (respostas semelhantes foram agrupadas):

---

<sup>19</sup> Para manter anonimato dos professores e professoras participantes cada respondente será identificado da seguinte forma: Professor para os respondentes que assinalaram ser do sexo masculino, e Professora para quem apontou ser do sexo Feminino, levando em consideração a data de envio do questionário.

Quadro 1 – Responsabilidade no cuidado do trabalho doméstico e/ou cuidado com filhos (as)?

Na sua residência, de quem é a principal responsabilidade no cuidado do trabalho doméstico e/ou cuidado com filhos (as)?	Respostas
Professor 1 / Professor 6 / Professor 15 / Professor 17 / Professora 18 / Professor 20 / Professora 29 / Professora 33	Minha mãe
Professora 2 / Professora 11 / Professora 12 / Professora 14 / Professora 18 / Professora 22 / Professora 24 / Professora 25 / Professor 26 / Professor 28 / Professora 30	Minha
Professora 3	Serviços de casa dividido. Com nossa filha de 10 meses, a maior responsabilidade é minha.
Professora 4	Tenho faxineira
Professor 5 / Professor 9 / Professor 10 / Professora 13 / Professora 19 / Professor 21 / Professor 23 / Professor 27 / Professora 31 / Professor 32	Ambos / Todos (tudo dividido)
Professora 7 / Professor 28	Pai
Professor 8	Esposa
Professora 16	Tia

Ao averiguar alguns dados no quadro acima, é importante salientar que a maioria dos respondentes que indicaram que a responsabilidade de cuidados domésticos é das mães são respondentes que auto se identificaram como sendo do sexo masculino 62%. Respondentes que indicaram com a palavra “minha” sobre estes tipos de obrigações são predominantemente do sexo feminino 64%

Percebe-se, portanto, uma ligação do público feminino com os lares, o que pode ser considerado uma construção histórica e social da mulher haja vista, “funções sociais previamente estabelecidas como de ser responsável por afazeres doméstico e cuidados com familiares impactam na sua compreensão enquanto sujeito, individual e coletivamente” (ALVES; RESENDE, 2021, p. 623).

De modo geral, a partir desses dados obtidos, traçando o perfil dos professores e professoras de EF da rede pública de Sete Lagoas, observou-se um público com a faixa etária mais jovem, e com uma renda familiar majoritariamente acima de R\$ 3.200,00. Entretanto, essa renda relaciona-se com o fato de os respondentes trabalharem em outros espaços para além da escola com atividade remunerada, refletindo na prevalência de uma carga horária de trabalho semanal acima de 35 horas.

Além disso, um mesmo professor e/ou professora pode atuar com níveis de vínculos empregatícios diferentes (efetivo/contratado), bem como atuar em mais de uma rede de ensino (pública e privada).

A partir dessas informações sobre os participantes da pesquisa em relação ao seu perfil acadêmico / financeiro / social / familiar, outro ponto importante se relaciona com a esfera do lazer na vida cotidiana desses professores e professoras, o que será melhor observado no tópico seguinte.

#### 4.2 E o lazer? Identificando as percepções dos professores e professoras

A primeira categoria de análise foi intitulada: compreensão sobre o lazer por professores e professoras de EF. Percebeu-se que a especificidade da formação ocupa um lugar de destaque nas compreensões e percepções que o grupo pesquisado apresentou sobre os temas centrais da pesquisa, que serão explanados a partir deste tópico.

O lazer enquanto direito social é tema de estudos emergentes, buscando compreender esse fenômeno enquanto uma necessidade humana que sofre influências das políticas públicas (ou a ausência delas), dos aspectos econômicos, sociais, (MARCELLINO, 2006; GOMES, 2014). Portanto, como um tema dinâmico e sujeito a apropriações nas subjetivações humanas, buscamos explorar qual a compreensão dos participantes deste

estudo sobre “o que é lazer”. Os dados foram sintetizados no quadro abaixo para auxiliar a qualidade descritiva da pesquisa (respostas semelhantes foram agrupadas):

Quadro 2 – O que é lazer?

Para você o que é lazer?	Respostas
Professor 1 / Professora 2 / Professora 3 / Professor 5 / Professor 8 / Professora 11 / Professora 14 / Professor 15 / Professora 16 / Professora 18 / Professor 21 / Professora 25 / Professor 27 / Professora 29 / Professora 31 / Professor 32	Lazer é tudo que você faz e sinta prazer / Momentos com atividades prazerosas
Professora 3 / Professora 4 / Professora 7 / Professora 12 / Professora 14 / Professor 17 / Professora 29	Distração / Diversão / Felicidade / Descontração / Desestressar
Professor 6	Atividades culturais livres de obrigação, que se pratica em tempo livre, podendo ter inúmeras categorias, físico esportivas, manuais, tecnológicas e etc.
Professor 8 / Professor 10 / Professora 11 / Professor 12 / Professora 13 / Professor 15 / Professora 16 / Professora 19 / Professor 21 / Professora 25 / Professor 26 / Professor 28 / Professora 31 / Professor 32 / Professora 33	Atividade que você pratica fora do horário de trabalho. Atividade fora das obrigações religiosas, familiares, de estudo etc. Atividades no tempo livre. Atividade de livre escolha / livre vontade
Professor 9	Tudo que te transmite bem estar

	físico, mental e social. Mesmo no trabalho tenho momentos de lazer.
Professor 10 / Professora 22 / Professor 23	Descansar / Dormir
Professora 12	Recreação
Professor 15	Ao longo do tempo o lazer assume características novas, muito em função da rotina e novas configurações do trabalho.
Professor 20	Conjunto de preferências/escolhas ocupacionais para horas ociosas, de descontração e despreocupação. Digamos, ocupações escolhidas por afinidade e preferência.
Professor 22	Aproveitar o tempo de folga e/ou férias.
Professora 24	Estar com a família.
Professora 30	Lazer é tudo que envolve prazer de realizar. Pela concepção profissional existem para o lazer e pelo lazer, sendo definidos um pelo tempo livre e o outro como tarefas (responsabilidades).

É importante ressaltar que essa pergunta era aberta, possibilitando desta forma que o respondente formulasse suas frases de forma ampla e diversificada, o que reflete no aparecimento de um mesmo professor e/ou professora em respostas diferentes no quadro acima. Mediante esse quadro, é possível perceber que, de maneira predominante, o grupo de respondentes entende o lazer enquanto uma prática prazerosa e que deve ser realizada a

partir de aspectos como: o tempo livre de obrigações e através de atividades de livre escolha.

Nesse sentido, a relação entre prazer e lazer, converge com discussões acadêmicas como Melo e Alves Junior (2012, p. 34) que afirmam que “as atividades de lazer são buscadas tendo em vista o prazer que podem possibilitar, embora nem sempre isso ocorra e embora o prazer não deva ser compreendido como exclusividade de tais atividades”.

O que se pode depreender é que para os participantes da pesquisa a busca pelo prazer nas suas práticas de lazer norteia a sua demanda. Todavia, devemos ponderar que tal busca não é exclusiva do contexto do lazer, haja vista que é possível se obter prazer em atividades que não se liguem ao lazer (MELO; ALVES JUNIOR, 2012).

De forma geral, na realização dessas atividades mesclam-se sentimentos, sejam eles de prazer e alegria, quanto o de decepção, tristeza. Ou seja, apesar de o ponto principal ser a procura pelo prazer, excitação e a alegria, se faz necessário estar preparado para o desprazer e o desapontamento que possa vir a ocorrer (MELO; ALVES JUNIOR, 2012).

De fato, o lazer abrange diversos aspectos, como os já mencionados, e não ser considerado isoladamente, pois se vincula a diversas esferas sociais, culturais, econômicas dentre outras, ou seja, compõe um conjunto de valores que orientam a vida da sociedade. Além disso, nos dados obtidos, pode-se observar uma dicotomia entre o tempo de trabalho e obrigações familiares, religiosas, profissionais, dentre outros, com o tempo e vivência das atividades de lazer (MARCELLINO, 2006).

A configuração do tempo e da rotina cotidiana para a sociedade está:

condicionada a partir do significado atribuído ao tempo por determinadas sociedades, contribuiu para uma visão cartesiana da vida. Com essa situação, mantém-se em evidência, um indivíduo fragmentado nas ações e intenções. Este fato dificulta, de certa forma, a interpretação do fenômeno lazer, fora de parâmetros temporais tão marcantes. As funções estabelecidas pela categorização do tempo, exigem do indivíduo uma postura específica, como para as obrigações – seriedade – e para o tempo das não obrigações -relativa espontaneidade -, o que por sua vez pode inibir o indivíduo de viver na plenitude de sua vida, em todas as esferas sociais, dificultando a fluidez de sentimentos e sensações (TEODORO *et al.*, 2020, p. 130).

Dessa forma, o tempo como um elemento marcador das ações

humanas encontra no lazer e trabalho uma distinção a partir do senso comum relacionado à interpretação das pessoas acerca do que o lazer significa para as mesmas, distanciando-se do ambiente de trabalho através do recorte temporal relacionado a carga horária de trabalho, com exceção do Professor 9, que assinala ter momentos de lazer em seu exercício profissional.

Outro aspecto que merece destaque é a resposta do Professor 6, que conecta as práticas de lazer às atividades culturais e, inclusive, cita as categorias dos interesses culturais do lazer, como é ponderado por Marcellino (2006), que as classifica em seis interesses: interesses artísticos (ligado a emoções, imaginário e conteúdo visual), os intelectuais (atividades ligadas ao raciocínio), os físicos/esportivos (prevalência do movimento), os manuais (manipulação de objetos), os turísticos (passeios, viagens) e os sociais (convívio social).

Mediante os interesses explicitados, a autora Schwartz (2003), entende o conteúdo virtual como o sétimo interesse do lazer, contemplando assim todo o artefato digital. A partir da resposta do Professor 6, percebe-se um conhecimento específico da construção histórica acadêmica do campo do lazer no Brasil.

Assim, as práticas de lazer estão interligadas com outras esferas humanas e sociais, em uma rede de articulações que influenciam o tempo, a vivência e a compreensão do que é lazer para as pessoas. Entretanto, é necessário destacar que apesar das variadas respostas obtidas, em nenhuma delas o lazer é citado como um direito social, o que merece um olhar crítico e reflexivo apontando para um possível desconhecimento dos respondentes acerca do lazer na Constituição Brasileira.

Observando-se a resposta da Professora 30, é possível compreender uma possível ligação com o lazer e o seu duplo aspecto educativo. Isto é, a educação para o lazer que tem, segundo Marcellino (2006), como necessidade o estímulo as práticas de lazer. Há a necessidade de se considerar os diversos aspectos e riscos nesse processo de aprendizagem como, por exemplo, a maturidade física, emocional, psicológica, além das alterações naturais que ocorrem nas práticas de lazer. Marcellino (2006) ressalta que, em se tratando do lazer como veículo de educação (educação pelo lazer), é necessário considerar suas potencialidades para o

desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

A conexão entre o que é lazer para esses professores e professoras pode ter relação com o processo de formação dos mesmos, haja vista a aproximação do campo do lazer com a EF. Do grupo pesquisado, 97% indicou que teve alguma disciplina/conteúdo sobre lazer em sua graduação e apenas 3% assinalaram que não.

Esse dado converge com o momento histórico em que o lazer se solidificou no universo acadêmico. Filippis e Marcellino (2013), em seu estudo sobre a formação profissional em lazer nos cursos de EF, no estado de São Paulo, analisaram seis instituições e apenas uma dessas não citava o lazer em seu projeto pedagógico. Já Nascimento *et al.* (2020), ao analisarem a inclusão do lazer nos currículos de EF das instituições de ensino superior (IES) públicas do Tocantins, constataram que, em todos os currículos pesquisados, disciplinas que tematizam o lazer são contempladas, além de se oferecer projetos de extensão no campo do esporte e/ou lazer.

Cavalcante e Lazzarotti Filho (2021) em seu estudo sobre as disciplinas relacionadas ao lazer nos currículos dos cursos de EF do Brasil constatou o baixo espaço para um maior número de disciplinas sobre o lazer bem como a ampliação de sua carga horária nos cursos, apesar de averiguarem que a presença desse conteúdo nos currículos apresenta um fluxo diverso e flexível.

No âmbito mineiro, Gomes (2013), ao averiguar o trabalho desenvolvido em disciplinas conectadas ao lazer nos cursos de licenciatura e bacharelado em EF de instituições públicas e privadas de Belo Horizonte (MG), constatou a ocorrência de uma abordagem semelhante entre os cursos com aspectos relacionados aos conteúdos e interesses, história e concepções de lazer. No entanto, foi detectado um maior destaque dos estudos relacionados ao lazer nos cursos de bacharelado em EF.

O cenário da aproximação entre a formação acadêmica e o lazer refletiu-se de forma efetiva nas entrevistas realizadas, compondo a primeira categoria analítica extraída da análise de conteúdo: compreensão sobre lazer por professores e professoras de EF. Isto é, quando os participantes foram questionados em entrevista, foi perguntado se a sua área de atuação (EF) interfere nas suas possibilidades e experiências de lazer. Se sim, de que

forma? Obteve-se os seguintes relatos:

**Facilita bastante**<sup>20</sup>. Nossa área de Educação Física é uma área muito grande, muito ampla, então, a gente pode vivenciar o lazer de várias formas. Então, essa é minha opinião. [...] Até porque na faculdade mesmo, eu aprendi que lazer é tudo aquilo que te dá prazer, né?! Principalmente nos momentos das horas vagas, então, eu consigo entender o significado do lazer... pra mim, algumas coisas não eram e hoje eu vejo que é. Então, nossa linha de atuação facilita bastante (PROFESSOR 1).

Eu acho que o fato de ser professor de Educação Física nos coloca **mais conscientes**<sup>21</sup> de (...) **de ter esses momentos, de como aproveitá-los e também de ter o conhecimento, de poder ampliar essas vivências**, não ficar restrito a só uma categoria do lazer, poder vivenciar outras coisas, justamente por ter esse conhecimento que faz parte da nossa formação. É esse conhecimento é (...) de inúmeras atividades físico-esportivas, conhecimentos sobre a natureza, isso tudo amplia muito nossas possibilidades né, olhando em comparação com outras profissões, onde a pessoa fica muito restrita a um conhecimento técnico. Nosso conhecimento, obviamente, a gente tem um conhecimento técnico, mas também tem muito essa questão de vivência ampla, tem muito essa questão das outras categorias. Então, para mim, **sim, o fato de ser professor amplia sim minhas possibilidades, minhas vivências**<sup>22</sup> (PROFESSOR 6).

**Acredito que sim, é uma área que nos proporciona várias atividades diferenciadas**, e (...) **o conhecimento, né, nos faz entender um pouco melhor da prática**<sup>23</sup>, mas, se não houver pessoas juntos ou alguma forma de incentivo, mesmo conhecendo dessas práticas a gente acaba optando por não fazer, por não dividir melhor o tempo talvez (PROFESSORA 14).

Sim, porque, como profissional, **eu tenho conhecimento sobre muitas questões do lazer e eu sei também a importância e a dimensão do lazer na vida sociocultural de alguém**<sup>24</sup> [...] Porque muitas pessoas concebem o lazer apenas como um momento de você fazer o que você gosta, mas o lazer vai para além disso, a gente tem várias funções. Igual na faculdade, eu tive uma disciplina, (inaudível) que eram quatro valores do lazer que era algo descompromissado, que é o principal fator ali que pega, se é algo descompromissado pra mim é o principal fator (PROFESSOR 20).

Em consonância com as perspectivas expostas nas falas, no questionário os participantes, ao serem indagados, em uma pergunta discursiva, se professores e professoras de EF têm mais esclarecimento sobre o lazer e suas possibilidades do que outras pessoas e porque, 19

<sup>20</sup> Grifo da autora. Optou-se por transcrever as falas das pessoas entrevistadas da forma como falaram, sem correções ortográficas ou de concordância.

<sup>21</sup> Grifo da autora.

<sup>22</sup> Grifo da autora.

<sup>23</sup> Grifo da autora.

<sup>24</sup> Grifo da autora.

respondentes indicaram que sim, dando ênfase ao fato do lazer fazer parte do processo de sua formação como percebido nas seguintes respostas do quadro abaixo:

Quadro 3 – Professores e professoras de educação física têm mais esclarecimento sobre o lazer e suas possibilidades?

<b>Na sua opinião, professores e professoras de educação física tem mais esclarecimento sobre o lazer e suas possibilidades do que outras pessoas? Por que?</b>	<b>Respostas</b>
Professor 1	Sim, pois durante a nossa graduação temos conteúdos relacionados com o tema.
Professora 7	Sim, pois temos um estudo mais abrangente na nossa área de formação.
Professor 8	Sim, porque está na grade do curso de Educação Física.
Professora 11	Sim, porque teve um conhecimento mais específico desse conteúdo cursando a faculdade.
Professor 15	Sim, por se tratar de um conteúdo atrelado ao universo que estudamos.
Professora 16	Sim, devido a formação acadêmica, o conhecimento é mais amplo
Professor 17	Sim, pois se aprende tudo na faculdade.
Professor 23	Sim, por fazer parte do nosso conhecimento na formação gradual
Professor 20	Conjunto de

	preferências/escolhas ocupacionais para horas ociosas, de descontração e despreocupação. Digamos, ocupações escolhidas por afinidade e preferência.
Professor 32	Sim, pois temos formação com disciplina específica.

Diante dos trechos destacados, é possível constatar a presença de uma relação entre o processo de formação acadêmica com o campo científico do lazer e suas possibilidades enquanto um conteúdo integrador da graduação em EF. Entretanto, destaca-se que apenas um professor entrevistado respondeu negativamente à indagação referida anteriormente, realizando a seguinte ponderação:

Na realidade, não. Eu acredito que não, na verdade eu nunca parei para pensar nisso é né [...] mas, assim, eu não acredito que a minha profissão tenha interferido assim diretamente na questão do meu momento, dos momentos de lazer não (PROFESSOR 28).

Seguindo a mesma concepção do Professor 28, no questionário (que envolveu um número maior de respondentes), observou-se as seguintes respostas negativas:

Quadro 4 – Professores e professoras de educação física têm mais esclarecimento sobre o lazer e suas possibilidades?

<b>Na sua opinião, professores e professoras de educação física tem mais esclarecimento sobre o lazer e suas possibilidades do que outras pessoas? Por que?</b>	<b>Respostas</b>
Professor 5	Não. No dia a dia, tenho percebido que poucos profissionais têm tido, não só a consciência, mas também a percepção da importância do lazer em nossas vidas.
Professor 9	Não, porque tem pessoas que não tem nenhuma informação sobre e vive melhor sabendo aproveitar melhor seus momentos de lazer
Professor 21	Acredito que não podemos fazer essa afirmativa com percentual satisfatório de certeza. Geralmente, a disciplina de lazer é breve e essa temática não é muito comum no trabalho com os alunos. Certamente temos uma instrução inicial, mas é preciso lembrar que temos de nos educar pelo e para o lazer.

Como se nota, ao problematizar a relação lazer e o fato de ser professor e professora de EF enquanto um elemento influenciador de suas práticas de lazer diferentes visões foram identificadas, relacionando-se ao processo de formação, a atuação profissional, bem como críticas ao espaço ocupado pelo lazer enquanto conteúdo nos currículos do curso de EF.

Santos e Isayama (2019, p. 121) enfatizam que a formação no lazer se configura em um “espaço que possibilita a atuação de profissionais com diferentes formações (turismólogos, profissionais de educação física, pedagogos, arte educadores, dentre outros) [...]”. Ou seja, variados

profissionais fazem parte da formação no lazer. Entretanto, Isayama (2009) pondera que o campo da EF, ao longo do seu desenvolvimento, realizou e ainda realiza contribuições significativas em relação ao campo do lazer no Brasil.

Outro aspecto importante para tal estudo relaciona-se às vivências de lazer dos professores e professoras de EF. Nesse estudo, 78,8% dos participantes indicaram que encontraram dificuldades de vivenciar o lazer no período de março de 2020 a março de 2021, o que será melhor observado no próximo tópico.

#### 4.3 Lazer e pandemia: Conhecendo as práticas de lazer dos professores e professoras de EF no período de março de 2020 à março de 2021.

Em continuidade ao uso articulado da técnica da análise descritiva dos questionários com a AC sobre as entrevistas, apresenta-se a segunda categoria denominada: práticas, vivências, tempo e importância do lazer para os professores e professoras de Sete Lagoas na pandemia.

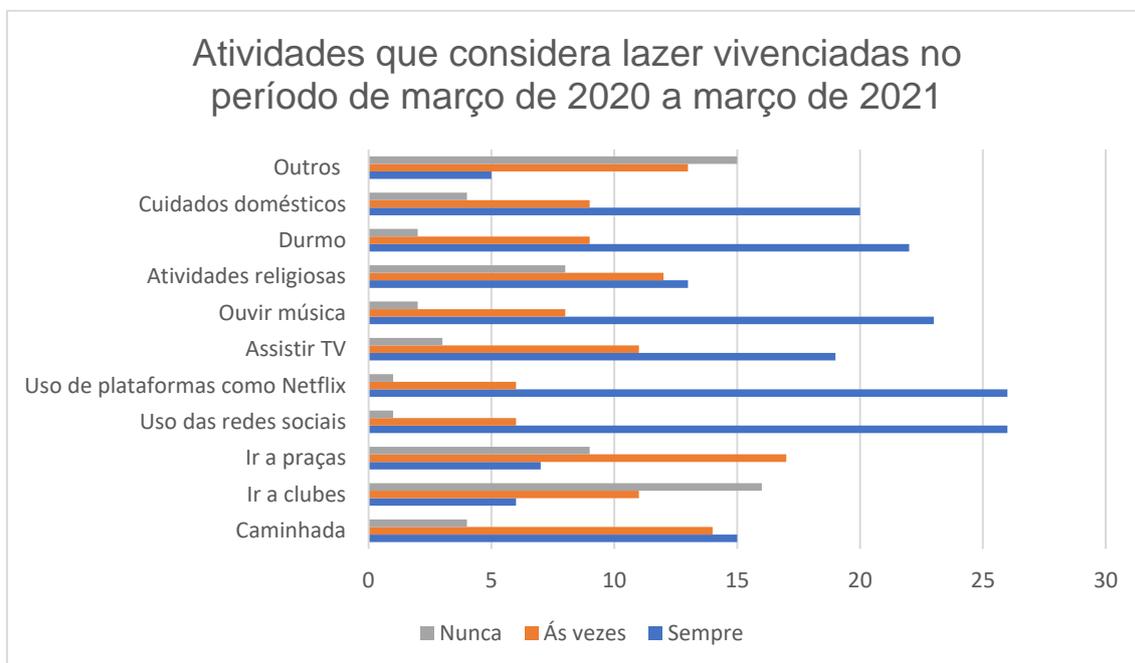
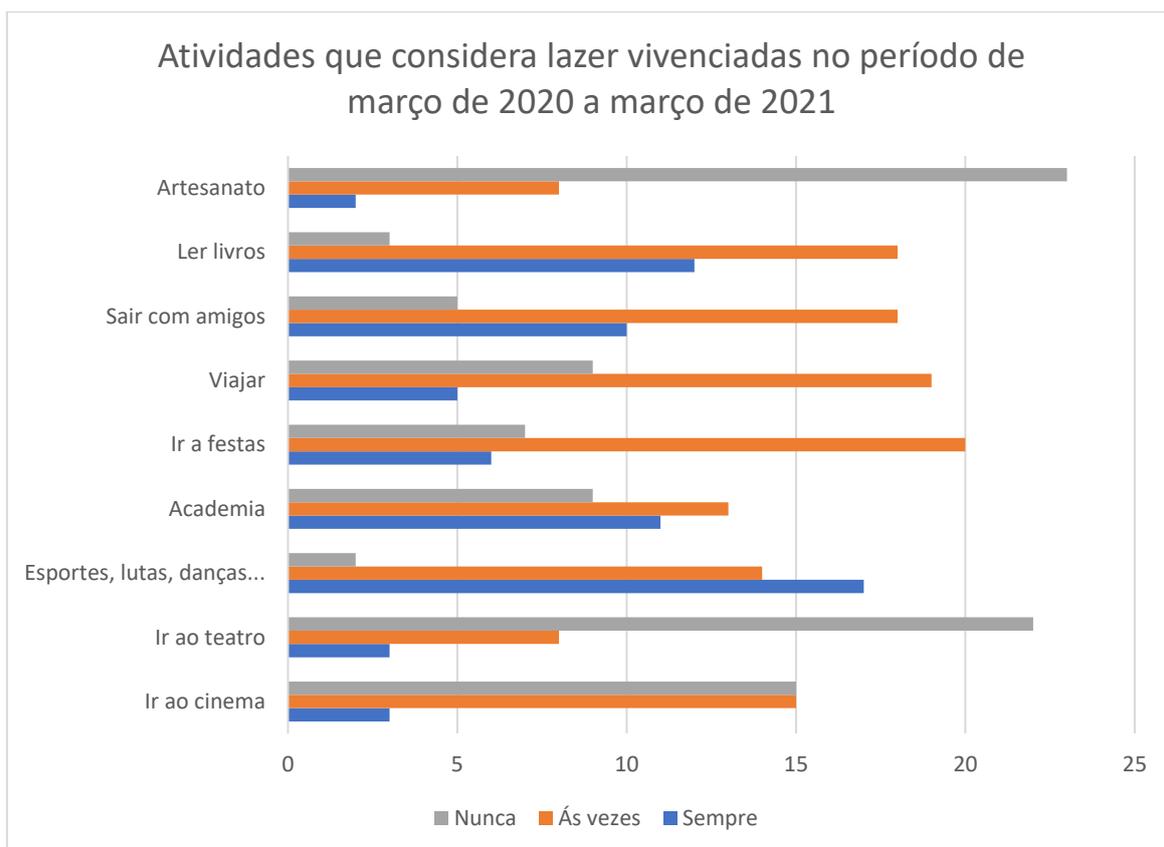
Compreendendo o lazer enquanto uma necessidade humana e uma importante ferramenta de análise e observação social, é importante ratificar que esse estudo tem em suas especificações, o tangenciamento das práticas de lazer dos professores e professoras de EF, em relação a possíveis influências de gênero por eles reportadas/percebidas nessas experiências, no cenário pandêmico de março de 2020 à março de 2021.

Uma primeira e esperada constatação é a de que o ambiente doméstico foi o espaço para as atividades de lazer que ganhou notoriedade no cenário pandêmico, além da prevalência do uso de recursos tecnológicos enquanto prática de lazer.

No questionário, os respondentes foram indagados sobre quais atividades os mesmos consideravam e vivenciavam como lazer e com qual frequência (sempre, às vezes, nunca) no período pandêmico de março de 2020 à março de 2021.

Foram listadas possibilidades de atividades e os dados obtidos estão apresentados nos gráficos abaixo:

Gráfico 3 - Atividades consideradas lazer e sua frequência



Os dados revelam que as atividades de lazer dos professores e professoras de EF contemplam interesses culturais do lazer que já foram explicitados anteriormente nesse estudo (MARCELLINO, 2006; SCHWARTZ,

2003). Todavia, faz-se necessário salientar que esses interesses culturais não são fechados, reduzindo-os a uma vivência isolada, as práticas de lazer podem perpassar por diferentes interesses culturais no decorrer da sua experimentação, ora se materializando de uma certa forma, ora de outra, abrangendo diferentes interesses (CONCEIÇÃO, 2021).

Alguns pontos dessas informações merecem destaque, como, por exemplo, a baixa frequência das vivências relacionadas ao interesse artístico do lazer como a ida ao cinema e em especial a ida ao teatro. Destaca-se que a cidade de Sete Lagoas conta com um cinema localizado no Shopping Sete Lagoas, em relação ao teatro a referida cidade conta com um teatro denominado “Teatro Redenção”.

O Teatro Redenção foi inaugurado em 1901 e está localizado no centro da cidade, entretanto, foi fechado em 1986. Mas, é válido destacar que o imóvel passou por uma recente reforma completa e teve sua reabertura realizada no dia 22 de dezembro de 2021, com apresentações natalinas e com uma agenda de eventos já programados para 2022. (FRAGA, 2021)

Faz-se necessário salientar que os respondentes estão localizando suas atividades no período em que vários espaços foram fechados ou tiveram o acesso submetido a protocolos de redução de público, etc., devido ao cenário pandêmico e a necessidade de distanciamento social como forma de enfrentar o coronavírus.

Historicamente, entretanto, é incontornável discutir o quanto este tipo de atividade reflete fatores socioeconômicos e dinâmicas que podem ser excludentes. De acordo com Santos e Aulicino (2022, p. 1826):

Temos que pontuar que, em certa medida, não importa se a afirmação de que o teatro é uma atividade de elite é mito ou não, se tem ou não base na realidade. Porque, de toda forma, independentemente da veracidade dessas ideias, elas podem excluir grande parte da população das plateias dos teatros. Ou seja, pessoas com baixa escolaridade e/ou baixo poder aquisitivo, se acreditam que o teatro é uma atividade para uma elite, podem se autoexcluir, mesmo que inconscientemente. Até porque não ir ao teatro não passa necessariamente por uma decisão consciente, mas talvez apenas pela inação.

De fato, as práticas do lazer são influenciadas por diversos elementos, como questões econômicas, de gênero, de raça/etnia, culturais, sociais, políticas, geográficas e etc. Portanto, a baixa adesão a determinada atividade

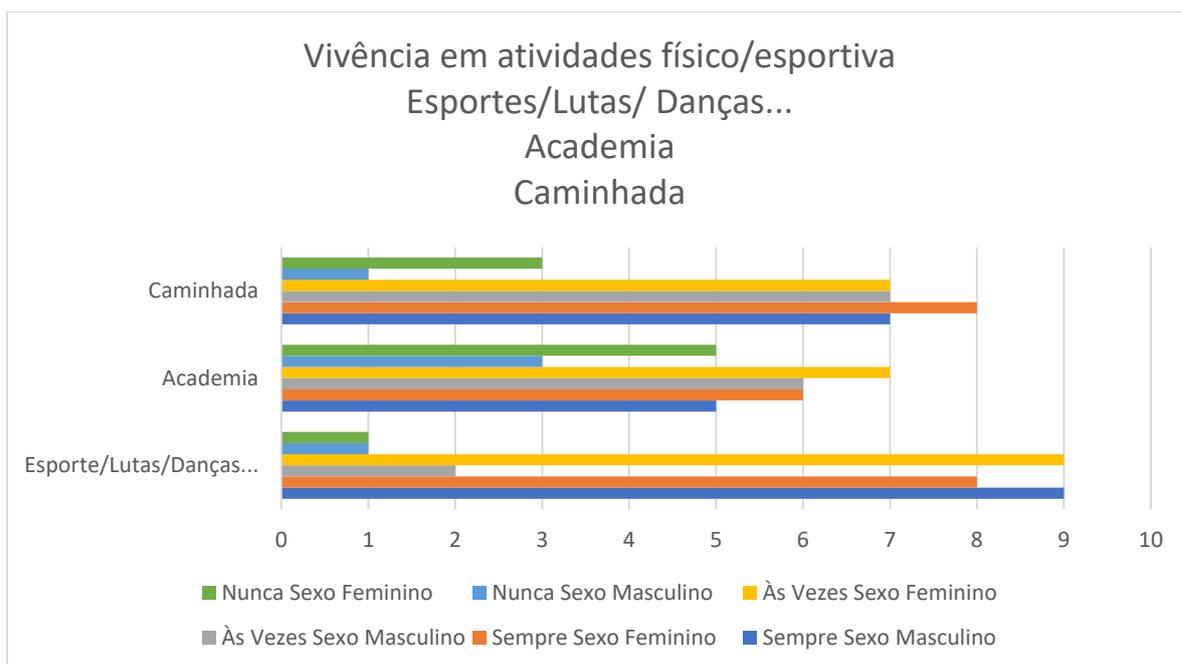
pode ter como plano de fundo essas esferas enquanto barreiras de acesso ao tempo, espaço e vivência do lazer (MARCELLINO, 2006).

Entretanto, outro elemento do interesse artístico ganha destaque – pela sua considerável frequência de adesão durante o período pandêmico estabelecido neste estudo, pelos professores e professoras – é o de assistir TV. O que vai ao encontro dos dados obtidos no estudo de Conceição (2021), que teve como público professores universitários. A pesquisa constatou, que para tal público, assistir TV antes e durante a pandemia foi a vivência de lazer mais comum do interesse artístico.

Em relação ao interesse manual, percebe-se que a maioria dos respondentes não realiza essa atividade com frequência. Destaca-se que, dentre os respondentes que assinalaram a opção às vezes (8 respondentes), 75% declaram ser do sexo feminino. Mayor, Silva e Lopes (2020), em relação as atividades manuais, ponderam que usualmente são atividades realizadas no espaço doméstico, associado ao universo do feminino (em relação a uma expectativa de performatividade), destacando que o interesse manual é mais comum entre mulheres que trabalham, o que se encaixa com o grupo de professoras respondentes.

As atividades relacionadas ao aspecto físico/esportivo (academia, caminhada, esportes, lutas, danças, etc.) nos dados obtidos apresentaram uma frequência perceptível oscilando entre sempre e às vezes, o que pode ter relação com os protocolos de biossegurança e flexibilizações implementadas entre 2020 e 2021 e que atingiram espaços próprios para a prática de algumas destas atividades. Além disso, devido ao fato de serem professores e professoras de EF, espera-se que ocorra essa afinidade com esse repertório de atividades em especial. Importante destacar também a semelhança entre os dados obtidos em relação a tal interesse entre o sexo feminino e o sexo masculino, sendo possível observar no gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Lazer de interesse físico/esportivo e sua frequência



Nota-se, portanto, a partir do gráfico acima, uma aparente semelhança entre os apontamentos dos respondentes do sexo masculino e do sexo feminino, dado este que se mostra diferente dos achados do estudo Tejera, Souza e Sampaio (2013), no qual o interesse físico / esportivo foi predominante para o sexo masculino, e pouco expressivo para o sexo feminino. Em outro estudo de Mayor, Silva e Lopes (2020), tendo como cenário as práticas de lazer durante ou no final de semana, as atividades de cunho físico / esportivo obtiveram maior expressão entre os homens em relação às mulheres.

Nesse cenário de maior prevalência do interesse físico e/ou esportivo entre os homens, é destacado que:

Pode-se dizer que um dos principais motivos da incidência das opções dos homens por este conteúdo cultural vem principalmente da introdução do esporte com bola nas brincadeiras infantis dos meninos, tanto na rua como na escola, bem como a cultura introjetada de que o futebol semanal é fundamental aos homens como lazer (TEJERA; SOUZA; SAMPAIO, 2013 p. 10).

Dessa forma, percebe-se que aspectos culturais podem se tornar elementos influenciadores tanto nas experiências de lazer das pessoas,

quanto a aproximação dessa prática com um imaginário masculino ou feminino. Trata-se, portanto, de um marcador que impacta no tempo, espaço e vivência do lazer no mundo prático cotidiano das pessoas.

Uma exemplificação dessa conjuntura, é encontrada nos estudos de Tejera, Souza e Sampaio (2013), no qual identificou-se, nos dados obtidos na referida pesquisa, que as práticas de lazer dos homens se concentravam em atividades físico-esportivas – e mais comumente em “jogar futebol”. De fato, é possível observar marcas culturais de inter-relação entre uma determinada prática esportiva, cultural, corporal, etc., com a perspectiva de um imaginário masculino e/ou feminino.

Um outro interesse do lazer observado neste estudo, é o intelectual (ler livros, jornais, revistas, etc.), que apresentou maior expressão em relação à frequência entre “sempre” (12 respondentes) e “às vezes” (18 respondentes). Relacionando esses dados à autoidentificação por sexo dos professores e professoras deste estudo, constatou-se que, este interesse predominou entre respondentes do sexo feminino em relação ao sexo masculino.

Nos achados do estudo de Mayor, Silva e Lopes (2020), foi observado uma maior constância de escolha das mulheres por atividades relacionadas ao interesse intelectual no cenário pandêmico, tendo em vista a sua maior oportunidade de usufruto no ambiente doméstico e/ou privado, sendo esses espaços que culturalmente são associados ao imaginário feminino e aos seus lugares de cuidado impostos ao papel social de mãe e/ou esposa.

Assim, como ressaltado por Ribeiro *et al.* (2020), nesse trabalho, não foi explicitado qual o tipo de leitura e sua origem, podendo ser relacionada com a formação profissional por exemplo. Assim, é importante salientar de acordo com Conceição (2021, p. 511) que:

durante a pandemia, houve um *boom* de ofertas e divulgação de cursos e atividades de formação gratuitas, ou não. A realização de um curso de interesse, que antes poderia ter algum empecilho (logísticas de tempo, deslocamento, presencialidade e distância), agora, via ambiente virtual, pôde tornar-se realizável pela minimização e/ou exclusão desses fatores limitantes. Infere-se a conjunção *boom*, tempo em casa e acesso constante a computador/internet como o potencializador dessas práticas para o tempo de lazer. Também foram ofertados cursos para qualificação e formação profissional, mas não são lazer, pois nesse caso o foco é a atuação profissional.

Portanto, é possível depreender que no período pandêmico, ocorreu uma potencialização da possibilidade de ampliar o repertório intelectual das pessoas, seja voltado para a sua formação profissional ou não.

Outro interesse que merece destaque é o social, que se relaciona com o convívio e suas possibilidades de encontro, como por exemplo: ir a festas, sair com os amigos, ir a clubes, ir a praças. Neste estudo, mediante dados assinalados pelos respondentes foi possível constatar um número mais expressivo de professoras que apontaram sempre sair com os amigos, em relação ao indicado pelos professores, e esse dado também se repete no que se refere a ir a praças com a mesma frequência (sempre).

Em consonância com esses dados Mayor, Silva e Lopes (2020, p. 176) constataram, em seu estudo, “um aspecto relevante nas escolhas das mulheres trabalhadoras é o aumento substancial da vivência dos interesses turístico e social nos finais de semana”. Já em relação a ir a festas e clubes, observou-se uma semelhança entre os dados de professores e professoras e nas frequências sempre, às vezes e nunca, com baixa variação.

No cenário pandêmico, com restrições quanto a aglomeração de pessoas no estudo de Conceição (2021 p. 506) reforçam-se que o “interesse social do lazer foi o mais comprometido devido à pandemia e as suas medidas restritivas de distanciamento e isolamento social”. Nesse contexto atípico de pandemia, o interesse social foi o mais saudoso em estudos que tematizaram tal conjuntura (RIBEIRO *et al.*, 2020; CONCEIÇÃO, 2021).

No interesse turístico, com a atividade de viajar, percebe-se uma predominância da frequência “às vezes” (19 respondentes) e “nunca” (9 respondentes). Essa periodicidade pode estar relacionada com o fato de que os ambientes não domiciliares sofreram grandes impactos devido ao cenário pandêmico (MAYOR; SILVA; LOPES, 2020). Tendo em vista, a necessidade da redução da circulação e aglomeração das pessoas, atividades como passeios e viagens tiveram que ser adiados ou até mesmo cancelados atingindo assim o setor de turismo e viagens (CLEMENTE; STOPPA, 2020).

Ribeiro *et al.* (2020, p. 410) destaca nos achados do seu estudo sobre os impactos da pandemia da covid-19 no lazer de adultos e idosos que, “os (as) participantes sentiram falta das atividades turísticas, o que também faz sentido, uma vez que, com o distanciamento, os parques, os meios de

hospedagem e os atrativos turísticos estavam fechados”.

Relacionando os dados obtidos, foi possível constatar que a maioria dos respondentes que assinalaram a frequência “às vezes” no interesse turístico, são pessoas com cônjuge / companheiro (a) / namorado (a). Esse aspecto também foi notado no estudo de Mayor e Isayama (2017), ao abordarem o lazer do brasileiro a partir do sexo, do estado civil e da escolaridade, percebendo, assim, que, ao compararem a atividade de turismo entre mulheres e homens com algum tipo de união em relação aos solteiros, evidenciou-se que os respondentes comprometidos viajam mais. Dessa forma, esse cenário pode estar intimamente relacionado a um (a) companheiro (a) que fomenta essa prática de lazer.

Importante elucidar um outro movimento ligado ao interesse turístico frisado por Clemente e Stoppa (2020, p. 467), que observaram na relação entre lazer e turismo diversas alterações com o surgimento de “[...] roteiros turísticos virtuais, aulas, shows e apresentações culturais no formato de “lives” – transmissões ao vivo em plataformas de *streaming*”. Daí, percebe-se a influência da era virtual nas possibilidades de vivenciar diferentes práticas de lazer, ou seja, algumas atividades migraram para o ambiente virtual devido as particularidades do cenário pandêmico.

O interesse virtual que Schwartz (2003), compreende como o sétimo conteúdo do lazer, abrange o artefato do mundo digital, sendo constatado neste estudo o predomínio de acordo com os respondentes (79%) no uso das redes sociais como Instagram, Facebook, TikTok, WhatsApp e com uma frequência de utilização contínua (sempre). Essa mesma situação foi obtida no que se refere ao uso de plataformas como Netflix, Youtube dentre outros para assistir filmes, séries e/ou documentários.

Nesta mesma direção, no estudo de Montenegro, Queiroz e Dias (2020) ao analisarem as atividades de lazer de universitários na cidade de Macapá, o uso da internet foi predominante para 89,9% dos respondentes.

Pode-se destacar deste cenário, portanto, que dois movimentos distintos ocorreram nas possibilidades e práticas de lazer das pessoas perante a situação pandêmica e suas imposições de restrição e confinamentos. Se por um lado o interesse turístico sofreu com as limitações do distanciamento social, o conteúdo digital teve um *boom* em suas

manifestações para além das ferramentas de redes sociais, ampliando as possibilidades de interação social virtual a partir de plataformas de videoconferências como por exemplo o *Google Meet*, *Zoom*, etc. (MAYOR; SILVA; LOPES, 2020).

Essa grande adesão ao lazer virtual também se fez presente nos achados do estudo de Ribeiro *et al.*, (2020, p. 406) com adultos e idosos no qual “o ‘navegar’ na internet em sites e redes sociais (81%) foi a segunda atividade mais citada e, em seguida, os jogos de vídeo games (19%)”.

Nesse sentido, esses dados corroboram com os achados de Pessoa, Moura e Farias (2021), ao analisarem a composição do tempo social de professoras no cenário pandêmico no qual, constatou-se os dizeres abaixo:

Dentre as condições possíveis, as atividades que se aproximam do lazer envolvem os interesses virtuais, os manuais e os intelectuais, predominando o lazer virtual entre as mulheres professoras. Estas destacaram ter sido a tecnologia um recurso que possibilitou a socialização e o desenvolvimento pessoal, pelo acesso proporcionado a diferentes contextos e eventos que seriam pouco prováveis ou difíceis de se fazerem presentes antes da pandemia (PESSOA; MOURA; FARIAS, 2021, p. 189).

Tendo esse cenário de potencialização do interesse virtual enquanto possibilidade de lazer para as pessoas durante a pandemia, faz-se importante, salientar que:

Estar conectado à internet durante a quarentena foi muito relevante, se tornou um direito fundamental, uma vez que tal ação possibilitou a vivência de muitas atividades de lazer pelos (as) participantes da pesquisa, além de permitir o acesso à educação, à saúde (telemedicina), entre outros. Por isso acreditamos que, nesse caso, dever-se-ia propor políticas públicas para minimizar a barreira daquelas pessoas que não podem ter esse acesso a esse tipo de lazer (RIBEIRO *et al.*, 2020, p. 422-423).

Portanto, o interesse virtual ganhou mais espaço neste contexto pandêmico, ampliando o repertório de possibilidades culturais e de interação social entre as pessoas, devido a necessidade de distanciamento imposta pela covid-19. Esse aspecto é ressaltado por Matos, Pinheiro e Bahia (2020, p. 275) em seu estudo sobre as vivências do lazer para discentes do curso de EF da Universidade Federal do Pará no contexto de pandemia que “[...] o entretenimento online passou a ser uma das formas de consumo de

conteúdos e de lazer bastante usado. Nessa perspectiva, além dos meios mais tradicionais, como a TV aberta e a fechada, games e plataformas de streaming cresce”.

O interesse virtual que surge como uma grande vivência de lazer nos dados do questionário, também se fez presente nas entrevistas como se percebe relato da Professora 3 em relação a suas práticas de lazer “acho que celular né, celular, internet, televisão [...] então meu lazer nesse período foi basicamente é (...) é telefone e internet, televisão, filme, serie essas coisas”

Outro entrevistado, ao realizar sua fala nesse contexto, demonstrou conhecimentos pelos interesses do lazer, o que pode se relacionar com o seu processo de formação em EF, como já tematizado anteriormente neste estudo, e que pode ser percebido no seguinte trecho:

Pra gente que **sabe que os conteúdos do lazer são diversos, a gente ficou muito mais tecnológico<sup>25</sup>**, buscando o lazer através do celular, através de rede social. Foi a forma que a gente tinha pra se comunicar e entreter durante nosso dia, né. E aí, a gente tava com aquela pressão de não ter o social, de não poder ter o contato físico com a pessoa, a gente se contentava com o contato virtual e o que era virtual que era lazer também virou trabalho (PROFESSOR 15).

Outro dado a ser apresentado, relaciona-se com a atividade de dormir, para a qual 67% dos respondentes assinalaram realizar com a frequência de “sempre”. Essa prática também se fez presente nos achados do estudo de Matos, Pinheiro e Bahia (2020), no qual foi assinalado por 42,3% dos seus sujeitos de pesquisa. Já, no estudo de Conceição (2021), essa atividade foi apontada por 18,2% dos seus participantes.

Além desse dado, a prática de atividades religiosas surge como uma vivência de lazer para os professores e professoras, com a constância de “sempre” para 40% dos respondentes e, “às vezes”, para 36%. Sendo que, dessa porcentagem, destaca-se que a frequência “sempre” foi apontada por 31% de respondentes do sexo feminino, já a opção “às vezes” apresentou um dado equivalente sendo 18% para ambos os sexos.

A prática religiosa também se fez presente na pesquisa de Matos, Pinheiro e Bahia (2020), na qual foi assinalada por 3% dos participantes do

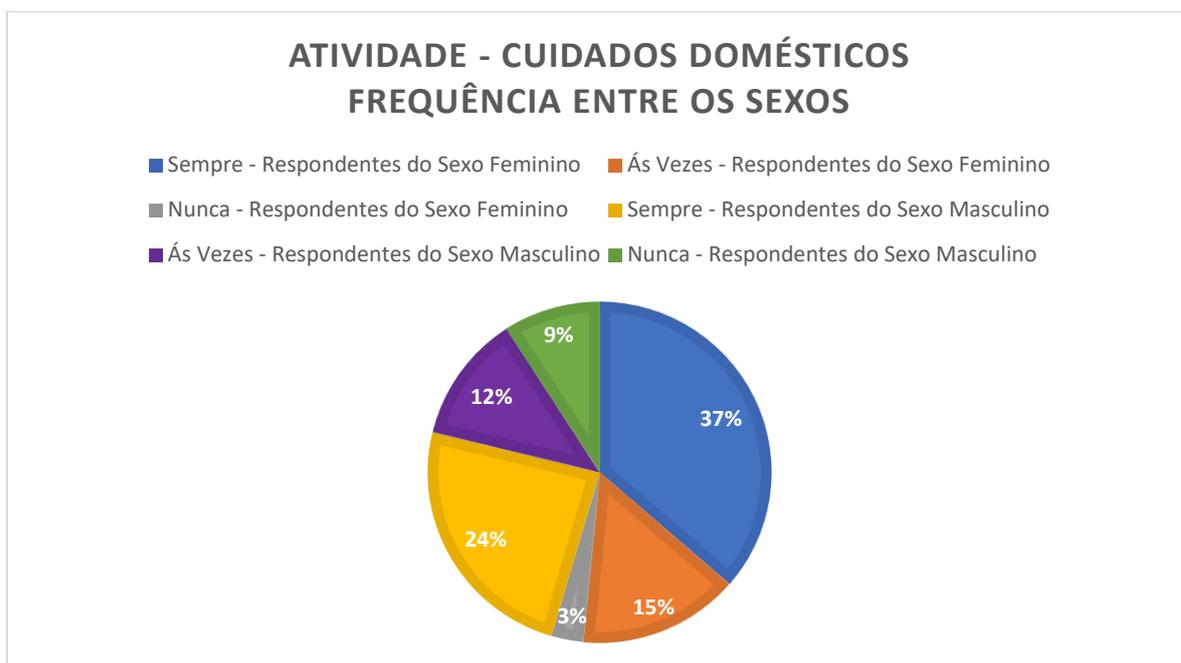
---

<sup>25</sup> Grifo da autora.

estudo, sendo salientado por estes autores que “na atualidade, a espiritualidade e a religiosidade se tornaram um meio de enfrentamento da crise sanitária da COVID-19” (MATOS; PINHEIRO; BAHIA, 2020, p. 274).

Em relação aos cuidados domésticos, o mesmo foi indicado como prática de lazer com a frequência de “sempre” por 61% dos respondentes, “às vezes” por 27% e “nunca” por 12% dos pesquisados, observando-se esses dados mediante o sexo dos respondentes, obteve-se o seguinte resultado abaixo:

Gráfico 5 - Cuidados domésticos frequência entre os sexos



Percebe-se, a partir do gráfico acima, que o quantitativo do sexo feminino é inferior ao do masculino, somente na frequência “nunca”. Nesse sentido, esses dados nos revelam a realidade de uma coletividade historicamente marcada por uma divisão de tarefas domésticas machista, na qual os serviços domésticos são estimados como uma responsabilidade feminina (RIBEIRO *et al.*, 2020). Todavia, esses 24% expostos no gráfico nos revelam um avanço na participação dos homens nessas tarefas.

O cenário de pandemia em consonância com as suas particularidades ocasionou um aumento dos cuidados domésticos na rotina das pessoas, tendo em vista as práticas de higiene para combate a covid-19, afetando

diretamente as mulheres (MARQUES *et al.*, 2020).

Dessa forma Mayor, Silva e Lopes (2020, p. 167) enfatizam:

percebemos na estrutura patriarcal e escravocrata do Brasil uma condição diferenciada na medida em que temos o trabalho doméstico (profissional ou não) exercido, majoritariamente, ainda que não exclusivamente, por mulheres, exacerbando as desigualdades entre os gêneros.

Essa divisão de trabalho também é abordada por Matos, Pinheiro e Bahia (2020), que reforçam ponderando que a construção social e histórica materializou o que se identifica como atividade de mulher ou de homem. E, nesse aspecto,

Para as mulheres, ficou destinada a maternidade, o cuidar dos filhos, o recato, a submissão, as tarefas do lar, a permanência no ambiente doméstico; já aos homens coube a atuação no espaço público, no mundo do trabalho, no provimento financeiro do lar e tantas outras liberdades para além do âmbito doméstico (MATOS; PINHEIRO; BAHIA, 2020, p. 270).

Ocasionalmente todos esses elementos contextualizados, implicam em uma sociedade patriarcal machista, impactando de maneira direta e indireta o tempo, espaço e vivência do lazer pelos grupos sociais.

A atividade relacionada aos afazeres domésticos também foi detectada no estudo de Ribeiro *et al.*, (2020) na categoria “outros”. É importante sinalizar que os cuidados domésticos não se relacionam com nenhuma das categorias contextualizadas nos interesses do lazer, todavia, isso reflete em como o “[...] tempo livre ainda não é percebido como tempo fora de suas obrigações para essa parcela de pessoas” (RIBEIRO *et al.*, 2020, p. 416).

De modo geral, em um apanhado por respostas enviadas no questionário, o ambiente doméstico teve o importante papel em um cenário emergencial de distanciamento entre as pessoas, tornando-se palco do tempo e espaço das vivências de lazer das pessoas (MONTENEGRO; QUEIROZ; DIAS, 2020).

Esse dado também aparece nas entrevistas realizadas com todos os participantes, destacando que suas práticas de lazer, predominantemente, eram realizadas em suas casas, de forma adaptada, porém, ainda restrita, como por exemplo, nos relatos abaixo:

Olha, eu comecei a assistir série, né, para passar o tempo, comecei a fazer atividade física, **dentro de casa**<sup>26</sup>, atividade adaptada com o que eu tinha disponível e é(...) fazer leituras de livros, coisas assim para ocupar a mente (PROFESSORA 14).

Pra te falar a verdade, minhas vivências do lazer durante a **pandemia não foram tão diversas**<sup>27</sup>, né, porque geralmente as atividades precisava da gente deslocar pra algum lugar, né. E a gente ter que o contato com as outras pessoas... E a gente sabe que naquele momento não era o mais indicado a fazer. Então, ficou bem restrito o lazer o que a gente, pode dizer assim, um lazer interno, que é filme, quando sobrava tempo de trabalho essas coisas assim (PROFESSOR 21).

As minhas principais vivências foram entre família e amigos, mas de forma bem restrita, devido aos comércios estarem fechados (PROFESSORA 30).

**Foi praticamente nenhum, nenhuma né... tava tudo fechado, não podia praticamente sair de casa**<sup>28</sup> (PROFESSORA 29).

No momento de lazer, consegui conhecer outras pessoas apesar de muitas coisas estarem fechadas, **nos reunimos muito em casa**<sup>29</sup>, né. Também consegui (...) aproveitar mais do momento com a família, essas coisas (PROFESSOR 1).

Eu analiso com o contexto né, primeiro porque tinha muita coisa que tava fechado, não tinha como você ter acesso. Segundo você, tem essa questão que demorou demais pra começar a vacinação da população, então, **esse receio de sair casa de frequentar os lugares fez com que eu ficasse muito, muito mesmo dentro de casa**<sup>30</sup>. E, pra poder compensar esse tempo né, que, que eu não sai de casa. É (...) leitura né de vários gêneros, filmes eu adoro, gosto muito, ouvir música (PROFESSOR 28).

Portanto, a partir da realização das entrevistas e das transcrições das mesmas, o cenário das atividades de lazer experienciadas pelos participantes dessa pesquisa, foi aprofundado, destacando-se também outras percepções sobre o lazer como as presentes na fala do Professor 6 quando questionado sobre quais as principais atividades de lazer realizadas por ele no período de março de 2020 a março de 2021:

Acho que foi muito ligado a (...) ao lazer cultural né. Então, assim, eu acredito (...) eu escutei e criei um hábito na pandemia de escutar *podcast*, tipo assim, eu acho que até hoje, né, eu vou fazendo minhas coisas e vou, vou ouvindo *podcast*. [...] Então eu diria assim, muito ligado a essa questão da cultura, do filme, das series,

---

<sup>26</sup> Grifo da autora.

<sup>27</sup> Grifo da autora.

<sup>28</sup> Grifo da autora.

<sup>29</sup> Grifo da autora.

<sup>30</sup> Grifo da autora.

dos livros. Eu aproveitei para estudar, estudei bastante. Então, assim, muito ligado a isso, né, depois de um tempo entrou o físico-esportivo, onde eu consegui me exercita um pouquinho em casa, mas, inicialmente, isso mais ligado ao cultural (PROFESSOR 6).

A fala do Professor 6 vai ao encontro da explosão das novas possibilidades que as plataformas digitais em sua amplitude proporcionaram as pessoas através do seu variado repertório de configuração, como, por exemplo, o *podcast*, dando ênfase ao aspecto cultural.

Outra fala que merece destaque é a do Professor 20 que ao relatar suas vivências de lazer neste cenário pandêmico salientou que:

[...] eu sempre tive muito na área acadêmica, então, por exemplo, meu lazer era ler artigos acadêmicos, ou, então, quando eu não estava na escola, era planejamento alguma coisa ou outra pensando em atividade. O pouco lazer que eu tinha era malhar, eu praticamente malho diariamente e, com a pandemia, as academias fecharam. [...] então, eu fiquei muito ocioso e isso me trouxe um excesso de tempo e falta de qualidade do que fazer nesse tempo. Aí, nesse primeiro momento eu **comecei a beber bastante**, então, todo dia eu ficava vendo muita série, nessas, digamos é.. (...) Assim, **assinaturas onlines**, *Netflix*, *Globoplay*, *Amazon* e bebendo, então ,eu tava bebendo todo dia. Eu até falei assim isso não sou eu, eu não tenho tanto hábito assim, eu não bebia muito para ficar bêbado, mas eu bebia, assim, para me anestesiarem do não ter o que fazer (PROFESSOR 20).<sup>31</sup>

Esse consumo de bebida alcoólica mencionada pelo Professor 20 é evidenciada em uma perspectiva global no estudo de Garcia e Sanchez (2020), no qual observou-se o aumento no consumo de álcool em casa em países como a China, Reino Unido, Alemanha notabilizando que no Brasil o cenário não foi dessemelhante, “[...] Pesquisa on-line realizada com 44.062 participantes revelou que 18% da população com 18 anos ou mais de idade relataram aumento do uso de bebidas alcoólicas durante a pandemia” (GARCIA; SANCHEZ, 2020 p. 2).

Na pesquisa realizada por Leão *et al.*, (2022) sobre o consumo de álcool em professores da rede pública estadual durante a pandemia da covid-19, obteve-se o seguinte resultado:

a maioria dos participantes manteve o seu consumo ou o diminuiu durante a pandemia (20% e 13%, respectivamente), com 7,1%

---

<sup>31</sup> Grifo da autora.

umentando o uso e 0,1% retornando ao consumo de álcool. O aumento do consumo etílico foi associado a fatores sociodemográficos e econômicos (sexo masculino, idade até 60 anos, renda familiar maior que dois salários mínimos, sem cônjuge), condições de trabalho durante a pandemia (não realização de trabalho remoto, dificuldade em realizar as atividades, insatisfação com o trabalho), comportamentos/ hábitos de vida (adesão parcial ao distanciamento social, tabagismo atual e prévio, redução do desejo de cuidar da aparência física, piora do padrão alimentar, redução e aumento da atividade de lazer) e condições de saúde (problemas com o sono, algum amigo/familiar desenvolveu sintomas graves de COVID-19) (LEÃO *et al.*, 2022, p. 13).

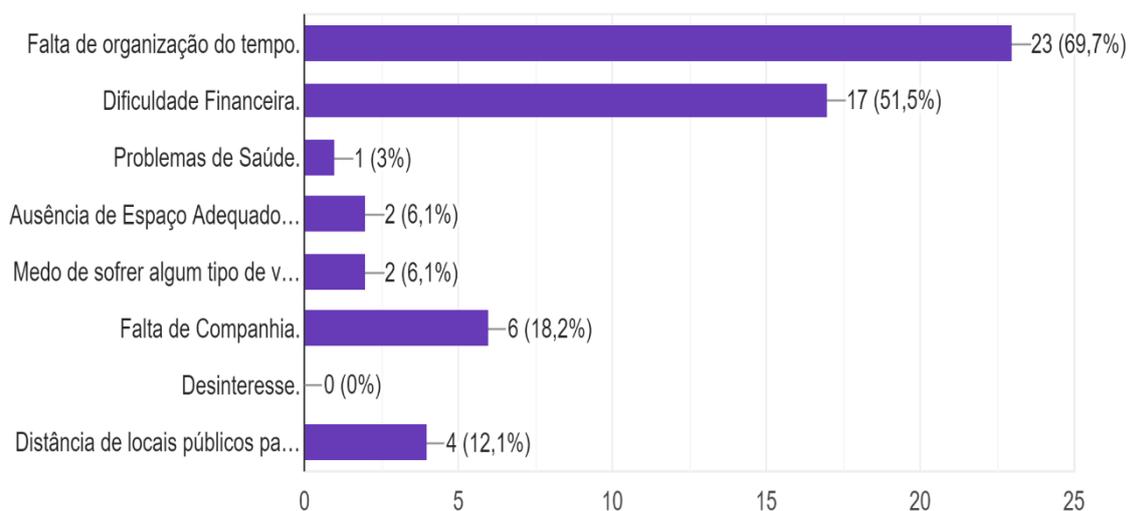
Todos esses apontamentos extraídos tanto do questionário, quanto das entrevistas, dão luz a um cenário no qual as práticas de lazer dos professores e professoras desse estudo encararam implicações efetivas da pandemia nas suas possibilidades de lazer, enquanto um tempo, espaço e vivência de uma prática como uma necessidade humana afetada por diversos elementos que tangenciam a sociedade.

Além disso, os participantes assinalaram o que gostariam de ter feito no tempo de lazer durante a pandemia e que não conseguiram. Observou-se, assim, que o interesse turístico apareceu com mais frequência como resposta, além de práticas esportivas e encontros sociais, disto é possível depreender o reflexo das medidas de distanciamento social também como um elemento influenciador nas oportunidades de lazer das pessoas.

No que se refere ao período atual, no questionário ao se indagar o que gostariam de fazer atualmente no seu tempo de lazer e que não conseguem o interesse turístico também aparece de forma predominante, acompanhado da prática física e/ou esportiva, além do interesse intelectual que surge com menor proeminência.

Buscando compreender os empecilhos para a realização dessas atividades atualmente, os participantes assinalaram o que consideravam impedimentos para essa prática.

Gráfico 6 - Impedimentos para o lazer?

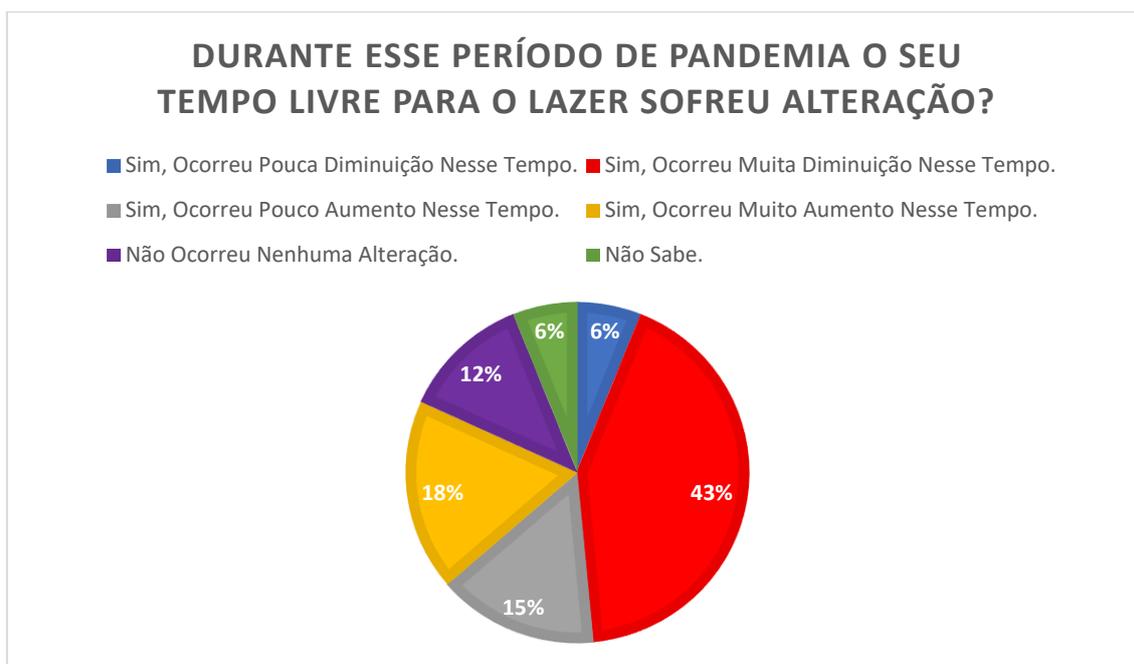


Fica em evidência, a partir dos dados obtidos, que as maiores barreiras encontradas para a vivência do lazer atualmente relacionam-se com o tempo, os aspectos econômicos e a falta de companhia. Desses resultados, salienta-se que em relação ao impedimento tempo, dos 23 participantes que assinalaram essa alternativa 13 se identificam como sexo feminino.

No que se refere a barreira financeira, dos 17 respondentes que a indicaram 11 sinalizaram ser do sexo feminino. No terceiro empecilho mais assinalado, falta de companhia, das 6 respostas obtidas 4 participantes se identificam como sexo masculino.

O elemento tempo continuou sendo explorado no questionário, sendo que os respondentes ao serem questionados se durante esse período de pandemia o seu tempo livre para o lazer sofreu alteração, obteve-se os seguintes dados:

Gráfico 7 – Pandemia e o tempo para o lazer



Percebe-se que para uma parcela significativa dos respondentes o tempo para o lazer sofreu muita diminuição no período pandêmico. Desses 43% (14 respondentes), 71% (10 respondentes) são do sexo feminino, e 29% (4 respondentes) do sexo masculino. Essa redução de tempo pode estar atrelada ao acúmulo de funções exercidas pelas mulheres na pandemia a partir de uma nova configuração de trabalho com o ensino remoto necessitando assim uma maior capacitação e preparação das aulas junto a aplicativos de vídeos, montagem de material didático e etc., bem como os afazeres domésticos que se intensificaram mediante os cuidados necessários devido a pandemia (PESSOA; MOURA; FARIAS, 2021).

Já na perspectiva na qual os participantes assinalaram aumento do tempo de lazer temos um panorama contrário, onde os respondentes do sexo masculino representam 83% e o sexo feminino 17%. Esses dados corroboram com os achados do estudo de Pessoa, Moura e Farias (2021), que constataram que as mulheres participantes da pesquisa apresentaram redução do seu tempo para o lazer.

Ao articular esses dados descritivos do questionário relacionado ao tempo com a AC das entrevistas, nesse cenário de dificuldade em relação ao tempo e a vivência do lazer, reflete também a atuação profissional dos

professores,

O período de pandemia para o professor foi muito complicado, pois **nossa carga horária de trabalho triplicou! A gente não tinha horário para largar o trabalho, então, as questões de lazer, ficaram de lado também por isso, né<sup>32</sup>(...)** nós tivemos que aprender a trabalhar com vídeo, editar, a trabalhar mais com a internet, a utilizar apostilas que a gente nem sempre concordava, né (PROFESSORA 14).

Nossa tempo e lazer e pandemia! Isso aí foi um trio eu não sei te dizer de forma precisa, mas vamos tentar! É (...) **a gente quase não tinha porque estávamos no trabalho online, foi muito desgastante<sup>33</sup>** [...] o dever puxava a gente aqui por que no dia seguinte teria uma nova carga de trabalho que a gente tivesse que entregar pra direção ou pra pedagoga aos pais e a cobrança era muito então infelizmente eu não tive quase nenhum contato com atividade de lazer foi só trabalho mesmo (PROFESSOR 5).

**Eu vou frisar, que como professora, eu continuei trabalhando no ensino remoto**, então, foi outra coisa que eu tive muita dificuldade, **porque era muita papelada muita informação**, coisa que eu não estava acostumada, principalmente como professor de educação física a gente tá acostumado com o contato, com o frente, ver as crianças e aí **era muita informação, muita planilha, muita atividade, cobrança, então acaba que ao mesmo tempo que tinha tempo porque você tava em casa, você não tinha tempo, aí gera toda a dificuldade nesse sentido de tá trabalhando<sup>34</sup>** (PROFESSORA 3).

A gente trabalhando com tecnologia, a gente ficou muito (...) dependente, no sentido de **horário de serviço nosso era de meio dia a cinco, mas a gente tinha pais que mandavam mensagem pra gente fora do horário. Uma demanda exaustiva da direção, (...) da gestão pedagógica, com trabalhos que a gente tinha que fazer fora do horário, de anexos, de planejamento. Então, a gente ficou com uma demanda de trabalho fora de horário de trabalho mesmo estando em casa. Entã,o nosso tempo de lazer realmente diminuiu muito [...]** A gente tinha um horário determinado como fixo, mas fora desse horário a gente acabava tendo que assumir outras funções<sup>35</sup>, a partir do momento que a gente tava trabalhando com a tecnologia, montando vídeo pra aula, buscando atividade no youtube, o dia inteiro (PROFESSOR 15).

O tempo, ele ficou assim curto por incrível que pareça né a gente (...) apesar que no nosso caso de seu professor né **a gente teria mais tempo em casa, só que às atividades do trabalho parece que triplicaram, né, devido atender essa demanda de ensino remoto essas coisas, né. Eu entendo que o tempo ficou é muito restrito pra gente ter opções<sup>36</sup>** (PROFESSOR 21).

Eu acho que a questão que mais ficou evidente, foi a **sobrecarga**

---

<sup>32</sup> Grifo da autora.

<sup>33</sup> Grifo da autora.

<sup>34</sup> Grifo da autora.

<sup>35</sup> Grifo da autora.

<sup>36</sup> Grifo da autora.

**do trabalho online**, né, então não só as aulas online, mas também é ter que montar o material. Então, computador, webcam, todo esse material que a gente precisava pra gente conseguir atingir os alunos e a outra questão que eu acho também foi em questão da **burocracia, a parte burocrática preencher anexos isso tomava muito tempo da gente e querendo ou não isso interferia nesse momento né**<sup>37</sup> (PROFESSOR 28).

Houve uma dificuldade, pra mim, foi o trabalho, o **serviço ele dobrou, triplicou praticamente**, foi uma coisa que eu tive muita dificuldade durante a pandemia (PROFESSORA 30).

A forma que eu estava trabalhando online, **não tinha hora, as pessoas mandavam arquivos em qualquer momento** e eu não gostava eu não queria nem trabalhar para falar a verdade, **trabalhava com má vontade, digamos assim**. E isso me deixava enfezado, **porque eu estava fazendo uma coisa no momento de lazer no sábado e o pessoal mandando trabalho. Se eu não olhasse na hora do meu lazer, acumulava trabalho, eu ficava louco, eu sentava na frente do computador e dava vontade de jogar ele na parede. Eu cheguei no ponto que não queria olhar nem meu celular**. Então, assim foi muito ruim esse momento, pra mim, **isso interferiu no meu lazer**<sup>38</sup> na hora que eu voltei a trabalhar de forma online.

Percebe-se, de modo geral, que a carga horária de trabalho foi um ponto influenciador nas possibilidades de vivenciar o lazer para esses professores e professoras, o que vai ao encontro dos achados de Oliveira *et al.*, (2021) em seu estudo sobre os desafios do Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP), no qual constatou-se uma jornada trabalho para além da rotina cotidiana do docente.

Todos esses entremeados entre a pandemia e o lazer podem influenciar na concepção das pessoas sobre o lazer e a sua relevância no todo social. Isso pôde ser comprovado neste estudo quando 93,9% dos professores e professoras dessa pesquisa assinalaram que a pandemia ressignificou positivamente as suas percepções sobre a importância do lazer em suas vidas.

Nas entrevistas, ao se questionar qual foi a importância do lazer na pandemia, essa perspectiva de ressignificação positiva, pôde ser melhor observada mediante conexão com aspectos sociais, físicos e mentais, o que será exposto nos trechos transcritos a seguir:

**Foi de suma importância (...)** até porque **na pandemia que eu**

---

<sup>37</sup> Grifo da autora.

<sup>38</sup> Grifo da autora.

**percebi a falta que faz o lazer**<sup>39</sup>, para o (...) o bem-estar da gente e principalmente a saúde mental, porque foi uma parte que me afetou bastante que é (...) (PROFESSORA 30).

**Eu não pensava muito, mas depois que a gente ficou mais recluso em casa por causa da quarentena, aí a gente começa a pensar na questão do lazer aí se torna muito importante, né**<sup>40</sup>?! Porque é um momento onde a gente tá dentro do ócio mesmo, né, então, o lazer ele entra nessa questão mesmo de ocupar um período né que ele tá é (...) não diria só livre, porque (...) porque livre seria se a gente tivesse outra ocupação, mas é um período ocioso mesmo. Então, para mim foi importante, depois que eu é (...) pensei realmente né, em ter um momento de lazer que as coisas ficaram um pouco mais brandas né. A gente consegue sair um pouco daquela preocupação, comigo foi (PROFESSOR 6).

Bom, **eu senti muita falta**<sup>41</sup>, né, a questão de ficar em casa, isolamento, é (...) eu senti falta tanto no condicionamento físico, mas principalmente no mental (PROFESSORA 3)

**É a importância do lazer, pra mim, durante a pandemia foi de (...) de a falta de socialização**, né, a falta do descanso mental, então, a socialização do lazer, ela fez muita falta nessa pandemia. E, teoricamente, na prática, a gente não podia sair, né, mas fazia algumas coisas em casa, mas fez muita falta a socialização com as outras pessoas, a convivência, **a saúde mental**<sup>42</sup> (PROFESSORA 29).

Bom na minha vida pessoal, **o que acontece o lazer, ele tomou um papel maior, porque até então eu não entendi a importância do lazer**.<sup>43</sup> O pouco lazer, que eu tinha era malhar, eu praticamente malho diariamente e com a pandemia, as academias fecharam, a princípio fechou tudo [...] Então, eu não tinha muito lazer (PROFESSOR 20).

Esses dados nos revelam um panorama de maior visibilidade da importância do lazer na vida das pessoas durante a pandemia se conectando a diversas esferas da vida das pessoas. Essa importância também se fez presente no estudo de Ribeiro *et al.*, (2020), ao abordar o lazer de adultos e idosos na pandemia constatou-se que 84,1% dos participantes da pesquisa consideram o lazer muito importante, citando as melhorias físicas e mentais como o principal motivo dessa importância.

No estudo sobre o lazer e pandemia com professores universitários de Conceição (2021), averiguou-se que 60,5% dos docentes consideram o lazer muito importante, além disso para 100% dos participantes o lazer se

---

<sup>39</sup> Grifo da autora

<sup>40</sup> Grifo da autora.

<sup>41</sup> Grifo da autora.

<sup>42</sup> Grifo da autora.

<sup>43</sup> Grifo da autora.

configura como um elemento necessário na pandemia.

A importância do lazer na pandemia, portanto, perpassa por diversos elementos no cotidiano das pessoas, trazendo à tona a sua necessidade como um influenciador na qualidade de vida da sociedade, revelando, assim, um cenário de maior visibilidade do lazer enquanto necessidade humana perante as condições vividas nesse período pandêmico.

Outro elemento importante para essa pesquisa, relaciona-se com gênero, sendo necessário portanto abranger as percepções dos professores e professoras desse estudo, o que será melhor observado no tópico seguinte.

#### 4.4 Gênero: Uma questão difícil de se responder?

O que você entende por gênero? (ENTREVISTADORA)

Gênero? (PROFESSORA 3)

Uhum (ENTREVISTADORA)

Nossa (...) vamos lá, que **medo de errar essa pergunta né!**<sup>44</sup> É uma **pergunta difícil**, mas vamos lá. O que eu entendo por gênero? Gênero é (...) (PROFESSORA 3)

Nos últimos anos, os elementos relacionados a gênero e suas possibilidades vem ganhando notoriedade nos debates científicos, políticos e sociais, tornando-se alvo de estudos diversos que contextualizem as várias faces do gênero enquanto um marcador social de diferença que influencia diferentes grupos sociais.

O gênero é uma “dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e da cultura. É uma arena em que enfrentamos questões práticas difíceis no que diz respeito à justiça, à identidade e até a sobrevivência” (CONNEL; PEARSE, 2015, p. 25).

Portanto, compreender e analisar as percepções dos professores e professoras e suas significações sobre gênero permite visualizar e entender a forma como o gênero pode se tornar um elemento influenciador no tempo e nas possibilidades de vivência do lazer por essas pessoas.

Portanto, dando continuidade a articulação entre a técnica de análise descritiva do questionário com a AC sobre as entrevistas, chegamos a terceira categoria denominada: percepções e compreensões sobre gênero:

---

<sup>44</sup> Grifo da autora.

suas interferências no tempo, espaço e vivência do lazer dos professores e professoras.

No questionário, os participantes em uma indagação assinalaram como se identificavam em relação ao seu gênero a partir das seguintes opções: a) Sou Travesti; b) Sou Mulher Transexual / Transgênera (possui outra identidade de gênero, diferente da que lhe foi designada ao nascer); c) Sou Homem Transexual / Transgênero (possui outra identidade de gênero, diferente da que lhe foi designada ao nascer); d) Sou Pessoa Não Binária (pessoa que não adota rótulos de gênero. Ela pode apresentar características físicas masculinas, femininas ou as duas, mas não se denomina “homem” ou “mulher”.); e) Sou Mulher Cis (pessoa que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu.); f) Sou Homem Cis (pessoa que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu.); g) Não Sabe; h) Prefiro não responder.; i) Outro: \_\_\_\_\_.

Dentre as alternativas disponíveis, 14 respondentes indicaram serem “mulher cis”, 12 participantes como “homem cis”, e uma pessoa do sexo masculino apontou a opção “não sabe”. Foi possível observar que apesar das alternativas apresentarem apontamentos objetivos esclarecendo cada opção, ainda se obteve respostas na opção “outro” que demonstraram uma ausência de compreensão ou discordância acerca dos termos sobre gênero, sendo observadas as seguintes respostas nesse cenário:

Quadro 5 – Como você identifica o seu gênero?

<b>Como você identifica o seu gênero?</b>	<b>Opção: Outro - Respostas</b>
Professora 3	Mulher.
Professora 7	Mulher.
Professor 8	Masculino.
Professor 10	Masculino.
Professora 13	Sou Mulher Gay.
Professora 22	Heterossexual.

Esses dados nos revelam uma aproximação da compreensão do gênero em interface com a caracterização do ser mulher (feminino) e do ser

homem (masculino), além da conexão com a orientação e afirmação sexual da pessoa.

Nas entrevistas, quando questionados sobre o que entendem por gênero, foi possível verificar relativa dificuldade em falar sobre isso, refletida portanto, como uma pergunta difícil de se responder como se nota nos relatos abaixo:

Gênero como eu posso dizer, per aí, como eu posso dizer (...) **agora você me apertou**<sup>45</sup> (PROFESSOR 1).

Nossa (...) vamos lá, que **medo de errar essa pergunta né!**<sup>46</sup> É uma **pergunta difícil**, mas vamos lá. O que eu entendo por gênero? Gênero é (...) (PROFESSORA 3).

A partir dessas pequenas representações, é possível perceber a hesitação e o receio em responder o questionamento realizado. Entretanto, para além disso, também foi possível constatar nas entrevistas a aproximação entre o entendimento de gênero e o universo feminino / masculino como nas respostas dadas no questionário na opção “outro”, bem como relacionando ao sexo biológico, o que pode ser melhor observado a seguir:

No mundo atual, que a gente tem que tá sempre atualizando o conhecimento, eu ia falar que é **gênero masculino e feminino, né, mas eu acho que vai além disso também, né eu vou parar no gênero masculino e feminino**<sup>47</sup>, mas acho que vai além (PROFESSORA 3).

Eu entendo que, sinceramente falando, é **uma espécie de classificação que as pessoas impõem nos relacionamentos**<sup>48</sup> (...) digamos assim é esse (...) o entendimento básico que eu tenho (PROFESSOR 21).

Nó esse conceito, bom, **vou pegar uma base de masculino e feminino** (risos). Só que hoje tem tanta questão que tá surgindo né?! Mas eu, basicamente, **vou ficar no masculino e feminino**<sup>49</sup> (PROFESSOR 28).

É gênero... (...) gênero, então, pra mim, é né o gênero é(...) ele foi definido com o tempo que as pessoas, a sociedade, em si, entende como o papel da pessoa, a função que ela deve fazer, aquele

---

<sup>45</sup> Grifo da autora

<sup>46</sup> Grifo da autora.

<sup>47</sup> Grifo da autora.

<sup>48</sup> Grifo da autora.

<sup>49</sup> Grifo da autora.

comportamento, esperando né a gente esperando que, que (...) esperando as coisas de alguém, **principalmente, é em relação com base do (...) do sexo biológico, a gente espera, aquela coisa da pessoa né devido ao sexo dela, tipo assim. Gênero, pra mim, né é isso**<sup>50</sup> (PROFESSORA 29).

Importante destacar que, a Professora 3, como pode ser observado no Quadro 5, foi uma respondente que assinalou a opção “outro” quando questionada como identificava seu gênero e respondeu ser mulher e, na entrevista, reforçou a aproximação com o cenário feminino e masculino, entretanto, destacou em suas falas na entrevista a percepção que o gênero está além do panorama mulher / feminino / homem / masculino.

Essa relação entre gênero e o universo feminino, masculino e seus papéis identitários fazem parte de uma construção histórica e social, que reflete na compreensão do que é o gênero para as pessoas mediante uma estruturação cultural desses saberes mesmo compreendendo que esse processo não se desenvolve a partir de corpos passivos e imutáveis, mas por um cenário em constante reformulação (BUTLER, 2020; CONNEL, 2016).

Além disso, essa face de aproximação de um entendimento que conecta gênero ao feminino e masculino, faz parte da forma cotidiana de como o gênero nos é identificado, onde reconhecemos o que é feminino e/ou masculino e a partir disso somos orientados e nos posicionamos perante o mundo (CONNEL; PEARSE, 2015).

Outras respostas obtidas nas entrevistas, revelam um contexto de percepções mais críticas, profundas e contextualizadas, que já se relacionam com os avanços da exploração da temática do gênero nos campos sociais, políticos e científicos, trazendo reflexões sobre a construção das identidades e subjetividades dos sujeitos e suas definições (KNIJNIK, 2010), como pode ser percebido nos trechos:

**Gênero, pra mim, são marcadores sociais ,que colocam nossos corpos dentro de regras né, ou seja, (...) é o que se espera das pessoas, um homem, seja másculo, seja provedor do dinheiro, espera-se que ele se case com uma mulher, que ele tenha (...) enfim, determinado jeito, determinada forma de ser. Então, gênero pra mim, é esse pacote de questão que marcam né, os sexos biológicos, se você nasceu com um pênis, você tem que se portar de uma certa forma, se você nasceu com uma vagina,**

---

<sup>50</sup> Grifo da autora.

**você tem que se portar, ser isso ou aquilo**<sup>51</sup>, gênero pra mim é isso (PROFESSOR 6).

Olha, o gênero, ele está relacionado com a **subjetividade do sujeito** né, então **tem a ver com relações do feminino e do masculino, mas não, necessariamente com o sexo biológico, mas as práticas, ao jeito, com o comportamento**<sup>52</sup> (PROFESSORA 14).

Gênero é **como a pessoa se identifica, como ela se reconhece como ela se sente mais à vontade né e como ela quer ser tratada**<sup>53</sup> (PROFESSOR 15).

É pra mim o gênero é(...) é a **identidade que a própria pessoa se sente**<sup>54</sup> é (...) como ela vê a si própria (PROFESSORA 30).

É um tema que traz um debate profundo atualmente porque inicialmente a ideia de gênero, estava ligada a (..) a dois princípios, o masculino e o feminino. **Hoje em dia já tem um debate estabelecido, com a construção de novos gêneros e identidades, né, digamos assim culturais, de pessoas que não se identificam dentro desses dois gêneros e aí surgiu esse lema dentro de alguns grupos aí, a discussão de novos gêneros. [...] eu já superei a ideia de masculino e feminino [...]** Eu, particularmente, a minha posição é a que eu te dei, ela é para além do feminino e masculino, mas eu não sei te dizer uma definição muito maior que isso, porque igual, por exemplo, hoje em dia eles discutem várias questões de gênero, igual por exemplo eles discutem umas nomenclaturas que, às vezes, eu nem sei, até mesmo, porque eu não tive interesse de pesquisar, não é algo que eu penso que vai agregar tanto para mim nem pessoalmente, nem profissionalmente<sup>55</sup> (PROFESSOR 20).

É possível visualizar com esses trechos uma relação de encontro com o avanço teórico científico que tematiza o gênero e suas interfaces até mesmo, por exemplo, com a constituição do feminino e masculino. Atentando para a construção de uma concepção, entendimento e conscientização de que:

não podemos pensar o ser mulher ou o ser homem como experiências fixadas pela natureza. Mas, também não podemos pensá-los apenas como uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades. As pessoas constroem a si mesmas como masculinas ou femininas” (CONNEL; PEARSE, 2015, p. 39).

Essas nuances se agrupam com as indicações da presença de um

---

<sup>51</sup> Grifo da autora.

<sup>52</sup> Grifo da autora.

<sup>53</sup> Grifo da autora.

<sup>54</sup> Grifo da autora.

<sup>55</sup> Grifo da autora.

cenário de subjetividades presentes no cotidiano das pessoas e que interagem com o seu ambiente familiar, social, profissional dentre outros. (VEIGA; PEDRO, 2019). Assim, esse panorama visibiliza uma construção de gênero que perpassa por uma construção social, que é vivenciada de forma diversa em culturas diferentes, tornando-se um elemento flexível e múltiplo acompanhando os processos socioculturais nos quais os seres humanos estão inseridos (BUTLER, 2020).

É observável também a existência de conectividade entre as percepções dos professores e professoras entrevistados com a perspectiva do gênero como uma categoria influenciada por construções culturais, sociais e históricas sobre o feminino e o masculino, entendendo tratar-se de elementos relacionais, flexíveis que rompem o panorama somente do masculino e feminino, sendo necessário, portanto, sua compreensão mediante análise dos conflitos observados entre as diversas diferenças instituídas e reproduzidas a partir dos papéis sociais projetados na sociedade (CORREIA; DEVIDE; MURAD, 2017).

Além disso, é possível constatar nas entrevistas uma consciência desses professores e professoras quanto a evolução e exploração da temática gênero como um campo científico emergente e que interage com diversas esferas da vida humana. Entretanto, nota-se, por exemplo, que, para o Professor 20, os estudos sobre gênero não se configuram como uma área de conhecimento que agregue no seu cotidiano, na sua vida em sociedade e também no âmbito profissional.

Tendo como ponto de investigação o processo de formação profissional em EF e o gênero enquanto parte integrante do currículo acadêmico Correia, Devidé e Murad (2017) ao analisarem as ementas de instituições de ensino superior no Rio de Janeiro constataram a carência de disciplinas, conteúdos que abordassem o tema gênero no processo de formação em EF. Fato que acreditamos que se repita em muitas outras instituições brasileiras.

Esse panorama permite uma reflexão na qual a inserção do gênero no processo de formação dos professores e professoras pode contribuir para o enriquecimento dos debates em diferentes níveis sociais, propiciando uma maior conscientização da importância do gênero e suas possibilidades

enquanto um marcador social de diferença que impacta as variadas esferas da vida social.

Outro aspecto importante para salientar é que nas entrevistas, o Professor 6 e o Professor 15 identificam-se enquanto homens cis e ambos indicaram, em relação a orientação sexual, serem gays, sendo, ainda, o Professor 6 autodeclarado preto e o Professor 15 branco. Isso é mais um indício de que a compreensão das terminologias ainda não é um conhecimento incorporado para boa parte das pessoas.

Essa proximidade entre o universo LGBTQIA+ e as questões de gênero percorrem uma construção temporal que busca sinalizar perspectivas que indiquem mais diversidade, inclusão e respeito (CAMARGO, 2021).

Nesse ínterem, faz-se necessário dar destaque aos dizeres do Professor 5 quando questionado na entrevista sobre o que entendia de gênero:

No gênero, pra você falar de gênero, é tão complexo, porque entende-se tem-se vários entendimentos sobre gênero e que pode-se dizer é que nós temos, volta as aspas aí, gênero masculino, gênero feminino... se é que eu entendi sua pergunta. Mas, hoje como as coisas estão muito abertas, não sei se eu posso dizer modernas... [...], porque, independente do que aconteça, tenha acontecido, **algumas pessoas tem sido muito radicais em relação a essa questão de gênero**<sup>56</sup> (PROFESSOR 5).

Tal professor ainda ressalta em sua fala sobre o gênero seu entendimento no qual:

Algumas coisas que **surgem de forma forçada, parece que algumas pessoas tentam forçar muito a barra empurrar goela a abaixo da sociedade algumas coisas que eu acho que não deveria ter necessidade, de repente, com o tempo ela conquista, é uma conquista, é uma conquista muito difícil, eu admiro muito é pessoas que eu não sei se eu posso falar explicitamente, como eu falei de gênero masculino e feminino, eu vou abranger um pouco mais, porque hoje não tem mais masculino e feminino o leque tá mais amplo, então (...) mas, infelizmente, têm algumas pessoas que, para querer impor a palavra correta, ele quer passar por cima de vários conceitos, várias coisas, sem o devido respeito, porque, quando eu te falo assim, é uma coisa tudo isso que tá acontecendo todo esse movimento, é uma coisa nova! E é uma coisa nova mesmo, e tudo que é novo o diferente, isso surpreende as pessoas que não estão preparadas então é a questão não é não aceitar, ainda é não compreender. Então, se você passa para a**

---

<sup>56</sup> Grifo da autora.

**sociedade de forma transparente, de forma respeitosa, independente de ser hetero ou ser homossexual eu acho que o respeito prevalece para os dois. Mas algumas pessoas, quer empurrar essas questões, algumas questões para a sociedade, então eu vejo dessa forma<sup>57</sup> (PROFESSOR 5).**

O Professor 5 ainda complementa em sua fala enfatizando os seguintes dizeres:

**Eu vejo muito embate até mesmas pessoas, vou falar da questão homossexual, eu vejo embate entre eles assim como vale pros heteros. Eu vejo homossexuais defenderem uma coisa e outra não defende. Então, não há um consenso entre gêneros, seria masculino ou feminino, homossexual no geral e virou uma bagunça. Agora você vai colocar, por exemplo, coloca assim, cê tá com uma pessoa aí de 70 anos, pessoa que nunca vivenciou isso vem lá do interiorzinho lá da cidade, como ele vai entender isso facilmente? **Tem que ser através do diálogo, não da exposição igual a gente tem visto não**<sup>58</sup>. Mas a questão, para finalizar, é respeito! (PROFESSOR 5).**

Nota-se nos dizeres desse professor entrevistado uma aproximação com uma perspectiva do gênero em um arranjo “natural” da vida das pessoas, no qual determinados comportamentos, crenças, valores são potencializados, fazendo com que as pessoas se escandalizem quando alguém não segue esse determinado arranjo padrão, classificando esse rompimento de estereótipo como algo não natural, negativo e impositivo para com o outro (CONNEL; PEARSE, 2015).

O gênero, portanto, se manifesta como uma esfera da vida humana e social que impacta diferentes pessoas e conseqüentemente nossas ações, condutas, perspectivas e visões de mundo. Dessa forma, compreender como o universo do gênero pode influenciar o tempo, espaço e vivência do lazer dos professores e professoras desse estudo torna-se uma importante ferramenta de análise social dentro das suas variadas realidades.

Como já salientado anteriormente, 78,8% dos participantes desse estudo assinalaram que encontraram dificuldades de vivenciar o lazer no período de março de 2020 a março de 2021. No questionário, ao se indagar se essas dificuldades tinham relação com seu gênero, 72,7% um total de 24

---

<sup>57</sup> Grifo da autora.

<sup>58</sup> Grifo da autora.

respondentes indicaram que “não”, 24,2% sendo 8 respondentes apontaram que “talvez” e apenas 3% (um respondente) assinalou a opção “sim”.

Destaca-se que dos 24 respondentes que sinalizaram a opção “não” 14 se identificaram do sexo feminino. Importante ressaltar, por exemplo, o caso das Professoras 3, 14, 29 e 30 que assinalaram negativamente, entretanto, ao realizar a entrevista e serem questionadas sobre suas práticas de lazer durante a pandemia de março de 2020 a março de 2021, anunciaram que foram impactadas por alguma questão de gênero:

**Sim, eu, como mulher, não só na época de pandemia, mas vamos focar na época de pandemia. Eu acho que a gente sai prejudicado no sentido do medo, porque eu tenho medo da abordagem, tenho medo é da forma que algumas pessoas, né, são invasivas, só pelo fato de eu ser mulher ou de eu usar uma roupa confortável pra praticar atividade física, então a questão de me locomover, o lugar que eu vou estar, é (...) se é mais vazio. Tudo isso impacta na vida geral, e no lazer também todo lugar que a gente vai, todo lugar que eu vou eu tenho essa preocupação, se é perigoso, se é não(...) se tem alguém lá, com que roupa eu estou, se é curta demais, se tá mostrando demais, coisas que infelizmente, eu tenho que me preocupar, eu fico muito triste (...) a palavra não seria ser frágil, nem indefesa, mas infelizmente, é cruel pra gente nesse sentido né ser mulher e pesa muito no lazer e principalmente na pandemia também<sup>59</sup> (PROFESSORA 3).**

Eu acredito que **sim!** Porque, infelizmente, **na sociedade onde a gente vive o patriarcado e muito grande e o machismo ainda impera. A mulher por ter deixado de ter essa carga horária de trabalho fora de casa, ela acaba sugando e arrumando muito mais tarefas em casado que o homem. Então, a mulher que teve que ficar durante a pandemia em casa ela modificou sua jornada todinha, ampliou ainda mais quase sufocando, sinceramente! Enquanto no homem a gente não vê isso<sup>60</sup>** (PROFESSORA 14).

**Ah, demais, nossa senhora! É porque a gente, por ser mulher, né, aquela coisa da gente ser mulher, aqueles cuidados de casa que a gente tem que ter né por mais que a gente tenha um pouco de ajuda do parceiro, sempre fica sobrecarregado pra mulher os cuidados de casa, os cuidados do filho, do trabalho, o trabalho teoricamente aumentou, então, cê já viu, né, a gente mulher como é que é, então sobra tudo pra gente, então interferiu** (PROFESSORA 29).

**Sim, foi, hoje em dia a mulher além dela trabalhar, ela também cuida do lar, ela cuida dos filhos né. E, na minha situação, eu passei por isso, por estar trabalhando online, eu também tinha que ajudar, a cuidar do lar com isso acabou afetando, o meu**

---

<sup>59</sup> Grifo da autora.

<sup>60</sup> Grifo da autora.

**tempo de lazer**<sup>61</sup> (PROFESSORA 30).

Evidencia-se, portanto, que, nessa realidade visibilizada pelas falas dessas professoras, o gênero se configurou enquanto um elemento influenciador nas suas possibilidades de tempo e conseqüentemente de práticas de lazer durante o período de março de 2020 a março de 2021, mediante um panorama, no qual essas professoras sofreram implicações diretas no seu cotidiano, com a carga horária do trabalho exaustiva em consonância com outras obrigações sociais, familiares e profissionais. Assim, mesmo que elas não tenham demonstrado clareza dessa percepção, o cruzamento de dados obtidos nas entrevistas e questionários nos possibilitaram perceber essas inconsistências e indícios sobre a questão.

Nesse mesmo sentido, no estudo de Pessoa, Moura e Farias (2021), ao analisarem a composição do tempo social na pandemia de professoras, constatou-se que a qualidade de vida dessas pessoas foi afetada, à medida que a organização do trabalho, dos afazeres domésticos e o confinamento no lar, proporcionou sensações de sobrecarga para essas mulheres, o que vai ao encontro das falas das professoras de Sete Lagoas (MG).

Em relação a alternativa, talvez, ocorreu um pareamento de dados sendo 4 participantes do sexo masculino e 4 do feminino. Um dos respondentes que assinalou talvez do sexo masculino também se identificava como Gay (Professor 6), na entrevista, ao ser questionado se suas práticas de lazer foram impactadas por alguma questão de gênero, disse o seguinte:

**Um pouco sim.** Essa questão da restrição toda da pandemia, a gente passa a seguir um outro patamar de vivência, ou seja, a gente sai daquilo que a gente tá acostumado a fazer, para fazer outro tipo de coisa. Então (...) **muitas coisas em relação a nossa vivência, são influenciadas por essa questão de gênero. Ah, tal coisa que você fizer vai ser considerado feminino ou masculino,** por exemplo, **durante a pandemia, eu tive o hábito de pegar alguns vídeos da internet, de profissionais mesmo da área físico-esportiva para realizar treinos domésticos dentro de casa e, às vezes, a gente depara com o julgamento das pessoas, né, isso aí que você está fazendo é treino de mulher, treino pra não sei o que, você deveria fazer outra coisa.** Eu acho que não é por esse lado a gente tem que olhar a questão do movimento mesmo, do lazer, do prazer, da escolha né. Então, eu acho que sempre impacta, porque **o gênero é um marcador muito**

---

<sup>61</sup> Grifo da autora.

**(...) que corta muito as nossas vontades as vezes<sup>62</sup>**  
(PROFESSOR 6).

O único respondente que assinalou positivamente para a indagação se o gênero foi um elemento influenciador nas suas dificuldades em vivenciar o lazer na pandemia foi o Professor 15, que se identifica como sexo masculino, homem cis e gay. O participante, na entrevista, reforçou esse aspecto, exemplificando situações de preconceito de gênero como se nota abaixo:

A gente vive né numa **sociedade muito excludente**, né! Isso é muito fato, por mais que a gente vem caminhando muito nesse sentido, ainda sim a gente percebe um **preconceito muito (...) muito velado** é (...) **hoje em dia não é algo tão escancarado mais porque existe lei, existe pessoas que se posiciona né se manifesta então assim, a gente sabe que o preconceito é muito velado**. É mas eu venho percebendo (...) que **pessoas é da comunidade LGBTQIA+, elas vem se posicionando e ocupando espaço** eu falo assim por exemplo, no crossfit que é (...) era um espaço muito elitista é (...) que ah, ah, de uma maneira geral demanda uma questão de força física, uma brutalidade que até então associada somente a homens e hoje em dia a gente vê um número de mulheres muito grande praticando tal modalidade sendo campeã, sendo reconhecidas. A gente vê um número muito grande de gays praticando esse modalidade também [...] **É(...) O lazer de uma maneira geral, é algo que é visto né assim (...) e as pessoas então eram muito acanhadas, muito tímidas pra poder se manifestar então jogar um esporte na praça, correr, caminhar, é (...) coisas que demandam coletivo né, as pessoas enquanto com gênero, sentiam-se muito tímidas e não participava, hoje em dia a gente vê uma, uma crescente maior e as pessoas se juntando as comunidades né<sup>63</sup>** (PROFESSOR 15).

A violência de gênero contra a comunidade LGBTQIA+ faz parte de um triste cenário que se perpetua na nossa sociedade em sua construção histórica e social, fomentando um panorama excludente e que reflete na afirmação e legitimação de outros direitos sociais básicos dessas pessoas.

No campo do lazer, não seria diferente. A população LGBTQIA+ enfrenta diversas barreiras para a efetivação do seu direito ao lazer. E, nesse sentido, a construção de políticas públicas torna-se essencial, mas, para isso, é necessário que:

O profissional que atue em políticas públicas de lazer para pessoas LGBTTI deve construir e utilizar das intervenções, buscando

---

<sup>62</sup> Grifo da autora.

<sup>63</sup> Grifo da autora.

acolher a demanda deste público, promover a escuta qualificada, trabalhando com as especificidades, compreendendo a singularidade de cada sujeito, buscando garantir-lhes o pleno direito de acesso ao lazer, à cidade e cidadania (REIS; MARTINS, 2020, p. 531).

Essa perspectiva de uma política pública efetiva, ao ser analisada no contexto da cidade de Belo Horizonte (MG), Silva e Isayama (2020) averiguaram a presença de intervenções promovidas no setor do lazer, entretanto, destacaram que tais ações se caracterizam enquanto eventos esporádicos e pontuais, limitando as possibilidades de participação social da população LGBTQIA+.

Portanto, o desenvolvimento de políticas públicas efetivas para as pessoas LGBTQIA+ e para toda a sociedade em geral, torna-se uma ferramenta de inserção e afirmação social de grande valia, e que irá influenciar em outros setores, como, por exemplo, no acesso a espaços e equipamentos públicos e/ou privados para a prática de lazer durante a pandemia.

E, nesse sentido, durante a entrevista foi feita a seguinte pergunta aos participantes: nas suas experiências de lazer no período da pandemia, questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer? Se sim, de que forma?

Nessa análise, é importante perceber as falas de três grupos diferentes: sendo o primeiro composto de respondentes que se identificaram como do sexo feminino (professoras), o segundo sendo de professores declarados gays e do sexo masculino e o terceiro de professores que indicaram ser do sexo masculino e heterossexuais.

Quadro 6 – Questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos e/ou privados de lazer na pandemia – GRUPO I

Nas suas experiências de lazer no período da pandemia, questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer? Se sim, de que forma	Respostas
Professora 3	Sim, parques, lagoa (...) a questão de ter <b>medo</b> de ir, porque eu era mulher nesse sentido [...] <b>eu deixei de ir a alguns lugares, porque eu tinha medo de ir sozinha porque eu né sou mulher.</b> <sup>64</sup>
Professora 29	Sim [...] devido a gente <b>ser mulher e ir no lugar sozinha às vezes no lugar a maioria do público é homem então por ser mulher né (...) não vai. Acredito que durante essa pandemia a violência contra a mulher aumentou bastante então foi juntando tudo e querendo ou não a gente fica inibido de um pouco de fazer as coisas. Sair, aproveitar, tem lugar que os homens fica assediando a gente.</b> <sup>65</sup>
Professora 30	Sim, por <b>medo da violência</b> , pelos locais, a maioria dos locais serem frequentados pelo sexo masculino isso de forma geral da um medo <sup>66</sup>

<sup>64</sup> Grifo da autora.

<sup>65</sup> Grifo da autora.

<sup>66</sup> Grifo da autora.

Quadro 7 – Questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer na pandemia – GRUPO II

<p><b>Nas suas experiências de lazer no período da pandemia, questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer? Se sim, de que forma?</b></p>	<p><b>Respostas</b></p>
<p>Professor 6</p>	<p><b>Nossa, muito! Muito mesmo! Eu sempre digo que quem passa por essas questões ligadas ao gênero, sexualidade, a gente pensa duas ou três vezes antes de ir para algum lugar. Porque a gente nunca sabe se esse lugar vai nos caber, enquanto ser humano né. Eu sempre fui muito temeroso nos lugares que eu vou frequentar, por exemplo, academia, pra mim sempre foi um espaço completamente, pesado mesmo, para alguns corpos, inclusive o meu! Sempre tive muito medo de ir para academia sofrer algum tipo de preconceito, pelo meu jeito, pelo que eu sou.</b></p>
<p>Professor 15</p>	<p>Não, não comigo não!</p> <p>Entrevistadora: E durante a sua vida, isso foi um fator que te limitou a ir a algum espaço público ou espaço privado por questão de gênero?</p> <p>Professor 15: <b>A sem dúvidas, muito [...] Medo de usar uma determinada roupa [...] É coisa que</b></p>

	<p><b>hetero não tem que se preocupar né hetero não tem que se preocupar com isso, [...] a gente tem que se preocupar o tempo todo com que a gente vai falar pras pessoas não saber que a gente é gay, a gente tinha medo das pessoas saber que a gente é gay. Hoje em dia a gente faz questão, que as pessoas saibam né a gente não quer esconder isso. A gente tem orgulho de quem a gente é! Mas, isso é processo, a gente tem orgulho do que é, porque muita gente já, tomou na bunda muitos anos pra tentar o mínimo de dignidade pra gente né e a gente continua nessa luta pros próximos que virão ter mais tranquilidade.<sup>67</sup></b></p>
--	--

---

<sup>67</sup> Grifo da autora.

Quadro 8 – Questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer na pandemia – GRUPO III

Nas suas experiências de lazer no período da pandemia, questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer? Se sim, de que forma?	Respostas
Professor 1	Não, como eu disse, <b>pra mim não tem problema algum</b> . Sabe?! Eu frequento, pra mim não tem nada a ver.
Professor 20	<b>Sete lagoas é uma cidade muito pobre em questões culturais</b> . Então <b>não tem muito opção de espaço</b> as políticas públicas é uma questão muito cara e você for para pensar fora os eventos, culturais que são as feirinhas, as pracinhas, muita gente pra eles a forma de lazer é a rota da das lagoas da cidade nos cartões turísticos, não tem muito opção de lazer em si.
Professor 28	<b>Não, não por questão de gênero não né</b> . É igual te falei, o que limitou o acesso foi o fato de não ter a vacinação e ainda tá aquela insegurança que tava geral. Mas, por questões de gênero não.

A partir dessas respostas, evidencia-se como as questões relacionadas ao gênero impactam diferentemente os grupos sociais, sendo

perceptível que para a maioria das mulheres respondentes, bem como para as pessoas LGBTQIA+ o gênero é (ou já foi) um elemento influenciador nas suas oportunidades de acessarem e vivenciarem o lazer em espaços públicos e/ou privados.

Portanto, o acesso aos espaços destinados ao lazer por esses grupos sociais encontra na sua condição de gênero uma barreira que tem como base o medo de sofrer algum tipo de violência limitando, dessa forma, as condições de usufruto do lazer nos mais variados locais, tendo em vista a conectividade entre os elementos de gênero com a produção e reprodução de papéis sociais, relações de poder e simbologias de gênero (KNIJNIK, 2010).

Por outro lado, para os professores entrevistados que se reconhecem enquanto do sexo masculino, homens cis e heterossexuais, no seu cotidiano, os elementos relacionados ao gênero e suas implicações não se fazem presente enquanto marcadores sociais que limitem suas possibilidades de experienciar o lazer.

Ainda nesse cenário, o Professor que também se identifica como do sexo masculino, homem cis, heterossexual e casado declarou o seguinte sobre questões de gênero influenciarem seu acesso a locais públicos e/ou privados de lazer:

**Tem uma coisa que não é que me influência, mas hoje me incomoda é uma coisinha só é a questão de banheiro unificado. Não é porque questão de gênero, porque no mundo que nós vivemos hoje é tanta maldade, tantas pessoas maliciosas, imagina por exemplo você ter uma filha ou você mesma entra num banheiro e entra um homem, se fazendo passar por homossexual, por (...) é(...) enfim, não binário (...) simplesmente se fazendo passar, apenas pra abusar das meninas então a única crítica que eu tenho em relação a toda essa questão de gênero é essa de homem, mulher é (...) homossexuais, enfim todos os gêneros estarem fazendo o uso de um local tão íntimo (...) e a gente sabe que tem pessoas maliciosas, é a única coisa que me incomoda muito, que eu sou contra. Agora, no geral é eu não tenho muito que questionar, o que é preocupar, não me preocupo muito com essa questão não<sup>68</sup> respeito muito as pessoas, isso me incomoda minha crítica fica para essa questão (PROFESSOR 5).**

As questões de gênero, portanto, para esse professor, perpassam não

---

<sup>68</sup> Grifo da autora.

pela sua própria condição de gênero, mas em relação com o gênero do outro. Portanto, de certa forma, os elementos interrelacionados ao gênero podem se tornar um aspecto influenciador para este professor.

Outro ponto a ser compreendido em relação às vivências de lazer dos participantes da entrevista foi apontado quando buscou-se saber se os respondentes passaram por alguma situação direta ou indireta na qual se sentiu inibido (a), constrangido (a) ou restrito em realizar determinada prática de lazer por causa de questões de gênero, e, se sim qual e/ou quais, o que poderá ser melhor observado abaixo:

**Não que eu lembre, isso é corriqueiro assim no dia a dia todo esse cuidado eu acho até infeliz ter que falar se eu quiser pedalar mais longe eu tenho que chamar o meu marido que eu me sinto mais segura, mas é (...) quando você fala nesse período eu não tô lembrando de nada muito específico, mas com certeza aconteceu porque isso é diário, isso é toda vez<sup>69</sup>, mas específico assim eu não tô lembrada (PROFESSORA 3).**

**Não, em relação a isso nunca me aconteceu.** Se eu tiver vontade de fazer aquela prática eu vou lá e faço, **não tenho medo de me sentir ridicularizada de ser criticada, não por isso meu medo maior, é a máscara as pessoas de máscara<sup>70</sup>** (PROFESSORA 14)

**Sim, devido a gente ser mulher né<sup>71</sup>** em um determinado lugar é (...) por estar sozinha, então assim é (...) é isso (PROFESSORA 29).

**Bastante** é (...) vou relatar né no meu caso ir a espaço de lazer sozinha e além disso eu posso citar também a **vergonha de usar biquíni, em um local que tenha piscina, cachoeira, porque a vergonha mesmo de apresentar, de apresentar o meu corpo a um público de forma geral e também vão supor a uma academia onde tem aulas coletivas porque mulher, tem que ter o corpo soltou, aquele molejo é (...)** e por eu não ter esse domínio eu me sentia um pouco constrangida quanto a isso<sup>72</sup> (PROFESSORA 30).

É perceptível novamente que, para a maioria das mulheres, as questões de gênero podem se configurar como um espaço potencializador de questões de medo, vergonha, limitação, dentre outros, tornando-se um marcador que inibe e causa constrangimento nas pessoas. Esse cenário revela uma estruturação social baseada em uma relação de poder que é

---

<sup>69</sup> Grifo da autora.

<sup>70</sup> Grifo da autora.

<sup>71</sup> Grifo da autora.

<sup>72</sup> Grifo da autora.

desigual em detrimento das mulheres (SAFFIOTI, 2015).

Já os dois professores entrevistados que se declaram homossexuais fazem as seguintes considerações sobre a indagação referida anteriormente:

**Eu diria que sim né. Qualquer pessoa que rompe com qualquer expectativa de gênero em qualquer momento da sua vida, você vai passar por isso. E é uma coisa que acontece comigo, todos os dias no dia-a-dia, até pela questão da minha sexualidade, e de eu não me colocar obrigado a seguir (...) a seguir certos ritos. Então na pandemia não foi diferente né com certeza.** Quando a gente (...) passa a não pensar, ou seja, não colocar as coisas em caixas né, eu não vou fazer isso porque sou tal, não vou fazer aquilo, então como eu não penso assim é (...) **sempre acontece essa questão do (...) do olhar do outro, então eu creio que sim. Às vezes não acontece, de maneira direta, porque o preconceito no Brasil é muito velado, mas a gente vê pelo olhar, o jeito que trata a gente, como(...) como as pessoas olham, isso é muito perceptível né**<sup>73</sup> (PROFESSOR 6).

**Graças a Deus não! Não né mas é processo, eu acho que é amadurecimento é (...) é processo, de se impor, de ser reconhecido pelo seu profissional, pela sua prática independente de tudo né.**<sup>74</sup> Mas, eu percebo que é uma realidade que a (...) que acarreta em muitos colegas meus [...] Então assim eu não posso (...) graças a Deus assim, eu não tive nenhum problema em relação a isso, mas aonde eu frequento já é algo que tem mais tempo as pessoas, já me conhecesse, eu também não tenho muito problema com isso (PROFESSOR 15).

O professor 15, ao ser questionado se em algum momento da vida para além da pandemia, passou por alguma situação na qual se sentiu inibido ou constrangido em realizar uma prática de lazer, fez as seguintes ponderações:

**Teve muitos casos né, a gente tem uma cultura que fortalece essa exclusão as aulas de Educação Física, separar os meninos das meninas com o futebol e as meninas vão para o vôlei, aí as pessoas não sabem pra onde ir, e aí se elas vão para o vôlei elas são tachadas, se elas vão para o futebol elas são excluídas, elas são humilhadas, se sentem mal. Então a gente, cresce com isso, é (...) eu me encontrei no vôlei né, mas por que eu me encontrei no vôlei?! Porque no vôlei eu percebi pessoas como eu, então eu me achei alie ali eu me senti protegido e ali eu fiquei. Mas, durante um bom período da adolescência, infância essas práticas elas acabam que elas não são abertas pra todo mundo né. E isso é cultural, é histórico nosso**<sup>75</sup> (PROFESSOR 15).

---

<sup>73</sup> Grifo da autora.

<sup>74</sup> Grifo da autora.

<sup>75</sup> Grifo da autora.

Fica em evidência, portanto, que aspectos relacionados ao gênero e ao imaginário popular, que conectam as práticas corporais a afirmação de uma identidade feminina ou masculina, apresentaram-se e/ou ainda se apresentam como um cenário de inibição ou restrição de vivências de lazer pelos professores do sexo masculino que se declaram gays. Nesse sentido, Camargo (2021), salienta que a população LGBTQIA+ encontra no esporte por exemplo um cenário potencializador de discriminação corporal.

Ainda no cenário de restrição e inibição em realizar alguma prática de lazer, outros professores que se declaram do sexo masculino e heterossexuais destacam em suas respostas, que:

**Não, por ser homem em uma sociedade machista** né a gente sabe que, infelizmente, **quem sofre mais o preconceito são as mulheres. Claro, que se você for levar pra uma questão de orientação sexual né ai é (...) você tem o LGBTQ+ né que vai sofrer bastante preconceito é a questão eu não sou uma pessoa negra, apesar que me considero mas o tom de pele é mais claro essa questão do racismo também não me atinge.** Então assim, por essas questões é (...) **por ser homem, por ser moreno** eu não gosto de falar que eu não sou negro, **mas por ter uma pele mais clara um pouco e por ser heterossexual**, apesar de ser assim uma visão bem radical é até peço desculpas pra te falar a verdade de tá colocando isso, mas não, não interfere essa questão não vai interferir, por causa(...) infelizmente, **desses conceitos que a gente tem na sociedade**<sup>76</sup> (PROFESSOR 28)

Não, não. Eu **sempre respeito né todo o tipo de sexualidade** né essas coisas, eu **não me sinto constrangido não**. A pessoa que se sente constrangido ela tem que abrir a mente mais, essas coisas. Mas **pra mim é super normal, super tranquilo** (PROFESSOR 1)

**Não acredito que não** é (...) Tiveram algumas outras situações que por exemplo assim eu acho que **academia por exemplo** aviso gente que a gente pode encarar como espaço que a gente pode ter vivência do lazer. [...] Eu acho que esse ambiente ele me afastou um pouquinho, mas em termos é (...) de **imagem corporal pra te falar a verdade né do que em relação de gênero**<sup>77</sup>, mais aconteceu essa é digamos dificuldade vamos dizer assim (PROFESSOR 21).

Olha eu **necessariamente não**, não sei se é porque os ambientes que eu vou, acessos que eu tenho né. **Em questão de gênero não!** A única questão que às vezes eu percebo, isso (...) tanto na pandemia quanto depois às vezes existe certo que meio que preconceito, às vezes, por exemplo dentro da academia, **por questão de gênero muitas mulheres chegam para revezar um aparelho. A gente vai observando ela e as mulheres muitas**

---

<sup>76</sup> Grifo da autora.

<sup>77</sup> Grifo da autora.

**vezes diversas vezes elas tem digamos assim, muito tem problema de aceitação corporal né, e aí então assim muitas vezes elas não gostam se alguém repara, às vezes ela tem receio de revezar o aparelho<sup>78</sup> (PROFESSOR 20).**

**Mais uma vez eu te digo, eu não tenho problema com essa questão de gênero, eu posso parecer demagogia hipocrisia, mas eu não tenho problema [...] eu tenho dificuldade não é com o ser da pessoa, mas sim com as atitudes das pessoas. Não é o que a pessoa é, mas o que ela faz, a (...) atitude que ela tem em relação frente a muita coisa<sup>79</sup>, mas o que a pessoa é isso eu nunca tive problema (PROFESSOR 5).**

Importante destacar a crítica social do Professor 28, ao realizar sua resposta mediante uma análise reflexiva da sua condição enquanto homem e heterossexual, reconhecendo as diferenças de oportunidades em comparação a outros grupos sociais, como, por exemplo a população LGBTQIA+. Seguindo esse cenário, no questionário, ao se indagar se os participantes acreditavam que todas as pessoas (mulheres, homens, gays, idosos@s, negr@s etc...) possuem as mesmas condições de oportunidade para vivenciarem o lazer, 22 respondentes indicaram a resposta não e 11 assinalaram sim.

A partir dos trechos das entrevistas transcritos acima, percebe-se que para esse grupo de professores, que se declaram do sexo masculino e heterossexuais durante o período pandêmico de março de 2020 a março de 2021, as questões de gênero não se concretizaram enquanto um elemento influenciador nas suas práticas de lazer, como forma de restrição e/ou inibição.

Todavia, ao serem questionados se em algum momento da sua vida tais elementos se fizeram presentes, as respostas obtidas foram:

**Sim, isso aí apareceu (...) é eu acho que isso aí aparece quase que na vida de todo mundo né principalmente na infância e adolescência é (...) a gente ainda, apesar de estar no século 21 a gente tem essas questões, isso aqui é relacionado pra homem, isso pra mulher né. Por exemplo, voleibol, voleibol é um esporte que é muito discriminado né, ainda existe esse preconceito com o voleibol, ah que você joga voleibol você desmunheca, isso é coisa de homossexual né pra não falar termos mais pejorativos. Então assim, eu acho que em relação a essa questão sim já, já fui inibido sim por praticar (...) outras práticas corporais diferente de futebol que é um modelo**

---

<sup>78</sup> Grifo da autora.

<sup>79</sup> Grifo da autora.

hegemônico que a gente tem<sup>80</sup> (PROFESSOR 28).

**Sim, eu não vou mentir para você né, quando eu era mais novo eu tinha aquela (...) tinha aquelas coisas né questão do vôlei né, ah vôlei é coisa de menina, entre aspas, e futebol é coisa de menino.** Depois de um tempo né consegui ter a percepção que não tem nada disso que **o esporte é para todos<sup>81</sup>**, essas questões. Principalmente do vôlei, fui aprendendo quando eu era mais novo eu tinha essa visão, mas depois eu fui entendendo essas coisas (PROFESSOR 1).

É assim é (...) **quando criança adolescente essas coisas por exemplo a gente tinha alguma (...) alguma questão de vivenciar a dança é (...)** eu tinha uma certa dificuldade pra te falar verdade. **Até na época da faculdade foi um período assim que foi difícil pra mim essa disciplina dança, não porque eu tivesse um preconceito de gênero, mas é uma coisa que eu nunca tive uma vivência que meu núcleo familiar essas coisas a dança era uma coisa mais atribuída pra (sic) parte feminina.** Mas não que eu tivesse esse preconceito, **é questão de não ter tido a oportunidade de vivenciar até chegar esse momento (...) da faculdade<sup>82</sup>** (PROFESSOR 21).

Em algumas questões na **minha infância adolescência** pela forma que meu pai concebia tudo, esse preconceito foi repassado pra mim às vezes é (...) **meu pai falava que dança era coisa de menina, eu tinha essas questões e na adolescência eu fui disso desconstruindo pelas experiências, à medida que eu fui lendo principalmente porque eu tinha uma paixão na adolescência por leitura, eu comecei a lê filosofia isso me libertou muito. Eu acredito que quanto maior o nível cultural e conhecimento da pessoa menos a chance dela ficar presa atrelado a questão de preconceitos de gênero um machismo entre outros. Então assim na minha infância adolescência eu tive estereótipos que foi construído, pela estrutura familiar que eu tinha, mas depois foram sendo quebrados<sup>83</sup>** (PROFESSOR 20).

Percebe-se, portanto, que esse grupo de professores enfrentou durante a sua infância e/ou adolescência situações nas quais o imaginário popular relacionado as identidades de gênero de determinada prática corporal causava inibição, restrição e/ou constrangimento impactando diretamente nas suas possibilidades de vivências diversificadas de lazer, o que foi se modificando no decorrer já da vida adulta.

A relação das masculinidades no âmbito das práticas corporais revela um cenário que privilegia uma representação social de um corpo atlético e forte direcionado para determinadas práticas, como, por exemplo, o futebol e

---

<sup>80</sup> Grifo da autora.

<sup>81</sup> Grifo da autora.

<sup>82</sup> Grifo da autora.

<sup>83</sup> Grifo da autora.

as lutas (DEVIDE, 2021).

Nessa mesma direção, no questionário os participantes foram indagados em relação as práticas de lazer que vivenciaram no período pandêmico de março de 2020 a março de 2021, se consideravam que essas práticas tinham uma identidade cultural de aproximação com o imaginário social feminino ou masculino e 57,6% assinalaram que sim e 42,4% responderam que não. Dos 19 respondentes que assinalaram sim, 10 se identificavam como do sexo feminino e dos 14 participantes que indicaram a resposta não 8 também apontaram ser do sexo feminino.

Observando esse panorama, a partir dos dados apontados até o momento sobre o gênero, enquanto um possível aspecto influenciador no acesso ao tempo, espaço e práticas de lazer no questionário, 24 respondentes assinalaram que na compreensão dos mesmos os elementos relacionados ao gênero podem, sim, refletir aspectos de diferenciação de oportunidades, condições e usufruto nas suas experiências de lazer das pessoas e 9 indicaram que não.

Esses dados, até o momento, revelam e visibilizam uma conectividade entre o lazer mediante os seus tempos, espaços, práticas e o gênero enquanto um marcador social, que pode encontrar, nesse cenário, um panorama potencializador de (re)produção de elementos relacionados a sexualidade e a corporeidade por exemplo (CAMARGO, 2021).

Buscando-se compreender essa relação na visão dos participantes deste estudo, na entrevista foi realizada a seguinte indagação: Na sua percepção, quais as relações entre lazer e gênero? Percebeu-se, novamente, um certo desconforto em responder essa pergunta, como se nota nos trechos abaixo:

**Perguntinha difícil** (...) tem como eu posso dizer, as vezes é feita alguma dificuldade, porque às vezes **as pessoas, enfrentam preconceito** por frequentar certos ambientes **por achar que as pessoas podem discrimina-las** muitas vezes **as pessoas, tem algumas barreiras para desfrutarem do lazer, devido a essa questão.** Então **essa é minha percepção, não sei se está correto, mas eu penso dessa forma**<sup>84</sup> (PROFESSOR 1)

**Nó essa é complexa! Vamos entrar na questão social né do nosso país** não tem como a gente fugir disso né **os conceitos que**

---

<sup>84</sup> Grifo da autora.

**existe do que é ser homem, o que é ser mulher, o espaço que você pode frequentar o que você não pode**<sup>85</sup> eu acho que existe uma pseudo é(...) é(...) liberdade pra falar a verdade em relação ao gênero né (PROFESSOR 28).

Olha, difícil hein? (...) eu acredito que assim né é (...) O (...) **O gênero né ele às vezes ele pode ser um fator de excludente** né. **Para que as pessoas vivenciem determinadas práticas. Então assim não que isso tenha me interferindo**<sup>86</sup>, mas é(...) das práticas serem restritas em relação em detrimento do gênero da pessoa (PROFESSOR 21).

Percebe-se, portanto, a partir da fala desses dois professores, que se identificam como do sexo masculino, cis e heterossexuais, um breve incômodo somado a uma hesitação em responder ao questionamento. Ambos professores sinalizam reconhecer que, dentro da relação entre lazer e gênero, existem pessoas e/ou grupos sociais que encontram nesse cenário um ambiente de limitação, constrangimento e/ou inibição de vivências. Outras perspectivas nesse sentido podem ser constatadas nas falas a seguir:

**O lazer ele teria que ser acessível a todos, independente do gênero** é(...) independente do lazer, do tipo de lazer, (...) independente do gênero teria que ser aberto ele **teria que ser facilitado pra todos**. Mas, **infelizmente não é assim!** Eu acho que **os homens são sim mais beneficiados em relação a isso, tanto em questão de segurança, quanto a questão do próprio machismo de achar que eles podem tudo, de achar que a mulher né que a mulher tem que cuidar da casa e do filho e abrir mão de questões assim de lazer, independente de qual seja**<sup>87</sup> (PROFESSORA 3).

**De conflitos é (...) é tem muita divisão entre homem e mulher é porque homem joga bola, ah porque mulher brinca de boneca** é e tem esses (...) um dos conflitos né eu acredito, que **seja essa diferença entre homem e mulher**<sup>88</sup>, homem é isso aquilo (PROFESSORA 29).

A relação é (...) bom, são as **dificuldades que as pessoas tem de usar os espaços e de ter lazer** é (...) é até porque a nossa sociedade ainda tem muito a visão, de **atividade é vão supor voltadas para o sexo masculino ser o futebol e voltadas para o sexo feminino como eu disse a dança**<sup>89</sup> é então é uma coisa, que nossa sociedade precisa mudar a visão (PROFESSORA 30).

Eu acho que o **lazer são práticas né livre de pudores, livre de julgamentos, livre de imposições então é um momento, onde a**

---

<sup>85</sup> Grifo da autora.

<sup>86</sup> Grifo da autora.

<sup>87</sup> Grifo da autora.

<sup>88</sup> Grifo da autora.

<sup>89</sup> Grifo da autora.

**pessoa consegue ser quem ela é.**<sup>90</sup> Então, eu acredito que **o lazer ele libera a pessoa**, de rótulos tem a ver com isso (PROFESSORA 14).

Este grupo de professoras representadas pelas falas acima, se constitui de mulheres que se declaram do sexo feminino, cis, heterossexuais e que se identificam como pardas. É possível perceber semelhanças nas perspectivas das entrevistadas, tendo como ponto central os rótulos e papéis sociais que se conectam aos homens e as mulheres, no qual, as mulheres enfrentam uma realidade de restrição, inibição e de estereótipos em suas práticas sociais, corporais, familiares etc.

Essa identidade de gênero relacionada as práticas como por exemplo, futebol é para menino, boneca para menina etc., é construída culturalmente sendo tangenciada pela necessidade da sociedade em transformar, resistir e/ou incorporar papéis de gênero na direção de uma identificação do que é ser masculino e/ou feminino (DEVIDE, 2021; (CORREIA; DEVIDE; MURAD, 2017).

Entretanto, percebe-se também que a Professora 14 já visibiliza o lazer como um espaço de promoção da pluralidade humana rompendo com esses estigmas que as outras entrevistadas pontuam de forma direta, o que corrobora com a construção de uma sociedade contemporânea que não é fragmentada e que, conseqüentemente, não se constitui de pessoas com uma identidade permanente, imutável e fixa (DEVIDE, 2021).

Outros professores entrevistados que indicaram ser do sexo masculino, cis e heterossexuais trazem também suas perspectivas como as abaixo:

Bom é (...) por exemplo vamos supor, **atividades de contato né existe um receio muito grande, das meninas em fazer com os meninos, o receio de toque dependendo da idade ou até mesmo pela brutalidade do esporte é uma questão meio de gênero (...)** acaba que na minha prática diária eu não tenho muita frustração muita evidenciação disso mais no meu lado profissional, dependendo da atividade que eu estou gerindo percebendo isso, na divisão da atividade as meninas ficam de um lado os meninos de outro<sup>91</sup> (PROFESSOR 20).

Relação entre gênero e lazer (...) olha tá (...) **as pessoas que, que**

---

<sup>90</sup> Grifo da autora.

<sup>91</sup> Grifo da autora.

**optam que (...) que são homossexuais que são é de gêneros diferentes, elas sofrem bastante. Porque ainda tem pessoas que não entram no banheiro quando tá aquela pessoa, não frequenta o mesmo espaço daquela pessoa.<sup>92</sup> Então, (...) o que eu tenho visto são coisas desse tipo (PROFESSOR 5)**

Percebe-se nas falas destes dois professores o reconhecimento de que questões de gênero impactam as pessoas de diferentes formas, seja relacionado a alguma prática corporal ou ao acesso a espaços de lazer. Essa sinalização se assemelha com as perspectivas dos outros professores participantes da entrevista.

O professor 5 pontua de maneira direta as pessoas homossexuais, mostrando consciência de que elementos relacionados ao gênero influenciam o cotidiano dessas pessoas e as esferas das suas vidas.

Todavia, esse mesmo professor, anteriormente, como já destacado nesse estudo, aborda em suas falas por diversas vezes aspectos relacionados a população LGBTQIA+ em especial, ao o homossexual de forma ostensiva com falas controversas, nas quais demonstra constante preocupação em não se taxar enquanto homofóbico, ao mesmo tempo que se escandaliza com as questões de gênero, como, por exemplo, o uso de banheiro unificado e com demonstrações de afeto destas pessoas.

Essa realidade só demonstra na prática o quanto as questões de gênero, influenciam de maneira direta e indireta diferentes grupos sociais mediante suas particularidades e subjetividades mesmo o lazer sendo um direito social, e que neste contexto as mulheres e a população LGBTQIA+ enfrentam uma realidade com diversas problemáticas quanto ao seu tempo / espaço / práticas de lazer (SILVA; ISAYAMA 2020).

Em relação aos professores 6 e 15, que se declaram como homens cis e homossexuais, eles trazem, em suas perspectivas sobre a relação entre lazer e gênero, ponderações mais complexas e profundas, como as abaixo:

**O lazer é um direito pra todos, é direito, né.** Não existe lá o lazer para o hétero, ele deve fazer tal coisa né, o lazer para a comunidade gay, eles devem fazer tal coisa. **O lazer enquanto direito do ser humano, da mesma forma que todos os outros direitos (...)** então essa relação do lazer **é entender mesmo enquanto um direito que as pessoas precisam ser respeitadas,** eu nem gosto da palavra tolerada, tolerar é uma coisa que você

---

<sup>92</sup> Grifo da autora.

não tem que tolerar nada! Você tolera seus problemas sua vida, seus pensamentos você tolera, o outro você respeita. **Então, é entender que independente daquilo que a pessoa é ela tem o direito de poder vivenciar determinada prática**<sup>93</sup> (PROFESSOR 15).

**Não só no lazer, mas o recorte de gênero, ele perpassa por todas as relações humanas. (...) Se a gente for comparar a minha vivência, enquanto homem cis, homossexual é uma vivência totalmente diferente de uma mulher transexual. É apesar de eu ter esse recorte, da sexualidade, eu ainda sou um homem, eu habito um corpo masculino, para mim ainda é mais tranquilo sair na rua sem medo, frequentar algum bar, um restaurante (...) Então é isso, por exemplo para uma mulher cis um homem cis, nós que somos homens podemos sair, obviamente, tem a questão do medo da violência, mas para a mulher é muito maior! Até para acessar, algumas políticas públicas de esporte e lazer, por exemplo, tem inúmeras barreiras. Vamos falar assim, para as mulheres acessar essas políticas, às vezes ela tem que passar por uma rua que é muito perigosa, escura, ela tem que passar por lugares que são habitados por pessoas que podem oferecer perigo a elas. As vezes elas perpassam também muito mais uma relação entre homem e mulher, marido não deixar sair, entendeu? É muito complicado, então assim eu sempre digo que afeta completamente, eu sempre digo que o gênero é assim o marcador mais forte assim nessas relações**<sup>94</sup> (PROFESSOR 6).

É de suma importância destacar que durante todo o processo de descrição e análise dos dados, tanto do questionário, quanto da entrevista, o lazer enquanto direito social assegurado pela Constituição Brasileira surge apenas nessa fala do professor 15, uma possível indicação da falta da conscientização e/ou conhecimento do lazer nesse sentido pelos participantes deste estudo.

Dessa forma, o professor 15 enfatiza a necessidade do entendimento do lazer enquanto um direito social para todos, sem distinção de gênero, de prática, de classe econômica, apesar do conhecimento das diversas barreiras para o lazer vivenciadas pelas diferentes pessoas e/ou grupos sociais (MARCELLINO, 2006).

Em relação ao professor 6, é imprescindível destacar a sua consciência crítica e social, ao reconhecer o gênero como um elemento de diferenciação de oportunidades e usufruto para além das práticas de lazer, reverberando nas variadas esferas humanas e sociais de forma concreta e em consonância com outros marcadores sociais de diferença.

---

<sup>93</sup> Grifo da autora.

<sup>94</sup> Grifo da autora.

A perspectiva desse professor segue na mesma direção da emergência no avanço da exploração científica sobre gênero, que reflete também nos debates políticos, nas pautas de reivindicações sociais de grupos diversos (CORREIA; DEVIDE; MURAD, 2017).

Assim, nota-se a relevância de compreender os dados obtidos nesse estudo como forma de enriquecimento do campo acadêmico relacionado ao lazer, contemplando e reconhecendo o gênero como um marcador social que impacta o cotidiano das pessoas de diferentes formas, tornando-se, assim, uma importante ferramenta de análise da realidade social – em específico nessa pesquisa do grupo de professores e professoras de EF da cidade de Sete Lagoas (MG).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa foi atravessado por uma crise sanitária mundial, que reconfigurou todo o cotidiano social, familiar e profissional da sociedade – e isso não seria diferente no cenário acadêmico. Pesquisadores de diferentes campos de atuação voltaram sua atenção para os impactos da pandemia na vida das pessoas ao redor do mundo, buscando compreender esse capítulo da história da humanidade a partir de diferentes realidades.

Este estudo, em especial, analisou as relações entre gênero e as experiências de lazer de professores e professoras de EF das escolas públicas de Sete Lagoas durante a pandemia, tendo, portanto, como recorte temporal o período de março de 2020 a março de 2021.

Os resultados encontrados demonstraram que o gênero se configurou enquanto um elemento de diferença de oportunidade e usufruto do tempo, espaço e experiências de lazer, em especial para as professoras que se identificaram como do sexo feminino, mulheres cis e heterossexuais, e para professores que autodeclararam serem gays, do sexo masculino e homens cis.

Além disso, buscou-se identificar e analisar as práticas de lazer de professores e professoras de EF no contexto da pandemia. Nesse recorte, constatou-se a prevalência de atividades relacionadas ao interesse virtual, como, por exemplo, o uso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *TikTok*, bem como a utilização de plataformas digitais como *Netflix* e *Prime Vídeo*, o que vai ao encontro de achados de outros estudos que abordaram o lazer na pandemia, tendo prevalência o interesse virtual (MONTENEGRO; QUEIROZ; DIAS, 2020; RIBEIRO *et al.*, 2020; PESSOA; MOURA; FARIAS, 2021).

Em contrapartida, atividades como, por exemplo, viajar e ir a clubes apresentaram baixa frequência entre os professores e professoras participantes dessa pesquisa. Esse panorama esboça e sinaliza uma conectividade com a necessidade do distanciamento social e com as medidas de restrição enquanto forma de combate a pandemia.

Foi possível perceber que para a maioria das pessoas da pesquisa as

práticas de lazer que realizaram durante o período pandêmico apresentam ligação com uma identidade cultural de aproximação com o imaginário social feminino ou masculino. Bem como, apurou-se que as pessoas participantes da entrevista em algum período de sua vida seja infância, juventude e/ou mundo adulto se depararam com situações nas quais esse imaginário popular, por exemplo, se configurou como uma forma de inibição, constrangimento e/ou restrição em realizar determinada prática de lazer.

Assim, esse estudo também objetivou discutir as percepções e apropriações de professores e professoras de EF sobre questões de gênero nas experiências de lazer que podem refletir aspectos de diferenciação de oportunidades, condições e usufruto em suas relações com a vida cotidiana, e com o fato de ser professora e professor.

Nessa perspectiva, apurou-se que o lazer enquanto componente curricular fez parte do processo de formação da maior parte desses professores e professoras de EF, ganhando notoriedade quando para a maioria desse grupo a especificidade da sua formação em relação ao campo do lazer lhes permite ter mais esclarecimentos e possibilidades de vivenciá-lo.

Em relação ao fato de ser professor e professora, certificou-se que com o período pandêmico e a migração para o ensino remoto, a jornada de trabalho dessas pessoas expandiu-se significativamente, influenciando de maneira direta a organização do tempo para a vivência do lazer.

Sobre as questões de gênero percebeu-se a partir dos dados do questionário a percepção que para a maioria das pessoas da pesquisa elementos relacionados ao gênero podem refletir aspectos de diferenciação de oportunidades, condições e usufruto nas suas experiências de lazer, entretanto ao se questionar se as dificuldades enfrentadas na pandemia para vivenciarem o lazer tinha relação com questões de gênero a maior parte sinalizou negativamente. Todavia, no processo de desenvolvimento deste estudo, constatou-se, por exemplo, que professoras que tinham assinalado negativamente no questionário, nas entrevistas já indicaram outro posicionamento.

As percepções e apropriações desses professores e professoras evidenciaram marcadamente em especial nas entrevistas três grupos, sendo

estes: um composto por pessoas que indicaram ser do sexo feminino, mulheres cis e heterossexuais, outro constituído por participantes que sinalizaram ser do sexo masculino, homens cis e heterossexuais, e por fim o formado por pessoas que se autodeclaram gays, do sexo masculino e homens cis.

Tendo como cenário esses grupos, verificou-se que questões de gênero impactaram diretamente o primeiro e o último grupo citados acima. Sendo constatado, por exemplo, que aspectos relacionados ao gênero influenciaram o acesso dessas pessoas a locais ou equipamentos públicos e/ou privados de lazer durante a pandemia, visibilizando um cenário de medo, insegurança, violência que se potencializa devido ao gênero.

Foi notável também na realização das entrevistas o desconforto e hesitação dos professores e professoras em responder perguntas que contemplavam a temática gênero. Entretanto, evidenciou-se também a preocupação em demonstrar a necessidade de conhecer, de estudar mais sobre gênero e suas possibilidades.

Apurou-se que para a maioria desses professores e professoras nem todas as pessoas da sociedade possuem as mesmas condições de oportunidade para vivenciarem o lazer. O grupo de professores do sexo masculino, homens cis e heterossexuais por exemplo apontam que questões de gênero não impactam suas vivências e acesso ao lazer, entretanto sinalizam ter a consciência que o mesmo não ocorre com outras pessoas como as mulheres e a população LGBTQIA+.

Essa relação entre lazer e gênero também é percebida como um espaço onde questões de preconceito, de violência, vulnerabilidade social e estereótipos se (re)produzem criando, portanto, barreiras que limitam a apropriação e o fluir do lazer em sua plenitude enquanto um direito social e uma necessidade humana principalmente para alguns gêneros marginalizados na sociedade.

Ademais, para a maioria dos professores e professoras desse estudo, a pandemia redefiniu positivamente as percepções desse grupo sobre a importância do lazer em suas vidas.

Portanto, essa pesquisa ao tangenciar a pandemia, lazer, gênero em especial com professores e professoras retrata e aproxima a sociedade a

realidade enfrentada por tais pessoas durante o período de março de 2020 a março de 2021, na qual além do medo, da insegurança em relação ao coronavírus, esse grupo social teve que se adaptar e reinventar a necessidade do novo processo de ensino. Destaco que, como professora de EF efetiva da rede pública estadual de Sete Lagoas, pude vivenciar de maneira concreta a realidade do público desse estudo.

Assim como essas pessoas e o seu exercício profissional, esta pesquisa teve que se adaptar à realidade pandêmica e a utilização dos recursos virtuais para o seu desenvolvimento, buscando continuamente atender-se para uma maior aproximação com esses professores e professoras e suas subjetividades. Entretanto, foram encontradas dificuldades no acesso a essas pessoas por meio das redes sociais, o que limitou uma possível maior participação. Tendo em vista que a ideia inicial era realizar a ida a campo, ou seja, ir nas escolas estaduais e municipais de Sete Lagoas e conhecer seus professores e professoras de EF.

A partir desse estudo, espera-se que outros enfoques de pesquisas que tematizem o lazer e o gênero ganhem maior notoriedade. Ressaltando a necessidade da atenção e contextualização dessa temática também em perspectiva interseccional, o que pode proporcionar uma aproximação com a realidade social das variadas pessoas e suas subjetividades. Dessa forma, pode-se fundamentar e estimular a criação e de políticas públicas de lazer que articulem em seu desenvolvimento a quebra das diferentes hierarquias e desigualdades que se inter-relacionam no lazer e o gênero na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de et al. A relação entre gênero e adesão à atividade física no lazer. **Conexões**, v. 10, n. 1, p. 94-102, 18 maio 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/863769>. Acesso em: 18 ago. 2020.

ALVARENGA, Robson et al. Percepção da qualidade de vida de professores das redes públicas e privadas frente à pandemia do covid-19. **Revista CPAQV–Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 12, n. 3, p. 2, 2020.

ALVARENGA, Carolina Faria. VIANNA, Cláudia Pereira. Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: desafios para a compreensão do uso do tempo no trabalho docente. **Laboreal**, Porto, v. 8, n. 1, p. 11-27, jul. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/11429>. Acesso em: 06 mar. 2021.

ALVES, Kristine Renata Medeiros; RESENDE, Gisele Cristina. Reflexões sobre as mulheres que exercem múltiplas funções: papéis sociais, dentro e fora de casa. **Revista Educação e Humanidades**, v. II, n. 1, p. 622-631, jan-jun, 2021.

AMORIM, Marina Alves; SALEJ, Ana Paula; BARREIROS, Brenda Borges Cambraia. “Superdesignação” de professores na rede estadual de ensino de Minas Gerais. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v.23, e230053, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782018000100244&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100244&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 06 mar. 2021.

BARBOSA, Carla; LIECHTY, Toni; PEDERCINI, Raquel. Restrições ao Lazer Feminino: Particularidades das Experiências de Lazer de Mulheres Homossexuais. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 2, 20 jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/653>. Acesso em: 03 ago. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo Clássica**. Lisboa: 70 ed., 2006.

BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p.1-46, jul. 2014. Semestral.  
Disponível em: [http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno\\_gea\\_n6\\_digitalfinal.pdf](http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf). Acesso em: 23 jul. 2021.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 187-217 p.

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(Supl.1):2411-2421, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25suppl1/2411-2421/#>. Acesso em: 25 dez. 2021.

BONALUME, Cláudia Regina. O Paradigma da Intersetorialidade nas Políticas Públicas de Esporte e Lazer. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/782>. Acesso em: 11 out. 2021.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; PEREIRA, Flavilio Silva. Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 11, n.21, p.119-145, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/temporalis/article/view/1380>. Acesso em: 11 jan. 2022.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cad. Pagu**, n.26, 2006: pp.329-376. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/B33FqnvYyTPDGwK8SxCPmhy/abstract/?lang=pt>. Acesso em 16 jun. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. atualizada até 03.01.2005. 10. ed. atualizada com a Emenda Constitucional 4. São Paulo: Revista dos Tribunais. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social. Brasília: SNEELIS, 2021. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/esporte-e-lazer-da-cidade/programa-esporte-e-lazer-da-cidade-pelc>. Acesso em 17 jun. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CAETANO, Edson; NEVES, Camila Emanuella Pereira. Relações de gênero e precarização do trabalho docente. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 9, n. 33e, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639539>. Acesso em 17 jun. 2021.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Leituras de gênero e sexualidade nos**

**esportes**. 1ed. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

CARVALHO, Leilanir de Sousa et al. O impacto do isolamento social na vida das pessoas no período da pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e998975273, 2020. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5273>. Acesso em: 25 dez. 2021.

CAVALCANTE, Fernando Resende; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O lazer nos currículos dos cursos de educação física: Diversidades e tendências. **Movimento**, v. 27, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/3ZGBxY9b4TTYcqjdY9bhNQs/#> Acesso em 30 set. 2022.

CEMBRANEL, Priscila et al. Lazer e qualidade de vida em tempos de pandemia. **Pista: Periódico Interdisciplinar**. Belo Horizonte, v.3, n.2, p.35-46, ago./nov.2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/27635>. Acesso em: 25 dez. 2021.

CHEIBUB, Bernardo Lazary; FREITAS, João Alcântara de. O Lazer e as (I) Mobilidades: Reflexões sobre as Desigualdades em Tempos de Pandemia. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 4, p. 445–470, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/26701>. Acesso em: 6 mai. 2021.

CLEMENTE, Ana Cristina Fernandes; STOPPA, Edmur Antonio. Lazer Doméstico em Tempos de Pandemia da Covid-19. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 460–484, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25524>. Acesso em: 28 abr. 2021.

CONCEIÇÃO, Vagner Miranda da. Impactos da Pandemia de Covid-19 no Lazer e no Trabalho do Professor Universitário em Home Office. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 3, p. 490–526, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/36337>. Acesso em: 23 dez. 2021.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CORREIA, Marcos Miranda; DEVIDE, Fabiano Pries; MURAD, Maurício. Discurso da licenciatura em Educação Física sobre as questões de gênero na formação profissional em Educação Física. *In*: DEVIDE, Fabiano Pries (org.)

**Estudos de gênero na Educação Física e no esporte.** 1ed. Curitiba: Appris, 2017, p. 17-48.

COSTA, Ecio de Farias; FREIRE, Marcelo Acioly dos Santos. Estudo de avaliação do programa de auxílio emergencial: uma análise sobre focalização e eficácia a nível municipal. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.3, p.24363-24387, 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/26105/20700>. Acesso em: 23 mar. 2022.

COUTO, Ana Cláudia Porfírio; REZENDE, Fábio Henrique França; MEDINA, Aládia Cristina Rodrigues. Os Impactos Causados pelos Decretos da Prefeitura de Belo Horizonte no Lazer da População em Tempos de Pandemia. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 190–215, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25421>. Acesso em: 28 dez. 2021.

CURIEL, Ochy. Gênero, Raça e Sexualidade: Debates Contemporâneos. *In*: Baptista, Maria Manuel (Org). **Gênero e Performance: Textos Essenciais 1**. Coimbra: Gracio Editor, 2018, p. 215-237.

DELPHY, Christine. Gênero, raça, sexualidade – debates contemporâneos. *In*: BAPTISTA, Maria Manuel (org.) **Gênero e Performance: textos essenciais I**. Gracio Editor, Coimbra, 2018, p. 197-214.

DEVIDE, Fabiano Pries. Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte: reflexões e contribuições sobre as teorias de Raewyn Connel e Eric Anderson. *In*: DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro Teofilo de (org.) **Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte**. São Paulo: nVersos, 2021.

DIAS, Alfrancio Ferreira; BRAZÃO, José Paulo Gomes. Iniciativas de promoção das discussões de gênero e diversidade sexual no contexto acadêmico: um estudo comparativo. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 476-493, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9502>. Acesso em: 26 set. 2022.

DORNELLES, Priscilla Gomes; FRAGA, Alex Branco. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v. 1, n. 1, p.141-156, Agosto/2009.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1994.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Stuart Hall e feminismo. **MATRIZES**, v. 10, n. 3, p. 61-76, 23 dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/122541>. Acesso em: 01 ago. 2020.

ESTRELA, Fernanda Matheus et al. Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(9):3431-3436, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25n9/3431-3436/pt/#>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 47-71, Abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 ago. 2020.

FRAGA, Sérgio. Remodelado, Teatro Redenção será reaberto após 35 anos em Sete Lagoas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 22 de dez. de 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/12/22/interna\\_cultura,1333076/remodelado-teatro-redencao-sera-reaberto-apos-35-anos-em-sete-lagoas.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/12/22/interna_cultura,1333076/remodelado-teatro-redencao-sera-reaberto-apos-35-anos-em-sete-lagoas.shtml). Acesso em: 20 de ago. de 2022.

GARCIA, Leila Posenato; SANCHEZ, Zila M. Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36n10/e00124520/pt/#>. Acesso em: 13 ago. 2022.

FILIPPIS, André De; MARCELLINO, Nelson Carvalho. Formação profissional em lazer, nos cursos de Educação Física, no Estado de São Paulo. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 03 2013.

GARCIA, Leila Posenato; SANCHEZ, Zila M. Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36n10/e00124520/pt/#>. Acesso em: 13 ago. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 13, n. 2, 20 jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/815>. Acesso em: 01 ago. 2020.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 01 ago. 2020.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Rodrigo de Oliveira. **Lazer e Formação Profissional: um estudo sobre licenciatura e bacharelado em Educação Física**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9BFJC4>. Acesso em: 30 set. 2022.

GONÇALVES, Felipe Sobczynski; RECHIA, Simone. Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz e suas formas de apropriação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 265-271, 2015. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/1576>. Acesso em: 11 out. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sete-lagoas/panorama>. Acesso em: 28 abr. 2021.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Atuação do Profissional de Educação Física no âmbito do Lazer: a Perspectiva da Animação Cultural. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.2, p.407-413, abr./jun. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2577/2383>. Acesso em: 01 mar. 2021.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. Gênero: um debate que não quer calar. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (org.) **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 25-65.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEIRO, Augusto Cesar Rios. Educação, lazer e relações de gênero: talhes e doxas. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 19, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/956/4329>. Acesso em: 08 ago. 2020.

LEÃO, Ana Cláudia Alves et al. Consumo de álcool em professores da rede pública estadual durante a pandemia da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 71, n. 1, pp. 5-15, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/dSwWLYnptC6BjnWJ8dYy5wn/#>. Acesso em: 13 ago. 2022.

LIMA, Cássio de Almeida *et al.* Redução da renda familiar dos professores da educação básica de Minas Gerais na pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, 2021, v. 19. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/4dWvLDTzfmqNGTL6RcGTZxR/?format=html&lang=pt#ModalArticles>. Acesso em: 08 jan. 2022.

LOPES, Brenner; AMARAL, Jefferson Ney; CALDAS, Ricardo Wahrendorff. **Políticas Públicas: conceitos e práticas**. Belo Horizonte: Sebrae/MG, v. 7, 2008. 48 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MARRA, Robert; GONÇALVES, Yann Handel Farias; CONCEIÇÃO, Vagner Miranda da. Lazer e bem-estar mental e social do professor universitário durante a pandemia de covid-19. **Pista**: Periódico Interdisciplinar. Belo Horizonte, v.3, n.2, p.109-123, ago./nov. 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/27630/18940>. Acesso em: 6 jan. 2022.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 4. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Possíveis relações entre educação física e lazer. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, vol. 16, n1. p. 02-12, jan/jul 2012.

MARQUES, Emanuele Souza et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36. 30 de abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/SCYZFVKpRGpqq6sxJsX6Sftx/?lang=pt#>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MATOS, Lucília da Silva; PINHEIRO, Welington da Costa; BAHIA, Mirleide Chaar. Vivências do Lazer para Discentes do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará no Contexto de Pandemia da Covid – 19. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 251–288, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25433>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto. Impactos no Lazer: Perspectivas a partir da Pandemia do Novo Coronavírus. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25546>. Acesso em: 6 mai. 2021.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; ISAYAMA, Hélder Ferreira. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. *In*: **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas,

Autores Associados, 2017.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; SILVA, Marcília de Sousa; LOPES, Carolina Gontijo. Perspectivas sobre o Lazer das Mulheres com a Pandemia do Novo Coronavírus: Reflexões a partir dos Dados da Pesquisa “O Lazer no Brasil - Representações e Concretizações das Vivências Cotidianas”. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 163–189, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25363>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia**. Portal do Ministério da Educação. MEC. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=89051>. Acesso em: 02 jan. de 2022.

MEDEIROS, Danyela Martins. O teletrabalho durante a pandemia da covid-19: indicadores da intensificação do trabalho docente. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 10, n. 3, p. 1158–1171, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/62304>. Acesso em: 4 jan. 2022.

MEIRA, Júlio Cesar. ESTUDOS DE GÊNERO E HISTORICIDADE: Sobre a construção cultural das diferenças. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 27, n. 2 - Jul/Dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/29900>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, São Paulo: Manole, 2012.

MENDES, Cláudio Lúcio. O ensino remoto em Minas Gerais: uma análise pelo ciclo de políticas. **Devir Educação**, p. 384-408, 18 set. 2021. Disponível em: <http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/460>. Acesso em: 30 dez. 2021.

MEYER, Dagmar Estermann; SILVA, André Luiz dos Santos. Gênero, Cultura e Lazer: Potências e Desafios dessa Articulação. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 2, p. 488-510, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24092>. Acesso em: 30 jul. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**. Covid-19 Painel de controle.

Brasília: 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em 30 set. 2022.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. (RE)INVENTAR EDUCAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL EM TEMPOS DA COVID-19. **Rev. Augustus**, Rio de Janeiro, v.25, n. 51, p. 237-254, jul./out. 2020. <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/552/301> . Acesso em: 30 dez. 2021.

MOREIRA, Hudson de Resende et al. Qualidade de vida no trabalho e perfil do estilo de vida individual de professores de Educação Física ao longo da carreira docente. **Motriz: rev. educ. fis. (Online)**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 900-912, Dez. 2010. Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-65742010000400010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000400010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 mar. 2021.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2008.

NASCIMENTO, Diego Ebling do et al. Formação, Lazer e Currículo: Os Cursos de Educação Física do Tocantins. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 2, p. 342–361, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24044>. Acesso em: 13 ago. 2022.

OLIVEIRA, Breyner Ricardo de et al. Implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do Estado de Minas Gerais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 84–106, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13928>. Acesso em: 8 jan. 2022.

PESSOA, Amanda Raquel Rodrigues; MOURA, Marla Maria Moraes; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. A Composição do Tempo Social de Mulheres Professoras Durante a Pandemia. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 1, p. 161–194, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/29532>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda Carolina. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 18, p. 215-228, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/660/682>. Acesso em: 17 fev. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS. **Boletim Epidemiológico Coronavírus**. Disponível em: <https://www.setelagoas.mg.gov.br/detalhe-da->

materia/info/boletim-vacinacao-contra-a-poliomielite-termina-nesta-sexta-feira-30/69537. Acesso em: 30 set. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS. **Prefeitura vai retomar aulas de forma remota na próxima segunda-feira.** Disponível em: <https://www.setelagoas.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/prefeitura-vai-retomar-aulas-de-forma-remota-na-proxima-segunda-feira/57684>. Acesso em: 6 jan. 2022.

REIS, Cristina Roberta da Silva; TEIXEIRA, Sara Angélica. Heteronormatividade e implicações psicossociais para sujeitos não-heteronormativos. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5 n. 3 (2017). Disponível em: <http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/292>. Acesso em: 15 jul. 2021.

RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira et al. Os Impactos da Pandemia da Covid-19 no Lazer de Adultos e Idosos. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 391–428, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25456>. Acesso em: 16 jun. 2021.

RIBEIRO, Marden de Pádua; CLÍMACO, Fernanda Câmpera. Impactos da pandemia na educação infantil: a pandemia acelerou a necessidade de se problematizar a questão digital na educação infantil? **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1 (1 sem. 2020). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23756>. Acesso em: 25 dez. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Gênero e Lazer: um binômio instigante. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2008, p. 139-154.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. O Processo Educativo de Lazer: Vivências de um Grupo de Mulheres. *In*: SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SILVA, Junior Vagner Pereira da (Org). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Brasília: Universa, 2011, p. 27-44.

SANTOS, Carla Augusta Nogueira Lima; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Mercado de trabalho e perfil profissional: os caminhos da formação e atuação em lazer. **Motricidades**, v.3, n.2, p.116-130, 2019.

SANTOS, Cristiana Gimenes Parada dos.; AULICINO, Madalena Pedroso. Teatro, lazer, cultura e identidade: algumas questões sobre o espectador. **Conjecturas**, v. 22, n. 2, p. 1819–1828, 2022. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/907>. Acesso em: 8 jul.

2022.

SANTOS, Flávia da Cruz. Procurando o lazer na constituinte: sua inclusão como direito social na constituição de 1988. **Movimento**, Porto Alegre, p. 1305-1327, jul. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/43785/32481>. Acesso em: 10 out. 2021.

SA-SILVA, Suzana Patrícia de; YOKOO, Edna Massae; SALLES-COSTA, Rosana. Fatores demográficos e hábitos de vida relacionados com a inatividade física de lazer entre gêneros. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 26, n. 6, p. 633-645, Dez. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-52732013000600003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732013000600003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 04 ago. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1468/1029>. Acesso em: 03 mai. 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Resolução SEE N°4.310/2020**. Governo do estado de Minas Gerais. SEE. 2020. Disponível em: [https://www2.educacao.mg.gov.br/index.php?option=com\\_gmg&controller=document&id=24729-resolucao-see-n-4310-2020?layout=print](https://www2.educacao.mg.gov.br/index.php?option=com_gmg&controller=document&id=24729-resolucao-see-n-4310-2020?layout=print). Acesso em: 02 jan. 2022.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DE MINAS GERAIS. **Boletim epidemiológico coronavírus**. Governo do estado de Minas Gerais. SES. 2022. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/boletim> Acesso em: 30 set. 2022.

SETE LAGOAS. **Lei nº 8.416, de 09 de março de 2015**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/s/sete-lagoas/lei-ordinaria/2015/841/8416/lei-ordinaria-n-8416-2015-cria-a-caravana-do-lazer-no-municipio-de-sete-lagoas>. Acesso em 17 jun. 2021.

SILVA, Patricia de Oliveira Branquinho; OLIVEIRA, Bruna Carla Rodrigues de; PEREIRA, Flavia Helena. “Não consigo acompanhar as aulas”: ensino remoto em Minas Gerais. **Revista Thema**, v. 20, p. 315-327, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/2052>. Acesso em: 8 jan. 2022.

SILVA, Cinthia Lopes da; SILVA, Tatyane Perna. **Lazer e Educação Física: textos didáticos para a formação de profissionais do lazer**. Campinas, SP:

Papirus, 2012.

SILVA, Lara Livia Santos da et al. Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da COVID-19 no Brasil: caracterização e análise epidemiológica por estado. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 36, n. 9, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36n9/e00185020/#>. Acesso em: 25 dez. 2021.

SILVA, Leonardo Toledo; MENDES, Marcos Antônio da Silva; COUTO, Ana Cláudia Porfírio. Programa “Mexa-se”: Uma Política Pública de Saúde e Lazer? **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 22, n. 3, p. 378–400, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/15316>. Acesso em: 17 jun. 2021.

SILVA, Luiza Cupertino Xavier da; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Uma análise das políticas públicas de lazer para a população LGBT em Belo Horizonte. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-24, julho/dezembro, 2020.

SILVA, Tiago Felipe da. Lazer, Escola e Educação Física Escolar: Encontros e Desencontros. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/785>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SILVESTRE, Bruno Modesto; AMARAL, Silvia Cristina Franco. O Lazer dos Professores da Rede Estadual Paulista: Uma Investigação Comparativa Entre os Gêneros. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 20, n. 1, p. 60-87, 28 mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1587>. Acesso em: 19 ago. 2020.

SOUZA, Adalberto dos Santos; SILVA, Cinthia Lopes da. A Interface Educação/Lazer: Representações e Discursos de Professores de Educação Física da Rede Pública de Piracicaba-SP. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 22, n. 3, p. 1–33, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/15263>. Acesso em: 18 jan. 2022.

TAVARES, Leonardo Pereira; OLIVEIRA JÚNIOR, Francisco Lima de; MAGALHÃES, Marina. Análise dos discursos do presidente Jair Bolsonaro em meio à pandemia: o coronavírus é apenas uma “pequena gripe”? **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 7, pág. e609974469, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4469>. Acesso em: 20 dez. 2021.

TEJERA, Daniel Bidia Olmedo.; SOUSA, Ioranny Raquel Castro de; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. As Relações de Gênero na Opção de Lazer de

Pessoas Atuantes em Cooperativas de Trabalho. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 4, 20 dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/668>. Acesso em: 02 ago. 2020.

TEODORO, Ana Paula Evaristo Guizarde et al. A Dimensão Tempo na Gestão das Experiências de Lazer em Período de Pandemia da Covid-19 no Brasil. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 126–162, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25305>. Acesso em: 7 jul. 2021.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p.163-170, abr. 2016.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. *In*: **Dicionário crítico de gênero**. 2.ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

VENTURELLI, Ricardo Manffrenatti. DOCÊNCIA, TELETRABALHO E COVID-19: REINVENÇÃO, PRESSÃO E EXAUSTÃO DO PROFESSORADO EM TEMPOS DE QUARENTENA. **Revista Pegada** – vol. 21, n.3. 275 Setembro-Dezembro/2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/7815>. Acesso em: 02 jan. 2021.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 17-18, pág. 81-103, 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332002000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 de fev. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **COVID-19**. Disponível em: <https://www.who.int/covid-19>. Acesso em: 30 set. 2022.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz; MOLINA NETO, Vicente. O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v.11, n.1, p.47-70, janeiro/abril 2005.

## ANEXOS

### ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Público Alvo:** Professores e Professoras de Educação Física da rede pública de ensino de Sete Lagoas/MG.

Obs.: Este TCLE segue em duas vias de igual teor, sendo uma para o participante da pesquisa e outra arquivada com o pesquisador.

O (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“Lazer, gênero e pandemia: percepções de professores e professoras de Educação Física da rede pública de ensino de Sete Lagoas/MG”**. Sua participação não é obrigatória e você pode em qualquer fase do estudo desistir de participar, o que não lhe trará nenhum dano ou prejuízo. Certifique-se de ter compreendido todas as informações disponibilizadas antes do aceite ou não para participação na pesquisa. Colocamo-nos a disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que surgirem antes, durante e/ou após a realização deste estudo. A pesquisa tem duas etapas: a primeira consiste neste questionário online que você pode responder agora; a segunda, caso você tenha interesse, consiste em uma entrevista semi-estruturada, quando teremos a oportunidade de aprofundar melhor as informações que você ofereceu no questionário.

O objetivo deste estudo consiste em analisar possíveis diferenças de apropriação e de vivências experienciadas em suas práticas de atividades de lazer por professores e professoras de Educação Física durante a pandemia. Buscando-se compreender como as questões relacionadas a gênero se fazem presentes neste processo, como um importante marcador nas influências das práticas e acesso ao lazer de professores e professoras. Esta pesquisa contribuirá para uma maior compreensão do tema estudado, dando maior notoriedade aos professores e professoras de Educação Física e suas práticas de lazer, além disso esse estudo pode agregar para suprir a lacuna de pesquisas

sobre esta temática, ampliando conseqüentemente os debates e a exploração científica desse contexto.

Essa pesquisa apresenta benefícios indiretos aos participantes voluntários, ao oportunizar uma reflexão pessoal acerca do tema explorado no estudo, proporcionando novas perspectivas e olhares sobre o lazer de professores e professoras, mediante os elementos relacionados a gênero de acordo com as particularidades de cada participante. Considerando o gênero um tema emergencial na nossa sociedade, busca-se também colaborar para o desenvolvimento do tema.

Caso expresse seu consentimento em participar dessa pesquisa, você será submetido a um questionário online, e para isso pedimos a sua autorização para a coleta, o depósito, o armazenamento e a utilização de suas respostas.

A utilização do seu material está vinculada somente a este projeto de pesquisa ou se Sr. (a) concordar em outros futuros. Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira, sendo uma participação voluntária.

Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o (a) Sr. (a) tem assegurado o direito a indenização. O (a) Sr. (a) terá sua identidade preservada com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos publicados ou apresentados oralmente em congressos e outros eventos desse tipo. Garantimos, assim, proteção à sua identidade tanto durante o processo de pesquisa quanto após o término dela.

Elucidamos que, os riscos ou desconfortos de participação neste estudo são mínimos e estão na possibilidade de desconforto e cansaço em responder as perguntas. Esclarecemos que caso isso ocorra você poderá interromper a sua participação a qualquer momento.

Todo o material de pesquisa, será mantido por pelo menos cinco (5) anos armazenados de forma sigilosa e segura, junto ao Programa de

Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Após esse período, o material poderá ser destruído.

Em caso de surgimento de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos presentes na pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa (COEP – UFMG) poderá ser consultado por você, na Avenida Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 31270-901. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005, Campus Pampulha. E-mail: coep@prpq.ufmg.br . Tel: 34094592.

Declaro que li e concordo com todos os termos estipulados no TCLE e desejo participar voluntariamente da pesquisa.

---

Pesquisadora Responsável: FERNANDA SANTOS DE ABREU

Endereço: Avenida Prefeito Alberto Moura, nº 316 – Montreal CEP: 35.701-367 / Sete Lagoas – MG

Telefone: (31) 9 9991-1574

E-mail: fernandaabreuedfisica@gmail.com

Assinatura da pesquisadora responsável

\_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Pesquisadora Responsável: ELISÂNGELA CHAVES

Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 - Pampulha CEP: 31.270-901 / Belo Horizonte – MG

Telefone: (31) 9 8353-9339

E-mail: elischaves@hotmail.com

Assinatura da orientadora \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## APÊNDICES

APÊNDICE I – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO PESQUISA: “Lazer, gênero e pandemia: percepções de professores e professoras de Educação Física da rede pública de ensino de Sete Lagoas/MG”.

### 1. QUAL A SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA?

- a) Licenciatura em Educação Física
- b) Bacharelado em Educação Física
- c) Licenciatura e Bacharelado em Educação Física
- d) Outro: \_\_\_\_\_

### 2. NO ÂMBITO ESCOLAR VOCÊ ATUA: PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO:

- a) Rede Pública Estadual de Ensino
- b) Rede Pública Municipal de Ensino
- c) Rede Privada de Ensino

### 3. ATUALMENTE, QUAL SEU VÍNCULO EMPREGATÍCIO NO ÂMBITO ESCOLAR. PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO:

- a) Efetivo (a).
- b) Contratado (a).

### 4. HÁ QUANTOS ANOS VOCÊ ATUA LECIONANDO AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

- a) 1 a 10 anos
- b) 11 a 20 anos
- c) 21 a 30 anos
- d) Mais de 30 anos.

### 5. EM QUAL SEGUIMENTO DA EDUCAÇÃO VOCÊ MINISTRA AULAS? PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO.

- a) Fundamental I Anos Iniciais
- b) Fundamental II Anos Finais.
- c) Ensino Médio.
- d) EJA.
- e) Outro: \_\_\_\_\_

### 6. ALÉM DO CONTEXTO ESCOLAR, VOCÊ EXERCE OUTRA ATIVIDADE REMUNERADA EM OUTRO ESPAÇO? QUAL?

---

---

---

---

---

**7. QUAL A SUA CARGA HORÁRIA DE TRABALHO SEMANAL?**

- a) Até 10 horas semanais.
- b) De 11 a 20 horas semanais.
- c) De 21 a 30 horas semanais.
- d) De 31 a 40 horas semanais.
- e) Mais de 40 horas semanais
- f) Não Sabe

**8. VOCÊ COSTUMA TRABALHAR AOS FINAIS DE SEMANA NA ESCOLA OU EM OUTRO ESPAÇO?**

- a) Sim
- b) Não

**9. VOCÊ MORA EM SETE LAGOAS?**

- a) Sim
- b) Não

**10. A (S) ESCOLA (S) QUE VOCÊ TRABALHA FICA (M) SOMENTE EM SETE LAGOAS?**

- a) Sim
- b) Não

**11. SE NÃO, EM QUAL OUTRA CIDADE TRABALHA?**

---

---

---

---

---

**12. COMO É FEITO SEU TRANSPORTE PARA O TRABALHO?**

- a) Veículo Próprio
- b) Transporte Coletivo
- c) Veículo de Aplicativo de Transporte (Uber, 99...)
- d) Carona Compartilhada.

e) A pé.

f) Outro: \_\_\_\_\_

**13. QUAL A SUA FAIXA ETÁRIA?**

a) 18-28

b) 29-39

c) 40-50

d) 51-61

e) 62-72

f) 73 OU MAIS

**14. COMO VOCÊ SE IDENTIFICA EM RELAÇÃO A SUA RAÇA/COR?**

a) Amarela

b) Branca

c) Indígena

d) Parda

e) Preta

**15. QUAL A SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?**

a) Assexual

b) Bissexual

c) Gay

d) Heterossexual

e) Lésbica

f) Pansexual

g) Não Sabe

h) Prefiro não responder

i) Outro: \_\_\_\_\_

**16. QUAL O SEU SEXO:**

a) Feminino

b) Masculino

c) Prefiro não informar

**17. COMO VOCÊ IDENTIFICA O SEU GÊNERO?**

a) Sou Travesti

b) Sou Mulher Transexual / Transgênera (possui outra identidade de gênero, diferente da que lhe foi designada ao nascer)

c) Sou Homem Transexual / Transgênero (possui outra identidade de gênero,

diferente da que lhe foi designada ao nascer)

d) Sou Pessoa Não Binária (pessoa que não adota rótulos de gênero. Ela pode apresentar características físicas masculinas, femininas ou as duas, mas não se denomina “homem” ou “mulher”.)

e) Sou Mulher Cis (pessoa que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu.)

f) Sou Homem Cis (pessoa que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu.)

g) Não Sabe

h) Prefiro não responder.

i) Outro: \_\_\_\_\_

### **18. QUAL O SEU ESTADO CIVIL?**

a) Solteiro (a)

b) Casado (a)

c) Com Cônjuge, Companheiro (a), Namorado (a)

d) Separado (a) / Divorciado (a)

e) Viúvo (a)

### **19. VOCÊ TEM FILHOS (AS)?**

a) Sim

b) Não

### **20. CASO TENHA QUANTOS FILHOS (AS)?:**

---

---

---

---

### **21. APROXIMADAMENTE, QUAL É A SUA RENDA INDIVIDUAL MENSAL?**

a) Menos de 1.100,00

b) Entre 1.100,00 e 2.200,00

c) Entre 2.200,00 e 3.200,00

d) Entre 3.200,00 e 4.200,00

e) Entre 4.200,00 e 5.200,00

f) Acima de 5.200,00

g) Não Sabe

**22. SOMANDO A SUA RENDA COM A RENDA DAS PESSOAS QUE MORAM COM VOCÊ, QUANTO É, APROXIMADAMENTE, A RENDA FAMILIAR MENSAL?**

- a) Menos de 1.100,00
- b) Entre 1.100,00 e 2.200,00
- c) Entre 2.200,00 e 3.200,00
- d) Entre 3.200,00 e 4.200,00
- e) Entre 4.200,00 e 5.200,00
- f) Acima de 5.200,00
- g) Não Sabe

**23. ATUALMENTE, VOCÊ MORA COM (PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO):**

- a) Sozinho (a)
- b) Pai e/ou Mãe e/ou Irmãos (as)
- c) Esposo (a); Companheiro (a); Cônjuge/ Namorado (a)
- d) Filhos (as)
- e) Em Local Dividido (Pensão, República, Com Amigos, Outros Parentes...)
- f) Outro: \_\_\_\_\_

**24. NA SUA RESIDÊNCIA, DE QUEM É A PRINCIPAL RESPONSABILIDADE NO CUIDADO DO TRABALHO DOMÉSTICO E/OU CUIDADO COM FILHOS (AS)?**

---

---

---

---

---

**QUESTIONÁRIO – PARTE II**

**PARA TODAS AS PERGUNTAS ENVOLVENDO A PANDEMIA, O PERÍODO DE REFERÊNCIA É DE MARÇO DE 2020 A MARÇO DE 2021.**

**1. PARA VOCÊ O QUE É LAZER?**

---

---

---

---

---

**2. DURANTE O SEU PROCESSO DE GRADUAÇÃO, NA SUA FORMAÇÃO, VOCÊ TEVE CONTATO COM ALGUMA DISCIPLINA/CONTEÚDO QUE SE RELACIONAVA AO CAMPO DO LAZER?**

- a) Sim
- b) Não

**3. DAS ATIVIDADES ABAIXO, AS QUE VOCÊ CONSIDERE EM SUA VIDA COMO LAZER, ASSINALE COM QUAL FREQUÊNCIA DURANTE ESSE PERÍODO DE PANDEMIA AS REALIZOU: (SEMPRE, ÀS VEZES, NUNCA)**

- a) Ir ao cinema.
- b) Ir ao teatro.
- c) Esportes, Lutas, Danças...
- d) Academia.
- e) Ir a festas.
- f) Viajar.
- g) Sair com amigos.
- h) Ler livros, jornais, revistas.
- i) Artesanato.
- j) Caminhada.
- k) Ir a clubes.
- l) Ir a praças.
- m) Uso das redes sociais (facebook, instagram, tiktok, WhatsApp).
- n) Uso de plataformas para assistir filmes, séries, documentários. (Netflix, Youtube...)
- o) Assistir TV.
- p) Ouvir música.
- q) Atividades religiosas
- r) Durmo.
- s) Cuidados domésticos
- t) Outro: \_\_\_\_\_

**4. O QUE VOCÊ GOSTARIA DE FAZER NO SEU TEMPO DE LAZER, QUE ATUALMENTE VOCÊ NÃO CONSEGUE?**

---

---

---

---

---

**5. O QUE CONSIDERA COMO IMPEDIMENTO PARA ESSA REALIZAÇÃO?  
(PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO)**

- a) Falta de organização do tempo.
- b) Dificuldade Financeira.
- c) Problemas de Saúde.
- d) Ausência de Espaço Adequado onde moro.
- e) Violência.
- f) Falta de Companhia.
- g) Desinteresse.
- h) Distância de locais públicos para o lazer.
- i) Outro: \_\_\_\_\_

**6. DURANTE ESSE PERÍODO DE PANDEMIA O SEU TEMPO LIVRE PARA O LAZER SOFREU ALTERAÇÃO?**

- a) Sim, Ocorreu Pouca Diminuição Nesse Tempo.
- b) Sim, Ocorreu Muita Diminuição Nesse Tempo.
- d) Sim, Ocorreu Pouco Aumento Nesse Tempo.
- e) Sim, Ocorreu Muito Aumento Nesse Tempo.
- f) Não Ocorreu Nenhuma Alteração.
- g) Não Sabe.

**7. NA SUA OPINIÃO, PROFESSORES E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA TEM MAIS ESCLARECIMENTO SOBRE O CAMPO DO LAZER E SUAS POSSIBILIDADES DO QUE OUTRAS PESSOAS? EXPLIQUE.**

---

---

---

---

---

**8. A PANDEMIA RESSIGNIFICOU PARA VOCÊ A SUA PERCEPÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO LAZER EM SUA VIDA?**

- a) Sim, Positivamente.
- b) Sim, Negativamente.

- c) Não Ressignificou.
- d) Não Sei Responder.

**9. VOCÊ ACREDITA QUE TODAS AS PESSOAS (MULHERES, HOMENS, GAYS, IDOS@S, NEGR@S ETC...) POSSUEM AS MESMAS CONDIÇÕES DE OPORTUNIDADE PARA VIVENCIAREM O LAZER?**

- a) Sim.
- b) Não.

**10. NA SUA OPINIÃO, OS ELEMENTOS RELACIONADOS AO GÊNERO PODEM REFLETIR ASPECTOS DE DIFERENCIAÇÃO DE OPORTUNIDADES, CONDIÇÕES E USUFRUTO NAS SUAS EXPERIÊNCIAS DE LAZER?**

- a) Sim.
- b) Não.

**11. NAS SUAS VIVÊNCIAS DE LAZER, DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO DE MARÇO DE 2020 A MARÇO DE 2021, VOCÊ ENCONTROU DIFICULDADES DE DESFRUTÁ-LAS?**

- a) Sim.
- b) Não.

**12. VOCÊ ACHA QUE AS DIFICULDADES TÊM RELAÇÃO COM SEU GÊNERO?**

- a) Sim.
- b) Não.

**13. EM RELAÇÃO AS PRÁTICAS DE LAZER QUE VIVÊNCIOU NESSE PERÍODO, CONSIDERAM QUE ELAS TÊM IDENTIDADE CULTURAL DE APROXIMAÇÃO COM O IMAGINÁRIO SOCIAL FEMININO OU MASCULINO?**

- a) Sim.
- b) Não.

**14. O QUE VOCÊ GOSTARIA DE TER FEITO NO SEU TEMPO DE LAZER, QUE VOCÊ NÃO CONSEGUIU?**

---

---

---

---

---

APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA PESQUISA: “Lazer, gênero e pandemia: percepções de professores e professoras de Educação Física da rede pública de ensino de Sete Lagoas/MG”.

**PARA TODAS AS PERGUNTAS ENVOLVENDO A PANDEMIA, O PERÍODO DE REFERÊNCIA É DE MARÇO DE 2020 A MARÇO DE 2021.**

1. Durante a pandemia, qual foi a importância do lazer para você?
2. No período da pandemia, entre março de 2020 a março de 2021, quais foram as suas vivências de lazer? Pode destacar, em breve relato, as principais?
3. Na sua opinião, a sua área de atuação (educação física) interfere nas suas possibilidades e experiências de lazer? Se sim, de que forma?
4. Durante o primeiro ano da pandemia, quais foram as suas maiores dificuldades relacionadas ao tempo e vivência do lazer?
5. Na sua percepção, quais as relações entre lazer e gênero?
6. O que você entende por gênero?
7. Como professor/professora de educação física as suas práticas de lazer durante a pandemia foram impactadas por questões de gênero? Se sim, de que forma?
8. Nas suas experiências de lazer durante a pandemia, você passou por alguma situação direta ou indireta na qual se sentiu inibido (a), constrangido (a) ou restrito em realizar determinada prática de lazer por causa de questões de gênero? Qual ou quais?
9. Nas suas experiências de lazer no período da pandemia, questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer? Se sim, de que forma?